UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

LINHA – CULTURA E SOCIEDADE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Valter Gomes Santos de Oliveira

REVELANDO A CIDADE:

Imagens da modernidade no olhar fotográfico de Osmar Micucci (Jacobina 1955-1963)

Salvador – Bahia

2007

Valter Gomes Santos de Oliveira

REVELANDO A CIDADE:

Imagens da modernidade no olhar fotográfico de Osmar Micucci (Jacobina 1955-1963)

UFBA - 2007

Valter Gomes Santos de Oliveira

REVELANDO A CIDADE:

Imagens da modernidade no olhar fotográfico de Osmar Micucci (Jacobina 1955-1963)

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História Social.

Orientadora: Heloísa Helena Costa

Salvador – Bahia

2007

Profª Dra. Lígia Bellini

Prof. Dr. Charles D´Almeida Santanna

Profª Dra. Heloisa Helena Fernandes Costa - Orientadora

Aos meus pais, Cosme e Miriam.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é como regar uma planta, é preciso fazer constantemente se quiser vê-la crescer e dar bons frutos. A realização desta dissertação contou com a colaboração, direta e indireta, de muitas pessoas. Ainda que incorra na infelicidade de não citar alguém sou grato a todos por este fruto.

Pela minha formação como ser humano, agradeço em primeira mão ao Supremo Deus e a toda minha família, sem a qual minha existência não seria possível. Ao meu filho Dante, a minha companheira Núbia e a Sara, Iria, Beatriz e Breno. Vocês são todos especiais para mim.

Dentro da Universidade do Estado da Bahia agradeço ao colegiado do qual faço parte e a todos os colegas do departamento de Jacobina pela liberação das minhas atividades docentes durante o período do mestrado. Agradecimentos especiais para todos os colegas e alunos que compõem o Núcleo de Estudos de Cultura e Cidade (NECC), principalmente Alan Sampaio (pela parceria e leitura do projeto), Adriano Menezes (pelos papos amigos e leitura final da redação), Washington Drummond (pelos primeiros incentivos no tema), Luis Blumme, Antônio Muniz, Fabrício Lyrio e o aluno Ronaldo Almeida. A existência deste Núcleo é um forte estímulo para lutar pela universidade que acreditamos. Pelo acesso de algumas fontes para a pesquisa, agradeço ao Núcleo de Estudos Orais, Memória e iconografia (NEO), especialmente a Jackson Ferreira, pela relação de confiança. Agradeço também a PPG da UNEB pela concessão da bolsa de estudos para a realização das minhas atividades durante o programa do mestrado.

Fora da Academia meus agradecimentos às sólidas amizades construídas em vários momentos da minha vida. A presença dos amigos é sempre gratificante. Agradeço a CMatos, Aurivone, Luna e Iure pela acolhida familiar em Salvador durante a creditação do mestrado. A amiga Virgínia pelos apoios. A Fábio Carvalho e Normando Neto, amigos de vida e de projetos fotográficos. A Joelma, Jeane, Joel e Daniela pelos bons momentos juntos. A Ari Jr. pela colaboração com o tratamento de imagens. Aos fotógrafos Osmar Micucci e Lindenício Ribeiro pela abertura dos acervos.

Por fim, o agradecimento especial à orientadora Heloisa Helena Costa. Sua simplicidade, confiança e amizade foram as coisas mais importantes nesta nossa relação.

A câmara viajante

Que pode a câmara fotográfica?
Não pode nada.
Conta só que viu.
Não pode mudar o que viu.
Não tem responsabilidade no que viu.

A câmara, entretanto,
Ajuda a ver e rever, a multi-ver
O real nu, cru, triste, sujo.
Desvenda, espalha, universaliza.
A imagem que ela captou e distribui.
Obriga a sentir,
A, criticamente, julgar,
A querer bem ou a protestar,
A desejar mudança.

A câmara hoje passeia contigo pela Mata Atlântica.
No que resta – ainda esplendor – da Mata Atlântica
Apesar do declínio histórico, do massacre
De formas latejantes de viço e beleza.
Mostra o que ficou e amanhã – quem sabe? acabará?
Na infinita desolação de terra assassinada.
E pergunta: "Podemos deixar
Que uma faixa imensa do Brasil se esterelize,
Vire deserto, assuário, tumba da natureza?"

Este livro-câmara é anseio de salvar
O que ainda pode ser salvo,
O que precisa ser salvo
Sem esperar pelo ano 2 mil.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

A presente dissertação possui como tema a obra fotográfica produzida por Osmar Micucci entre os anos de 1955 a 1963 sobre a cidade de Jacobina. Nela o fotógrafo é visto como um espectador privilegiado no momento em que a cidade passou por um conjunto de transformações na sua paisagem urbana e nas práticas culturais de sua população, entendidas na época como sintomas da modernidade. Trabalhando como fotógrafo, Micucci produziu um conjunto de imagens urbanas, apontando através delas seu olhar atento para diversos aspectos que revelam, tanto panoramicamente quanto pontualmente, o acompanhamento das transformações na cidade. O estudo teve como objetivo analisar esse olhar fotográfico e sua importância dentro daquele contexto em Jacobina.

Nesta pesquisa a fotografia foi tratada como documento histórico de primeira grandeza, estabelecendo diálogos com outras fontes, como a imprensa, a oralidade e escritos da época. A fotografia é analisada tanto como um artefato técnico quanto artístico e situada naquela realidade histórica específica. O olhar urbano de Micucci é visto dentro do contexto interno e externo da história da fotografia, de maneira que sua obra é pensada na relação entre a cultura fotográfica local, nacional e mundial. Por outro lado, as fotografias de Micucci também são tratadas como patrimônio cultural da cidade, dado o valor histórico que elas cumpriram na construção daquela memória social.

Palavras-chave: Fotografia, fotógrafos, cidade e memória.

ABSTRACT

The present dissertation's theme is the photographic work produced by Osmar Micucci between the years 1955 and 1963 about the city of Jacobina. Here the photographer is seen as a privileged beholder at the time the city went through several changes in its urban outlooks and in the cultural practices of its population, which were understood then as symptoms of modernity. Working as a photographer, Micucci produced a set of urban images, focusing through them his attentive look onto several aspects which reveal, both panoramically and punctually, his following of the changes in the city. The study aimed to analyze that photographic look and its importance inside that context in Jacobina.

In this research, photography was treated as a historical document of first greatness, establishing dialogues with other sources, as the press, orality and writings from that time. Photography is analyzed as a both technical and artistical artifact and it is situated in that specific historical reality. Micucci's urban look is seen inside history of photography's internal and external contexts, thus his work is thought in the relation among culture, local, national and worldwide photography. In the other hand, Micucci's photographs are also treated as cultural patrimony of the city, given the historical value they performed in the construction of that social memory.

Keywords: Photography, photographers, city and memory.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS 11

CAPÍTULO 1. ESPECTADOR FOTOGRÁFICO DA CIDADE

Introdução 19

"O olho da História" 20

Fotógrafos e cidades 25

Profissão: fotógrafo 31

Osmar Micucci e a cultura fotográfica em Jacobina 33

CAPÍTULO 2. IMAGENS DA MODERNIDADE EM JACOBINA

Introdução 60

Em busca da "esthetica das urbs modernas" 61

"Jacobina na senda do progresso" 67

"Vistas da cidade": modernização da fisionomia urbana 71

Práticas culturais na "cidade civilizada" 85

CAPÍTULO 3. FOTOGRAFIAS NAS FRONTEIRAS DA MEMÓRIA

Introdução 108

Constituição de um padrão visual em Jacobina 109

Fotografias entre monumentos e patrimônios 118

JK em Jacobina: imagens desvendando histórias 130

Imagens oficiais no olhar de Osmar Micucci 139

CONSIDERAÇÕES FINAIS 153

FONTES E BIBLIOGRAFIA 159

ANEXOS 171

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

> Cada vez mais valorizada e freqüentada por profissionais e analistas da cultura, a produção fotográfica, de ontem e de hoje, muitas vezes motivada por uma intricada rede de interesses materiais e simbólicos, legou-nos uma enorme massa documental. Desde meados de 1970 ela vem sendo coletada, classificada e organizada nos arquivos públicos e privados. Esses acervos têm viabilizado o alargamento dos campos de investigação não apenas dos profissionais da história, mas também de outros campos das ciências sociais[1].

Apesar de ainda ser relativamente pequeno o número de historiadores que atualmente trabalham com arquivos fotográficos, a fotografia vem ocupando, a cada dia que passa, um espaço mais significativo na pesquisa histórica. Ela, que outrora era utilizada como um elemento meramente ilustrativo, vem ultimamente ganhando um *status* de fonte de primeira grandeza por diversos historiadores que a consideram como suporte iconográfico e iconológico, passível de comunicação extrínseca e intrínseca[2].

Com a abertura do leque de temas e objetos trabalhados pela Nova História, muito dos seus êxitos não teriam sido possíveis caso as pesquisas se limitassem às fontes tradicionais, a exemplo dos documentos oficiais produzidos pelas administrações públicas de cidades. Por isso o uso das imagens fotográficas tem sido de grande utilidade para os estudos históricos correspondentes aos períodos posteriores a 1839, quando o invento foi oficializado por Daguerre, em Paris.

Para fazer uso da fotografia nos estudos históricos, o pesquisador deve levar em consideração as enormes possibilidades de utilização deste rico material iconográfico. Os estudos de História Social e Cultural têm demonstrado que a fotografia pode ser tanto uma fonte importante quanto objeto de pesquisa. No caso específico dos estudos urbanos da era pós-industrial, a fotografia ocupa um papel significativo, haja vista a quantidade de fotógrafos que atuou e produziu imagens sobre as cidades.

Esta dissertação parte do princípio de que o fotógrafo, na era contemporânea, é um espectador privilegiado da cidade, e como tal, produtor de impressões visuais da sua

---

[1] BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & Fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 87.

[2] BURKE, Peter. *Testemunha ocular:* história e imagem. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica: Daniel Aarão Reis Filho. Bauru, SP: EDUSC, 2004, pp.43-56.

História e dos acontecimentos. Com o advento da fotografia, muitos destes profissionais se encarregaram em registrar e documentar as constantes transformações ocorridas nas cidades para onde direcionaram seus olhares. Como em outros lugares, aqui no Brasil o mesmo fenômeno não ocorreu apenas nas grandes cidades, os maiores alvos dos fotógrafos, mas também as pequenas cidades tiveram suas histórias documentadas por estes espectadores urbanos.

A presente abordagem analisa o olhar fotográfico de Osmar Micucci em Jacobina, entre os anos de 1955 a 1963. Localizada no sertão baiano, a 330 km de Salvador, na região hoje conhecida como Piemonte da Diamantina, a cidade viveu um significativo processo de transformação na sua paisagem urbana e nos costumes locais, como parte de um programa civilizatório e progressista levado a cabo pelas duas administrações do município durante o período em questão. Acompanhando todo aquele processo, o fotógrafo conseguiu registrar, através das suas câmeras, diversas imagens que carregam consigo forte referência com o contexto de transformações na cidade. Osmar Micucci destaca-se entre os demais fotógrafos da época em Jacobina tanto pela sua intensa produção, como também pela extensão de suas abordagens, aliado ao fato de que prestou importantes serviços para aquelas duas administrações.

A investigação histórica através de imagens fotográficas exige, por sua vez, algumas atenções do pesquisador. Apesar do registro fotográfico ser fruto de um referente externo, que garante autenticidade à imagem, ele está longe de ser um produto neutro, isento de subjetividade. A imagem final é sempre o resultado de uma vontade do fotógrafo que operou um recorte do espaço e do tempo. É importante também ter em mente que o produto fotográfico faz parte de uma trajetória histórica da tecnologia empregada. Ao longo do desenvolvimento tecnológico da fotografia foram surgindo vários formatos e padrões de visualidade, que é válido o pesquisador social ter noção, para que não se perca de vista os seus peculiares limites e potencialidades enquanto documento. Esses conhecimentos são importantes para melhor exploração do documento, extraindo dele informações mais seguras.

O interesse histórico pessoal pela fotografia de cidade surgiu durante o período de atuação como fotógrafo *free-lancer* em Jacobina, nos anos de 1992 a 1995. A partir dali foi iniciado um processo de digitalização de acervos de fotografias antigas. Em

2003, já atuando como professor da Universidade do Estado da Bahia, essas atividades de recolhimento de imagens foram formalizadas através do projeto de pesquisa *A Memória Fotográfica de Jacobina: investigações sobre os fotógrafos e suas obras na cidade*. Durante o período de envolvimento com a pesquisa foi montado um considerável acervo digitalizado de imagens da cidade, que abrange o final do século XIX até os dias atuais, ao tempo em que foi desenvolvido um levantamento dos fotógrafos profissionais que atuaram e atuam em Jacobina. Foram feitas também algumas apresentações públicas das imagens fotográficas através de projeções digitais em vários espaços da cidade. As atividades funcionaram como forma de promover a aproximação da comunidade com as imagens históricas da sua cidade, através das obras dos fotógrafos de épocas e gerações diferentes. A recepção foi surpreendente, tanto para aqueles que vivenciaram os períodos abordados pelas fotografias quanto para as gerações mais novas, que passaram a ter contato visual com o passado histórico através da memória fotográfica.

Em 2006 foi realizada uma exposição de fotografias do acervo do projeto, intitulada *A Memória Fotográfica de Jacobina,* ocorrida entre os dias 27 de outubro a 30 de novembro, sendo bastante visitada no salão do Centro Cultural Edmundo Isidoro dos Santos, em Jacobina.. A exposição fez parte do projeto *Arte e Cidade,* organizado pelo Núcleo de Estudos de Cultura e Cidade (NECC), da UNEB, e com o patrocínio do Banco do Nordeste, através do programa BNB de Cultura, para a realização de três exposições de artes visuais sobre a cidade de Jacobina. Um outro produto oferecido por esse projeto foi o livro *Arte e Cidade: imagens de Jacobina,* lançado pela Editora da Universidade do Estado da Bahia. O livro é composto das imagens das três exposições e uma coletânea de textos de membros do NECC que versam sobre as obras e os artistas apresentados. No texto referente à memória fotográfica de Jacobina foi feita uma abordagem sobre parte da coleta de dados da pesquisa, cujos resultados estão também aqui nesta dissertação.

Jacobina não possui no Arquivo Público Municipal um setor de iconografias do município. Atualmente, em função da existência do curso de História, a nível de graduação e de especialização, naquele *campus* da UNEB, a demanda por estudos locais tem motivado a instituição a suprir parte da deficiência do Arquivo Municipal, compondo valiosos acervos de documentos através de seus dois núcleos de pesquisa: o Núcleo de Estudos de Cultura e Cidade (NECC) e o Núcleo de Estudos

Orais, Memória e Iconografia (NEO). O projeto *A Memória Fotográfica de Jacobina* vem contribuindo nesse sentido com o atendimento a diversos pesquisadores sobre a História local. Por dois anos o projeto contou com a participação de um bolsista de pesquisa, e durante um semestre, com uma monitora de extensão. Eles auxiliaram na tarefa de aquisição de fotografias, digitalização, realização e transcrição de entrevistas aos fotógrafos, familiares e clientes, e também nos encontros abertos de estudos sobre fotografia e projeções públicas de imagens do seu acervo.

O primeiro contato feito com a obra de um fotógrafo da cidade foi em 2000, com as imagens de Amado Nunes. Através de um acervo particular encontrado do fotógrafo, foi verificado que entre os quase duzentos negativos existentes, o tema principal das imagens era a cidade de Jacobina, entre os anos de 1960 a 1970. Depois de feito a ampliação de quase todo o material, o que mais chamou a atenção era o fato da cidade ter sido representada quase que deserta. Isso lembrou uma das características das fotografias urbanas de Eugène Atget, em Paris, entre o final do século XIX para início do XX. Este fotógrafo deixou um extenso conjunto de imagens de vários lugares da cidade após as grandes reformas urbanas, onde, curiosamente, eles aparecem vazios de pessoas. Após um período pesquisando a obra de Amado Nunes e suas atividades na cidade, foram produzidos dois artigos sobre sua obra e algumas comunicações em eventos acadêmicos.

Posteriormente, foram feitas as primeiras investigações nas obras de outros fotógrafos na cidade, como Juventino Rodrigues, Lindenício Ribeiro e Aurelino Guedes. Da obra do primeiro resultou um pequeno estudo sobre a circulação e difusão das suas imagens, desenvolvido pelo aluno de graduação Ronaldo Almeida, como parte da bolsa de iniciação científica da UNEB. Quanto ao segundo, cuja produção ocorreu a partir da década de 1960, sua obra está em processo de digitalização e organização através do projeto. Já do terceiro, foi identificada uma modesta, mas, interessante produção na cidade desde os anos trinta até os cinqüenta, tendo suas imagens sido utilizadas em alguns veículos de difusão dentro e fora de Jacobina. No entanto, foi através do acervo da família Barberino que se entrou em contato, pela primeira vez, com a dimensão da obra de Osmar Micucci. O prefeito Florivaldo Barberino, durante seu mandato (1959-1963), documentou todas as ações administrativas na cidade através de fotografias feitas por Micucci. Foi percebido ali um importante material para estudo por se tratar de um olhar oficial da

administração municipal. Sabendo que o fotógrafo residia em Salvador, após entrar em contato com ele, e realizar algumas entrevistas, passou-se a partir daí a ter maior conhecimento da sua trajetória como fotógrafo em Jacobina.

Realizando esta pesquisa é que se manteve contato com a maior parte da produção que o fotógrafo Osmar Micucci empreendeu na cidade. A obra desenvolvida por ele entre os anos 50 e 60 é importante sob duplo aspecto: o caráter do próprio artefato fotográfico e o que as imagens representam para a cidade. O olhar de Micucci está inserido em um contexto de modernização tecnológica da fotografia e abertura do olhar com a ruptura estética promovida pela fotografia moderna brasileira e o advento do fotojornalismo. Por outro lado, as imagens de Micucci também representam um grande painel visual sobre a cidade de Jacobina num contexto em que o Brasil e a Bahia viviam seus dias de euforia desenvolvimentista, estando as fotografias repletas de signos que sinalizam esse mesmo clima na pequena cidade. O cruzamento de informações com o jornal *Vanguarda* foi importante para se perceber as marcas desse programa de modernização desenvolvido na fisionomia urbana e sobre os aspectos culturais de sua população.

É necessário mencionar a inexistência de estudos locais sobre a fotografia nas pesquisas históricas de cidades baianas. Isso constituiu um obstáculo a ser superado por este incipiente estudo. Afinal, de onde partir para pensar a experiência fotográfica na Bahia[3]? Recorreu-se, sempre que possível, a trabalhos importantes desenvolvidos sobre outras cidades mundiais, como Paris, ou de cidades de outros estados brasileiros, como Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul ou a Paraíba. Isso foi bastante esclarecedor para identificar as similitudes entre a experiência do olhar fotográfico desenvolvido por uma pequena cidade do interior baiano e os olhares de outras localidades distantes. O conhecimento das obras de fotógrafos, nos anos 50 e 60, já estavam bastante difundidos através de livros, manuais, revistas, jornais, postais ou álbuns, espalhados pelo país. Essa circulação, certamente, colaborou para a ampliação dos horizontes do olhar em localidades distantes dos grandes centros urbanos.

---

[3] A respeito da fotografia na Bahia, no final de 2006 foi lançado o livro *A Fotografia na Bahia (1839 a 2006)*, importante antologia fotográfica que colabora para preencher a grande lacuna sobre o tema no Estado. Apesar do mérito desta obra, pouco ainda se sabe da trajetória histórica da fotografia no vasto território das pequenas cidades baianas. Nesse sentido, existe uma contribuição foi feita por este pesquisador no citado trabalho *Arte e Cidade*: imagens de Jacobina.

Boris Kossoy, em conhecido estudo, aponta as devidas distinções entre os objetos de investigação no plano da história da fotografia e da História através da fotografia. Enquanto a primeira diz respeito aos caracteres específicos do artefato fotográfico em seu processo histórico, num gênero que flui no limiar da ciência e da arte, a segunda faz uso da iconografia do passado para se chegar a conhecer certos aspectos históricos desse passado. Apesar desta pesquisa não ter como tema central a história da fotografia, mas sim sobre as características do olhar de Micucci acerca da experiência urbana em Jacobina, ela não deixa de apontar para aspectos dessa questão, principalmente pela inexistência de estudos anteriores que lhe servissem de referência para as investigações das fotografias locais com mais segurança. Como assegura Kossoy

> A gênese e história dos documentos fotográficos, assim como os fragmentos do mundo visível que esses mesmos documentos preservam congelados, dão margem a essas duas vertentes distintas de investigação que, todavia, não se dissociam, posto que ambas têm como núcleo central *os próprios documentos fotográficos*. A mesma matéria e expressão que constituem trazem informações decisivas de um passado que é comum para os dois ramos do conhecimento histórico[4].

Nesta dissertação, os capítulos reservam espaços para a interpenetração das duas abordagens. Neles a obra de Osmar Micucci é compreendida dentro de uma tradição fotográfica interna local em relação à trajetória histórica da fotografia mundial e brasileira, ao tempo que, para além da importância técnica e estética, seu valor como indício visual[5] foi fundamental para a pesquisa histórica da cidade num período recente, marcado pela utopia dos anos dourados vividos pela Bahia e o Brasil.

No primeiro capítulo, *Espectador Fotográfico da Cidade*, são desenvolvidas algumas discussões em torno da fotografia, enquanto técnica, mensagem visual e documento histórico. O primeiro aspecto, sobre a relação entre fotografia e história, traz uma abordagem sucinta sobre o surgimento da técnica, seus impactos na sociedade oitocentista e suas potencialidades como fonte para a pesquisa histórica. No

---

[4] KOSSOY, Boris. *Fotografia e História.* São Paulo: Ática, 1989, pp. 34-35.

[5] Neste trabalho a expressão "indício visual" é feita valendo-se do que sugere o historiador Gustaaf Renier, quando chama a atenção para a utilidade do uso da idéia de "indício" em substituição ao de "fonte". É utilizada aqui a expressão "indício visual" para se referir exclusivamente a imagem fotográfica. O termo desperta para a presença de intermediários em toda a cadeia de uso da fotografia, desde o fotógrafo, autor da imagem, aos clientes, consumidores, ou demais pessoas e instituições que a utilizaram. Ver: Peter Burke. *Op. Cit.*, p. 16.

segundo aspecto, sobre a relação entre fotografia e cidade, o profissional fotográfico é analisado como um espectador privilegiado do universo urbano, sendo abordados os olhares de quatro fotógrafos sobre duas importantes cidades-referências no mundo: Paris e Rio de Janeiro. Por fim, o fotógrafo Osmar Micucci, sua técnica e obra são analisados no contexto da cultura fotográfica local. Foi preciso recorrer a uma ampla gama de informações obtidas sobre os fotógrafos e suas obras na cidade através da pesquisa *A Memória Fotográfica de Jacobina,* onde além da análise das fotografias, recorreu-se aos jornais locais, a exemplo do *Ideal, Correio de Jacobina, O Lidador* e *Vanguarda*, e também a entrevistas com fotógrafos, familiares e clientes.

No segundo capítulo, *Imagens da modernidade em Jacobina,* o foco da discussão é centrado tanto no imaginário fotográfico de Osmar Micucci, em diálogos com outros fotógrafos locais, quanto na produção escrita sobre a cidade. Foram notadas desde o início no século, a partir do histórico artigo *Minha Terra,* de Afonso Costa, de 1916, as tentativas de estabelecer comparações entre a estética urbana local e a das grandes cidades consideradas "modernas". A pesquisa procurou investigar as tentativas de busca em Jacobina dessa "estética moderna", identificada na realização de obras públicas na cidade e nos discursos fotográficos e jornalísticos. Ao longo do capítulo, através das imagens construídas sobre a cidade nas fotografias e nas letras, foram analisadas as marcas das transformações na fisionomia urbana e nos traços sócio-culturais da cidade no seu afã da modernidade. O olhar fotográfico de Micucci é compreendido no entrecruzamento com o discurso jornalístico e literário da sua pequena elite letrada da época.

No último capítulo, intitulado *Fotografias nas fronteiras da memória,* a fotografia é consagrada como patrimônio histórico e cultural da cidade. Nele são abordados os usos e as funções da fotografia na sociedade de Jacobina, mostrando como historicamente ela esteve bem presente na sua memória social e a importância da obra de Osmar Micucci nesse processo. Na primeira parte é apresentada a constituição de um padrão visual da cidade, amplamente marcado no imaginário social e identificado no decurso do século XX, em forma de vistas urbanas, cartões postais, álbuns fotográficos, todos comercializados e difundidos em usos variados. Em seguida aborda-se como a fotografia cumpriu uma função em Jacobina na identificação, preservação e divulgação dos seus monumentos arquitetônicos. Na

seqüência do estudo é feita uma investigação sobre a presença da visita do presidente Juscelino Kubitschek na memória fotográfica local. O então presidente esteve na cidade em 1957, justamente no auge da administração de Orlando Pires (1955-1959), sendo o evento apresentado em discursos divergentes, pela imprensa e pela fotografia. Por fim, o capítulo apresenta o olhar oficial de Osmar Micucci na cobertura da administração de Florivaldo Barberino (1959-1963). Este prefeito procurou garantir e preservar na memória local, através do uso da fotografia, sua imagem pessoal e promoção do seu mandato.

CAPÍTULO 1

ESPECTADOR FOTOGRÁFICO DA CIDADE

Introdução

> Gosto de fotografar tudo! De preferência gente, e aquilo que se mexe, porém na sua forma mais natural, ou seja, quando não são percebidos que estão sendo fotografados, porque exatamente assim flagramos o lado real dos seus sentimentos, de suas ações, de seus olhares e do labor diário. É justamente na fixação destes momentos que me sinto envolvido encontrando o essencial das coisas, me descobrindo, me vendo, e, em síntese, conseguindo numa simples fotografia mostrar um veiculo de comunicação.
>
> Fotografando vou conhecendo gente e gravando estas verdades que me sensibilizam, congelo para a humanidade o que se passa numa pequena vila, cidade, estado ou país[6].

Foi "fotografando tudo", ou quase tudo, que Osmar Micucci deixou gravado seu nome no imaginário social de Jacobina. Atuando como fotógrafo durante as décadas de 1950 e 1980 ele produziu uma vasta obra que é destaque no universo da fotografia da cidade. Em diferentes formatos e suportes, ela é composta de milhares de imagens que demonstram, entre outras coisas, o processo de modernização do espaço urbano e a afirmação da fotografia como "veículo de comunicação" bastante utilizado por diversos segmentos sociais. Mais do que "se descobrir" Micucci revelou em suas imagens uma época em que a população local se reconhecia vivendo dentro da modernidade urbana, entre fins dos anos 50 e início dos anos 60, buscando na fotografia a "fixação destes momentos".

As relações entre os fotógrafos e as cidades remontam aos primórdios da fotografia. No decurso do século XIX muitos fotógrafos produziram inúmeras obras sobre as cidades crescentes. O repertório de imagens existentes é enorme, uma vez que os fotógrafos acompanharam tanto o cotidiano da grande cidade em vias de modernização, a exemplo de Paris e do Rio de Janeiro, como até seus efeitos em pequenas cidades brasileiras. O significado do fotógrafo para as pequenas cidades brasileiras pode ser compreendido pelo fato de que até meados do século passado, o número de estúdios instalados era um dos elementos para medir os seus níveis de desenvolvimentos. Por outro lado, as obras produzidas por esses fotógrafos

---

[6] Um dos raros escritos do fotógrafo Osmar Micucci encontrado em seu arquivo particular.

constituem atualmente fontes importantes para se conhecer os traços homogeizantes e singulares dos efeitos das modernizações vividas pelas cidades do interior do Brasil.

No entanto, analisar a obra e o olhar de Micucci em Jacobina implica em perscrutar os traços de uma tradição fotográfica urbana, surgida a partir da invenção e desenvolvimento da técnica na Europa, no Brasil e na cidade, percebendo ali também os traços de uma cultura fotográfica fortemente marcante no país.

"O olho da História"

Foi no ambiente urbano da Revolução Industrial que surgiu a fotografia. Fruto das constantes pesquisas ligadas aos conhecimentos físico-químicos, diversos pesquisadores, como Niépce e Daguerre, vinham tentando desde o início do século XIX conseguir fixar imagens utilizando produtos fotossensíveis na câmera obscura. Niépce conseguiu obter uma imagem a partir de sua janela, em 1824, depois de cerca de 10 horas de exposição. Foi o início da aventura fotográfica. Depois de desenvolver um equipamento para este fim em 19 de agosto de 1839, na Academia Francesa de Ciências, Jacques-Louis Mande Daguerre oficializa o seu invento, batizado de daguerreótipo. Ainda assim houve polêmica em torno da paternidade da invenção da fotografia, visto que muitos asseguravam ter desenvolvido anteriormente formas do processo de fixação de imagens.

Sem querer entrar nessa discussão porque hoje se sabe que muita gente vinha desenvolvendo seus próprios experimentos, às vezes isolados dos grandes centros, como Hércules Florence no Brasil, o que interessa nesse estudo é que com o invento surge um novo profissional das imagens: o fotógrafo. Os primeiros fotógrafos eram oriundos do seio da burguesia, desejosa da novidade técnica e defensora do progresso material, identificado na fotografia.

Com um público restrito aos círculos das classes abastadas, a fotografia ocupou um espaço que outrora fora privilégio da pintura: o retrato. A triunfante burguesia européia fez intenso uso da fotografia para cultuar sua imagem em retratos tirados nos ateliês de famosos artistas fotógrafos, a exemplo de Nadar, Carjat ou Julia

Cameron, guardando semelhanças ao que no século XVIII a aristocracia fizera com os artistas pintores. Walter Benjamin diz que "por volta de 1840 a maioria dos pintores de miniaturas se transformaram em fotógrafos, a princípio de forma esporádica e pouco depois exclusivamente" [7]. A fotografia se firmava a partir daí como um ramo comercial promissor, atraindo um grande número de homens de negócio.

Coube ao fotógrafo André Disdéri, na década de 50 do século XIX, o primeiro passo para a popularização da fotografia. Através do invento do formato *carte-de-visite,* ele conseguiu baratear o custo de produção, fazendo com que um público mais amplo pudesse ter acesso à imagem fotográfica. Enquanto o daguerreótipo era uma peça única, por isso muito cara, o invento de Disdèri era mais simples, visto que através de uma única chapa era possível obter oito imagens com dimensão de 6x9 cm. Apesar de possuir menor definição, o *carte-de-visite* passou a ser uma excelente alternativa ao daguerreótipo, mais caro e produzido por um círculo menor de fotógrafos. Em pouco tempo a febre do *carte-de-visite* tomou conta do mundo, permitindo às classes menos abastadas o acesso aos seus retratos. No entanto, como informa Annateresa Fabris:

> (...) Além de dirigir-se aos artistas fotógrafos, a elite social continua a privilegiar o daguerreótipo até a década de 60 e passa a preferir em seguida a fotografia pintada, que garante "a fidelidade da fotografia" e "a inteligência do artista", como afirma uma revista contemporânea.[8]

No Brasil, a fotografia chegou em 1840, ou seja, em um pequeno espaço de tempo depois da Europa.

> Cinco meses depois do anúncio do seu invento, a fotografia chega às terras brasileiras pelas mãos do abade francês Louis Compte. São dele os primeiros daguerreótipos realizados no Brasil (a vista do largo do Paço e da Praça do Peixe, no Rio de Janeiro) e, provavelmente, os primeiros da América do Sul. O abade Compte fazia parte da caravana organizada pelo governo francês com o objetivo de divulgar ao mundo suas novas descobertas científicas e artísticas, entre elas, a fotografia.[9]

---

[7] BENJAMIN, Walter. "Pequena História da Fotografia". In: *Obras escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Brasiliense: São Paulo, 1985, p.97.

[8] FABRIS, Annateresa (org).*Fotografia: Usos e Funções no Século XIX*. São Paulo: Edusp, 1998, p. 20.

[9] LIRA, Bertrand de Souza. *Fotografia na Paraíba:* um inventário dos fotógrafos através do retrato (1850-1950). João Pessoa: Editora Universitária, 1997, p. 29.

O invento foi bem recebido pelas elites brasileiras, a começar pelo próprio imperador D. Pedro II, admirador das inovações tecnológicas e também um amante da arte fotográfica. Aqui no Brasil, a fotografia ocupou um espaço de grande relevância, inclusive muitos fotógrafos estrangeiros, durante todo o século XIX, vieram em busca de conquistar fama e negócios no novo ramo artístico e comercial.

Durante o século XIX, o fotógrafo ganhou um *status* de testemunha privilegiada no universo das imagens visuais. A crença vigente na época era que não restava dúvida da fidedignidade da imagem fotográfica em relação à realidade copiada, levando o fotógrafo Mathew Brady a afirmar que "a câmara fotográfica é o olho da história" [10].

Os novos profissionais prestaram inúmeros serviços dentro da sociedade, a exemplo de retratos de indivíduos em diversos rituais de passagens, de estudos científicos nas áreas da botânica, da medicina, de expedições geológicas, de registros de guerras e de administrações públicas das cidades.

Atualmente, esse enorme contingente de fotografias tem sido utilizado em diversas pesquisas nas ciências sociais. Os historiadores que trabalham com estudos urbanos, e que aceitam o alargamento da noção de fonte histórica para além da escrita, vêm lançando mão dessa ferramenta, que tem ocupado um lugar de destaque nas novas pesquisas históricas. A fotografia, nos seus quase duzentos anos de existência, é considerada uma testemunha privilegiada das diversas experiências urbanas nos quatro cantos do mundo.

Compreendida como uma linguagem visual, ela pode ser analisada a partir de seus aspectos específicos de identificação. O primeiro aspecto considerado na imagem fotográfica é o de que ela nos fornece um testemunho. Susan Sontag diz que "uma foto equivale a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu. A foto pode distorcer; mas sempre existe o pressuposto de que algo existe, ou existiu, e era semelhante ao que está na imagem" [11]. É a partir de uma realidade externa que a câmera fotográfica produz a sua imagem. O que não podemos dizer é que tal

---

[10] FABRIS, Annateresa (org). *Op. Cit.*, p. 24.

[11] SONTAG, Susan. *Sobre fotografia.* Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Cia. das Letras, 2004, p. 16.

realidade seja da forma como ela nos indica. Como aponta Boris Kossoy, a fotografia carrega consigo um misto de ficção e realidade [12]. Ela, por si, não representa a realidade, como acreditavam os primeiros analistas, mas nos indica aspectos dela. De acordo com Roland Barthes:

> uma determinada foto não se distingue nunca do seu referente (daquilo que representa), ou, pelo menos, não se distingue dele imediatamente ou para toda a gente (...) Por natureza, a Fotografia (...) tem qualquer coisa de tautológico: nela, um cachimbo é sempre um cachimbo, infalivelmente[13].

Pela sua natureza físico-química de registros selecionados do real, a fotografia adquiriu *status* de credibilidade [14]. A produção da imagem fotográfica depende de uma realidade objetiva, que é um dado externo, ainda que seu produto final passe pelo filtro do fotógrafo, pela sua subjetividade. Por isso pode-se dizer que "o fotógrafo não é o autor de um trabalho minucioso, e sim espectador da 'aparição autônoma e mágica de uma imagem química'" [15]. Na fotografia podemos dizer: "isso é um dado!", ao passo que na pintura, por exemplo, o autor não depende necessariamente de um dado externo para produzir sua obra; ela é por excelência um produto da sua imaginação criativa, ainda que possa ter uma realidade externa como referência. Philippe Dubois é enfático neste aspecto. Para ele, a fotografia se apresenta como um índice, e como tal "é *por natureza* um testemunho irrefutável da existência de certas realidades[16]".

O segundo aspecto importante da imagem fotográfica é o alto poder de informação que ela carrega consigo. No entanto, a informação contida na fotografia - numa atividade investigativa - necessita que estejamos atentos tanto para o seu conteúdo quanto para o contexto em que foi produzida. Sem isso perdemos muito do seu poder de informação. Mas é preciso, em primeira instância, ter em vista que a imagem fotográfica já traduz uma primeira interpretação, a do fotógrafo, que é o produtor da informação. Depois, observar que nem sempre o fotógrafo tem total domínio sobre o resultado do seu produto imagético. É de se convir que por mais

---

[12] KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica.* 3 ed. Ateliê Editorial: São Paulo, 2002.

[13] BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Tradução Manoela Torres. Lisboa: Edições 70, 1981, p 18.

[14] KOSSOY, Boris. *Op. Cit*.

[15] FABRIS, Annateresa (org). *Op. Cit.*, p. 14.

[16] DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1993, p. 74.

que ele possa ter controle sobre diversos aspectos técnicos da sua produção, existem muitos outros que passam despercebidos no momento do "clic". Existe o poder do acaso, manifestado em detalhes mínimos que fogem do controle consciente do autor. Walter Benjamin chama a atenção para o "inconsciente ótico" que a fotografia revela: "A natureza que fala à câmara não é a mesma que fala ao olhar; é outra, especialmente porque substitui um espaço trabalhado conscientemente pelo homem, por um espaço que ele percorre inconscientemente" [17]. Seja o modelo do botão da camisa, a piscadela de olho no momento da foto em grupo, o olhar ligeiramente melancólico de outro ou o pequeno detalhe perdido no emaranhado de informações de uma fotografia de cena de rua da cidade, detalhes insignificantes, que muitas vezes não constituem os temas principais das fotografias, mas que representam importantes pistas na tarefa investigativa.

É exatamente a partir dos indícios, identificados nos detalhes como pistas, utilizando a terminologia empregada por Carlo Guinzburg no seu método de interpretação, que poderemos apreender aspectos elucidativos acerca de uma época, local ou até características particulares de determinado fotógrafo. Segundo Guinzburg, "pistas talvez infinitesimais permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível"[18].

A pesquisa histórica, que se utiliza de fotografias, sempre que possível deve procurar ir além do artefato imagético. O poder de informação da fotografia não se encerra nela própria. Este, talvez, constitua o desafio para o historiador que se propõe a utilizar esse tipo de documentação[19]. Como falar do que não está visível? Alguns caminhos podem ser seguidos nessa tarefa investigativa: descobrir, por exemplo, quais as intenções do fotógrafo quando da sua produção? Quais os recursos técnicos utilizados para a confecção e veiculação da imagem fotográfica? Atendendo a serviço de que, ou de quem, estava tal produção fotográfica? Como se deu a recepção dessa mensagem visual? Essas e outras questões também podem ser dirigidas à documentação fotográfica, no intuito de buscar os seus elementos

---

[17] BENJAMIN, Walter. *Op. Cit.*, p.94.

[18] GINZBURG, Carlo. *Emblemas, Sinais e Mitos:* Morfologia e História. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Cia das Letras, 1989, p.

[19] MAUAD, Ana Maria e CARDOSO, Ciro Flamarion. "História e Imagem: Os exemplos da fotografia e do cinema". In. CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs). *Domínios da História: Ensaios de teoria e metodologia.* Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 405.

externos, como também propõe Peter Burke, quando diz que, "os historiadores precisam da iconografia, porém, devem ir além dela" [20]. Para este historiador, é fundamental que se faça uma crítica da fonte, e que ela seja contextualizada, inclusive, dialogando com outros documentos da época. O uso isolado da fotografia não deve ser uma premissa na pesquisa histórica. Sem o diálogo com outras fontes, muito da riqueza dessa documentação perde o seu valor.

Fotógrafos e cidades

Quando a fotografia foi inventada, no princípio do século XIX, os primeiros fotógrafos direcionaram suas lentes para o ambiente das cidades. A primeira imagem obtida pelo daguerreótipo, em 1839, é uma imagem de Paris. Assim, podemos dizer que a fotografia é um produto urbano. Ela é fruto das experiências químicas e físicas que se desenvolviam na atmosfera científica propalada pela Era das Luzes. Não obstante, as primeiras impressões sobre o invento giravam em torno de explicações que pendiam para as esferas do misticismo. Acreditando que o "equipamento demoníaco" roubaria a alma dos indivíduos, ou que a imagem do homem, semelhante à de Deus, não poderia ser fixada por mecanismos humanos, a fotografia foi alvo de teorizações extremistas. Walter Benjamin fala deste momento como tendo sido o primeiro embate enfrentado pela fotografia na busca pela sua afirmação. Segundo ele estes debates não chegaram a quaisquer resultados positivos, visto que eles "tentaram justificar a fotografia diante do mesmo tribunal que ela havia derrubado" [21].

Foi nesse ambiente que a fotografia, dividindo-se entre as idéias de magia, técnica e de arte, encontrou na cidade o espaço de grande utilidade. Daí por que

> Entre fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, muitos fotógrafos se dedicaram à produção de álbuns de cidades. Para além da estética de cada fotógrafo, que personaliza sua obra, a montagem desses álbuns revelava a força de um padrão fotográfico próprio do seu tempo em que eles foram produzidos. Interessados em obter lucro com a venda do álbum, o fotógrafo escolhia as imagens e costurava uma narrativa urbana capaz de

[20] BURKE, Peter. *Testemunha ocular:* história e imagem. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica: Daniel Aarão Reis Filho. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 52.

[21] BENJAMIN, Walter. *Op. Cit.*, p. 92.

> tornar vendável o produto de sua criação. Em geral, a seqüência de imagens dava a ver uma cidade moderna, evoluída e quase sempre higienizada[22].

Antes mesmo da invenção dos cartões-postais, na segunda metade do século XIX, a fotografia já dava conta de registrar as cidades. A fotografia teve o seu desenvolvimento técnico paralelo ao surgimento das grandes metrópoles, e foi bastante utilizada, tanto pela novidade quanto pelo seu caráter documental. A cada desafio apresentado para os fotógrafos, novas técnicas surgiam para dar conta de registrar cenas das cidades que se modernizavam. Esses ambientes urbanos foram palcos de intensas mutações técnicas, físicas e sociais e tiveram na fotografia o depositário da sua memória.

> Se, no século XIX, a Europa se lança na via do progresso, ela não deixa de expressar menos ainda seu interesse pelo passado e sua consciência da História. Inventada, dominada no mesmo momento em que nasciam as metrópoles européias, Londres, Paris, Berlim, a fotografia é convocada a prestar contas destas transformações estruturais, profundas e rápidas[23].

Os fotógrafos foram convidados a dar conta de registrar os espaços das fábricas e do seu aparato tecnológico, as transformações do tecido urbano com o alargamento das ruas, destruições dos casebres e ambientes rústicos, característicos do passado pré-industrial, para dar espaço a um novo cenário amplo e higienizado, condizente com a fase civilizatória emergente. As burguesias triunfantes, espalhadas por diversos países, tiveram suas imagens materializadas através das fotografias produzidas nos estúdios, locais cada vez mais presentes nas grandes cidades como uma novidade de consumo.

O fotógrafo emergiu na sociedade oitocentista como um espectador privilegiado das cidades. Cobrindo grandes eventos públicos, acompanhando as reformas nas velhas cidades e o crescimento das novas, retratando o cotidiano das sociedades, este novo personagem carrega como característica da sua profissão a importância de ser testemunha ocular da vida urbana.

As imagens das cidades produzidas pelos fotógrafos oitocentistas dão conta de momentos significativos das histórias daqueles lugares. Paris, por exemplo, foi uma das cidades mais registradas pelas lentes de diversos fotógrafos na época. Durante

---

[22] BORGES, Maris Eliza Linhares. *Op. Cit.*, p. 84.

[23] MONDENARD, Anne de. "A Emergência de um Novo Olhar Sobre a Cidade: as fotografias urbanas de 1870 a 1918". In: Projeto História: Revista do programa de estudos pós-graduados em história da PUC_SP. São Paulo: Educ, 1981, p. 107.

o período em que o barão Georges-Eugène Haussmann esteve à frente da administração de Paris, entre 1853-1870, a cidade passou por uma ampla intervenção urbana. Haussmann pôs abaixo praticamente toda uma cidade de ruas estreitas e de becos escuros, elevando em seu lugar uma cidade de amplas avenidas iluminadas e definindo a sua imagem como modelo emblemático de metrópole moderna. O fotógrafo francês Charles Marville (1816-1879) foi encarregado de registrar todo o processo de substituição da velha pela nova Paris, fotografando de forma sistemática toda a cidade de aspecto arcaico. Profissional de sólida formação artística, seu nome representa um exemplo de fotógrafo contratado para produzir imagens oficiais e elas estão entre as primeiras a fazer parte de um arquivo governamental. Marville, além de ter sido fotógrafo oficial da Paris haussmanianna, foi também fotógrafo oficial do Museu do Louvre, o que certamente lhe garantiu a formação de um olhar diferente para a arquitetura da cidade. Em suas imagens, que possuem uma singularidade documental, existe uma maneira nova de enquadrar a cidade, de forma ampla e frontal, como se fosse uma escultura.

> (...) Nas fotografias de ruas, para tornar perceptíveis os novos traçados, ele escolhe seu ponto de vista e seus enquadramentos em função das linhas impostas pelas estruturas da cidade moderna. Ele nos propõe, então, em um novo rigor formal, imagens cada vez mais geometrizadas. À medida que as vias de comunicação – bulevares, linhas de bonde, pontes – se multiplicam, essa visão geometrizada se acentua. (...)[24]

No início do século XX, quando Paris já era reconhecida como uma metrópole, com seus carros circulando em ritmos agitados nas avenidas, outro fotógrafo francês resolveu percorrer de forma incessante esta cidade em busca das marcas da velha Paris que estava desaparecendo. Eugène Atget (1857-1927), ator que abandonou a carreira para se dedicar à fotografia, produziu durante alguns anos uma coleção de imagens urbanas onde impera a confluência da Paris de duas épocas distintas. Como diz Mondenard:

> (...) Atget nos remete ao passado mas nos projeta na modernidade por que ele se interessa, por exemplo, pelo fenômeno novo dos cartazes na cidade, mas também porque, mostrando estes aspectos da velha Paris como vestígios, ele nos fala igualmente de um mundo que muda (...)[25]

---

[24] MONDENARD, Anne de. *Op. Cit.*,p. 109-110.

[25] MONDENARD, Anne de. *Op. Cit.*, p. 112-3.

Pelo que se sabe, Eugène Atget não foi contratado por nenhum administrador de Paris para produzir sua obra. Ela foi fruto da iniciativa inquieta do fotógrafo, que não deixou passar despercebida a cidade que estava diante dos seus olhos. A Paris das fotografias de Atget, ao contrário da de Marville, exala vida. Nela, as pessoas e animais estão presentes, não apenas na cidade moderna com suas vitrines de lojas, mas também na arcaica Paris com suas ruelas e casebres. Walter Benjamin diz, a respeito deste fotógrafo, como tendo sido o responsável *"por sanear a atmosfera sufocante difundida pela fotografia convencional"* [26]. Segundo ele, Atget conseguiu captar em suas fotografias a "aura" da cidade, contaminada pela poluição asfixiante, característica da cidade moderna; os lugares nas suas fotografias são intimistas ao olhar discreto do fotógrafo. Atget foi descoberto para o mundo da arte por Berenice Abbot, assistente do eminente fotógrafo Man Ray, um dos vários admiradores das suas fotografias. É creditado a ele o fato de ter sido um precursor da fotografia surrealista pelo caráter mágico das suas imagens. No seu estúdio, onde ele colocava à venda as fotografias produzidas na sua atividade de pescador de imagens, havia uma placa com a frase "Atget – Documentos para Artistas", e entre os seus clientes destacavam-se os famosos artistas surrealistas Braque, Picasso, Duchamp e Man Ray.

No Brasil, a fotografia surgiu ainda na primeira metade do século XIX, sob o patrocínio do Imperador D. Pedro II, que foi um amante e colecionador da nova arte. As grandes cidades emergentes do país, como Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife, foram amplamente fotografadas no século XIX por diversos artistas estrangeiros que vieram em busca de espaço de atuação no negócio fotográfico[27]. Além de estrangeiros, grandes fotógrafos brasileiros também se destacaram no Brasil da época, como Marc Ferrez e Militão Augusto de Azevedo.

O Rio de Janeiro, tal qual Paris, também foi uma cidade alvo de inúmeros registros fotográficos. Muitos estrangeiros atuaram no século XIX, mas foram dois fotógrafos que praticamente descortinaram a cidade entre o final dos oitocentos e início do século XX: Marc Ferrez e Augusto Malta. Marc Ferrez (1843-1923) era filho de franceses e descendia de uma família de notáveis escultores que atuaram na

---

[26] BENJAMIN, Walter. *Op. Cit.*, p. 101.

[27] VASQUEZ, Pedro Karp. *O Brasil na fotografia oitocentista.* São Paulo: Metalivros, 2003.

Missão Artística Francesa. Tendo passado uma temporada na França, o jovem Marc Ferrez teve uma boa formação artística, morando em Paris com o escultor e gravador Alphée Dobois. Ao retornar ao Brasil, e depois de trabalhar no Rio de Janeiro com George Leuzinger, eminente litógrafo, abre o seu estabelecimento fotográfico, a casa "Marc Ferrez & Cia" em 1867. Ao longo da sua brilhante carreira como fotógrafo, Ferrez participou da Comissão Geológica do Império, viajou por muitas cidades do país e participou de algumas exposições internacionais e nacionais com muito sucesso. Ele produziu uma vasta obra fotográfica que inclui retratos, cartões-postais, paisagens e registros de muitas cidades, especialmente do Rio de Janeiro.

O "artista ilustrado" fotografou o Rio de Janeiro sob vários ângulos: do exterior ao interior da cidade. Ferrez registrou os tipos humanos, a paisagem serrana, marítima e terrestre, acompanhou o crescimento do tecido urbano em fases importantes e foi testemunha de momentos históricos na cidade, como a afirmação da República e a Revolta da Armada, o que lhe garantiu o título de "fotógrafo do Rio de Janeiro". Como fez Atget na França, Ferrez investiu muito na profissão de fotógrafo, disponibilizando sua obra à venda em diversas mídias de circulação. As imagens produzidas por Marc Ferrez tiveram uma difusão no seu país e fora dele como a de poucos fotógrafos da sua época:

> (...) Circulando em álbuns, postais e cédulas, as vistas e panoramas de Ferrez passaram a ilustrar toda sorte de publicações sobre o país e, em particular, a cidade do Rio de Janeiro: álbuns pitorescos, relatos de viagens, relatórios técnicos, guias turísticos, projetos arquitetônicos, catálogos de exposições. (...)[28]

Já no Rio de Janeiro do início do século XX, o alagoano Augusto César Malta de Campos (1864-1957) produziu, talvez, a maior coleção de imagens daquela cidade na época.

> Implacavelmente, por mais de três décadas, o "alagoano Malta" apontou sua câmera para tudo que estava ao seu redor – dos quarteirões condenados à destruição até as paisagens naturais deslumbrantes; de gente simples e humilde aos personagens importantes da vida nacional; das festas chiques e elegantes da burguesia à improvisação dos foliões que se entregavam à fantasia no carnaval; de cenas do dia-a-dia aos grandes e marcantes

[28] TURAZZI, Maria Inez. *Marc Ferrez.* Espaços da arte brasileira. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2000, p. 46-7.

> acontecimentos – enfim, fez do seu jeito, um mergulho visual no universo carioca[29] .

Augusto Malta não era fotógrafo de formação artística; antes de entrar para o ofício, exerceu no final do século XIX, no Rio de Janeiro, diversas profissões, como guarda-livros, vendedor ambulante, guarda municipal, entre outras, mas ao que tudo indica, nada deu certo. Nesse período, adquire uma câmera fotográfica e começa a exercer a atividade. Após indicação de Antônio Alves da Silva Júnior, amigo fornecedor da prefeitura, em 1903 ele fez algumas fotografias para o então prefeito Pereira Passos, que o convidou para exercer o cargo de fotógrafo documentarista da prefeitura, tornando-se o primeiro funcionário público com cargo de fotógrafo do Rio de Janeiro.

Como fotógrafo oficial, ele trabalhou para dezenove prefeitos, produzindo muitos registros da cidade onde imperava o olhar oficial. A exemplo do que fez o Barão de Haussmann em Paris, e seguindo o seu modelo, o prefeito Pereira Passos desenvolveu na cidade do Rio de Janeiro uma profunda reforma urbanística, no intuito de transformá-la em uma metrópole moderna de feições européias. Cobrindo tudo, Malta registrou milhares de imagens de ruas alargadas, construções de avenidas, bairros populares com seus cortiços, inaugurações de obras, visitas de personalidades, enfim, deixou uma obra monumental desse período, e de outros, da história da cidade. Devido tanto à extensão quanto à importância da obra de Malta, é muito difícil olhar para o Rio de Janeiro do início do século XX sem se reportar às suas imagens. Sem dúvida, elas contribuíram de forma inconteste para a memória construída da cidade a partir de sua época.

Uma característica significativa na obra de Augusto Malta é a valorização da fotografia como documento. Sua atitude de gravar a assinatura e inscrever legendas nas suas fotos indica uma preocupação em deixar perpetuado seu nome, data e local na memória e de conduzir a leitura da imagem. Isso é um dado, no mínimo, curioso para uma época em que a autoria da fotografia não era levada a sério, deixando crer que esse fotógrafo se preocupava com isso.

Observa-se, portanto, que a presença dos fotógrafos no universo das cidades é uma constante. Atualmente, muito do que se sabe ou conhece de determinados aspectos

---

[29] OLIVEIRA JR., Antônio Ribeiro. *O visível e o invisível: um fotógrafo e o Rio de Janeiro no início do século XX.* In: SAMAIN, Etienne (org.). *O fotográfico.* São Paulo: Hucitec, 1998, p. 74.

da história urbana deve-se a esses documentaristas, que, contratados ou não, deixaram importantes indícios visuais, permitindo que se visualize para onde eles direcionaram suas câmeras. Naturalmente, ainda que em busca de fama e negócios, os primeiros fotógrafos no Brasil concentraram seus estúdios nas principais capitais do país. No entanto, na tentativa de ampliar suas rendas, muitos partiram para o interior do país, levando pesados equipamentos e deixando registradas raríssimas imagens daquelas localidades desconhecidas por muitas pessoas dos grandes centros. Com o passar do tempo, diversos estúdios de fotógrafos locais foram surgindo nos pequenos centros urbanos. Hoje os olhares desses espectadores privilegiados nos revelam traços do cotidiano dessas cidades e suas populações. Mas afinal, que tipo de formação tinha esses fotógrafos cuja formação se deu nas próprias cidades do interior?

Profissão: fotógrafo

A presença da fotografia no cotidiano da sociedade contemporânea é uma evidência. Desde que foi criada, seu uso se deu em diversas áreas: documentos pessoais, criminologia, ciências, registros familiares, imprensa, administrações públicas e privadas, e em mais outros diversos campos. Pode-se dizer que o raio de ação da fotografia atingiu praticamente todos os tipos sociais do planeta. A historiadora Maria Inez Turazzi, ao se referir ao aspecto da fotografia no Brasil, fala em "cultura fotográfica" nacional por considerar a existência de uma cultura fotográfica mundial. Conforme a autora

> A cultura fotográfica, portanto, é também uma das formas da cultura, idéia reforçada pelo argumento de que a fotografia foi e continua sendo um recurso visual particularmente eficaz na formação do sentimento de identidade (pessoal ou coletiva), materializando em si mesma uma "visão de si, para si e para o outro", como também uma "visão do outro" e das nossas diferenças.[30]

Conforme assegura Turazzi, a cultura fotográfica não se restringe apenas à bagagem profissional dos fotógrafos, "onde se incluem os equipamentos, as escolhas formais e estéticas, bem como as diferentes tecnologias de produção da imagem fotográfica", mas também como prática social incorporada ao modo como

---

[30] TURAZZI, Maria Inez. "Uma Cultura Fotográfica" in: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Fotografia*. Nº 27. São Paulo: IPHAN, 1998, p. 9.

representamos o mundo. São também através dos usos e funções da fotografia por determinada sociedade que podemos perceber os traços de uma cultura fotográfica. Evidentemente, isso não está restrito apenas à produção dos fotógrafos famosos e nem tampouco aos lugares consagrados de sua existência, como os espaços de museus, arquivos, redações de jornais e revistas, presentes nas grandes cidades européias ou então aqui no Brasil.

> Porque a cultura fotográfica de uma sociedade também se forma e se manifesta através da incorporação da fotografia em outros domínios da vida social, como o artesanato popular, as crenças religiosas e políticas, as sociabilidades familiares e urbanas, a inspiração artística ou literária. Quem mais além do poeta, diria que "Itabira é apenas uma fotografia na parede. Mas, como dói!" (Carlos Drummond de Andrade, "Confidência do itabirano").[31]

Considerando a existência de uma cultura fotográfica no Brasil, com o desenvolvimento de técnicas e singularidade temáticas, percebemos suas marcas também na cidade de Jacobina. Acreditamos que a fotografia cumpriu (e ainda cumpre) nesta cidade um papel importante na formação do "sentimento de identidade" a que a autora se refere. No presente trabalho, veremos que o fotógrafo Osmar Micucci acompanhou de perto, e com uma visão particular, diversos momentos da história de Jacobina entre os anos de 1955 e 1963, produzindo neste período um grande inventário de imagens da cidade. Estas imagens, produzidas dentro de um contexto desenvolvimentista, foram responsáveis pela criação de uma visão da cidade para os seus e para outros.

Preocupada em registrar, e se ver registrada, naquele contexto, a sociedade local encontrou na fotografia a maneira de materializar visualmente aqueles momentos, considerados como os "anos de ouro" da história da cidade. O reduzido número de fotógrafos locais foi, portanto, convidado a dar conta de cobrir as cenas públicas e privadas do cotidiano da cidade[32]. Esses profissionais normalmente faziam parte dos setores médios da sociedade da época e eram quase todos migrantes ou filhos deles, oriundos de cidades vizinhas.

---

[31] TURAZZI, Maria Inez. "Uma Cultura Fotográfica" in: Op. Cit., p. 9.

[32] Através de dados obtidos a partir da pesquisa *A Memória Fotográfica de Jacobina:* investigações sobre os fotógrafos e suas obras na cidade, desenvolvida junto ao Núcleo de Estudos de Cultura e Cidade (NECC) no *campus* da UNEB em Jacobina, até o momento existem cadastrados 6 fotógrafos atuando com estabelecimento na cidade no período desse estudo (1955-1963); sendo que, no início dos anos 50 com apenas 3; nos anos 60 aumentando para 6 e já nos anos 70 o número ampliou para 12. Acredita-se que existiram outros, mas até o momento sem nenhuma informação de seus estabelecimentos ou até de obras dos mesmos.

A cidade, desde os anos 30, atraiu um imenso contingente populacional, que para ali correu em busca de melhores condições. Filhos de pais que não conseguiram lhes garantir uma formação universitária na capital do Estado (como os médicos, advogados, engenheiros que compunham a sociedade local), mas também não desprovidos de qualificação técnica (como os diversos trabalhadores pobres que partiam da zona rural para a cidade em busca de trabalho), os fotógrafos surgiram como profissionais autônomos e autodidatas. Eles procuravam se firmar na profissão por vários meios, seja pelo aprimoramento na arte fotográfica, pela afinidade que possuíam no meio social ou mesmo através de vinculações políticas a determinados grupos. A ascensão social e profissional tem muitas variáveis, como disse Pierre Bourdieu, ao analisar as trocas simbólicas:

> A posição de um indivíduo ou de um grupo na estrutura social não pode jamais ser definida apenas de um ponto de vista estritamente estático, isto é, como posição relativa ("superior", "média" ou "inferior") numa dada estrutura e num dado momento. O ponto da trajetória, que num corte sincrônico apreende, contém sempre o sentido do trajeto social[33].

O profissional da fotografia, no universo cultural de uma pequena cidade como Jacobina, em um contexto marcado por transformações do seu espaço urbano e tecnológico como foi o caso da década de 1950, era visto como o artífice privilegiado para produzir as imagens necessárias para dar conta daquele momento especial. Na era da mídia visual nos grandes centros urbanos, caracterizada pelo nascimento da televisão e por estar no auge o cinema, em Jacobina a fotografia cumpria quase que exclusivamente este papel midiático. Dessa forma, no contexto em análise, a posição ocupada pelo fotógrafo era a de um profissional de destaque, ou seja, seu sentido do trajeto social era de ascensão naquela sociedade. Ascensão garantida seja pelo caráter da profissão ou pelo mérito particular de cada um deles. Em seu depoimento acerca da profissão, o fotógrafo Osmar Micucci fala que:

> (...) a minha profissão, esse foi o maior ganho que eu tive em todas as áreas porque eu com o tempo fui ganhando a confiança pela integridade e ética que eu sempre tive, essa ética na fotografia fez eu penetrar - volto a repetir - em todas as camadas sociais e daí pra mim, eu acho, o maior crescimento que tive foi esse, mais do que o financeiro (...)[34]

---

[33] BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 7.

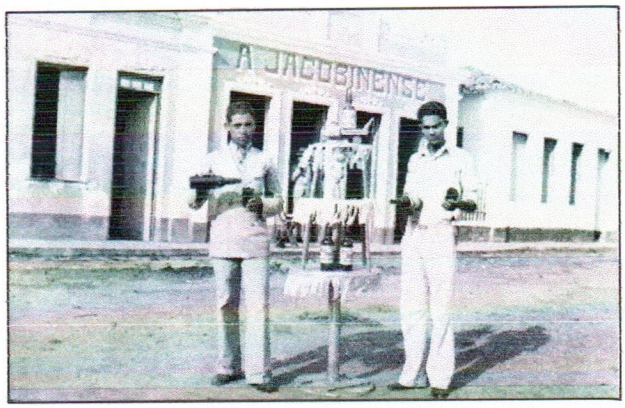
[34] Entrevista com o senhor Osmar Micucci realizada em 13 de maio de 2005.

Foi este importante espectador da cidade aquele quem transitou por diversos espaços da vida privada dos variados segmentos sociais, bem como dos eventos públicos, produzindo as imagens que muitos queriam ver materializadas nos diferentes suportes fotográficos. Na seqüência desse estudo veremos sua formação profissional e sua importância na cultura fotográfica local.

Osmar Micucci e a cultura fotografia em Jacobina

Osmar Micucci de Figueiredo, primogênito do casal Carolino Figueiredo Filho e de Berardina Micucci de Figueiredo, nasceu em 1938, no município de Djalma Dutra (atual Miguel Calmon), distante 30 km de Jacobina. Seu avô paterno era um conceituado comerciante, o Coronel Carolino Felissíssimo Figueiredo, que durante os tempos do Império exerceu a função de Coletor Geral na então Vila de Santo Antônio de Jacobina. Carolino Filho foi morar em Djalma Dutra no ano de 1933, onde lá instalou um estabelecimento comercial chamado "A Jacobinense". *O Lidador,* único jornal de Jacobina na época, noticiou em alguns de seus exemplares os empreendimentos de Carolino Filho em Djalma Dutra, parabenizando a cidade pela aquisição daquele "elemento progressista". Ali Carolino passou a agitar o universo artístico e cultural, promovendo eventos e também fazendo fotografias.

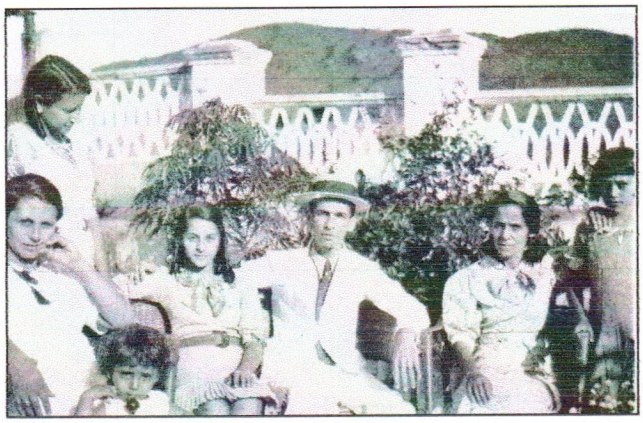
Segundo Osmar Micucci, existia uma vitrine na loja de seu pai onde ele expunha as fotografias. Dentre essas imagens de Djalma Dutra na época, existe uma, bastante curiosa, onde ele enquadra uma cena com dois indivíduos posando para a fotografia com garrafas de bebida ao lado de uma "instalação", formada por uma mesa, dois bancos, uma boneca, um carrinho e três garrafas de bebida. No fundo da cena se avistam três casas, sendo a do centro o estabelecimento comercial de Carolino. Qual o significado desta fotografia? Apenas uma cena pitoresca ou algo



(1) Cena em frente ao estabelecimento comercial de Carolino Figueiredo em Djalma Dutra. Década de 1930. Foto: Carolino Figueiredo. Acervo particular de Osmar Micucci. (Negativo).

mais do que isto? Peter Burke chama a atenção para que se observe o olhar atribuído por cada artista em suas obras. Para este historiador, é imprudente atribuir a eles um "olhar inocente", destituído de subjetivismo, preconceitos, expectativas. Fotografias como esta de Carolino Filho, transmitem, tanto literalmente como metaforicamente "um ponto de vista" [35]. No entanto, a distância que nos separa (de todas as formas) desta fotografia, impede que se possa compreender completamente o sentido atribuído pela mensagem visual do artista. Para tanto, além da identificação dos elementos que compõem a imagem, implica que o pesquisador persiga outras referências ocultas.

Foi em Djalma Dutra que Carolino conheceu Berardina Micucci, jovem italiana natural da província de Potenza. Sua família migrou para o Brasil em 1928 quando ela tinha apenas quatro anos de idade. Em 1937 os dois se casaram, ele com trinta e seis anos e ela com treze. No ano seguinte, nasceu Osmar, o primeiro dos seis filhos que o casal tivera. Em uma de suas fotografias de família, Carolino está sentado ao lado de sua esposa juntamente com outros familiares. A imagem é significativa porque constitui um indício visual do fotógrafo e dos seus.



2) Família de Carolino Figueiredo Filho. Década de 1940. Foto: Carolino Figueiredo? Acervo particular de Osmar Micucci. (Negativo 11x7cm).

Osmar Micucci não chegou a conviver em Djalma Dutra porque em 1939, falecendo o seu avô Carolino Figueiredo, em Jacobina, sua família mudou-se para lá. Carolino pai havia deixado sua esposa Maria Hermila Vieira de Figueiredo e os dois filhos, Carolino e Perolina. Ele estava com oitenta anos de idade quando faleceu, e segundo informa o jornal *O Lidador*, já não estava mais lúcido. O jornal fala dele como "um espírito liberal", sendo na cidade um "ardoroso abolicionista pela extinção

[35] BURKE, Peter. *Op. Cit.*, p. 24.

da escravatura e grande propagandista do Regimen Republicano[36]". Ele foi um grande comerciante na cidade por mais de meio século, exercendo ali também carreira pública. Na fase do Império foi Coletor Geral na vila e, conforme *O Lidador,* só deixou o cargo quando saiu sua exoneração após insistências da sua parte. Ganhou patente de coronel, mas mesmo assim apoiou a implantação da República, onde exerceu a função de Conselheiro Geral quando foi eleito na legislatura de 1904 a 1907.

Quando, em fins dos anos trinta, Osmar Micucci e sua família chegaram a Jacobina, vivia-se ali um clima eufórico de progresso[37]. A cidade representava para a região um importante centro econômico, político e cultural. Na época, já contava com transporte ferroviário, luz elétrica, hospital, escola pública, imprensa local, comércio diversificado e uma vida cultural agitada, pelo menos aos moldes de uma pequena cidade do sertão baiano, pois possuía cinema, clubes e um ativo calendário festivo. Some-se a isso o fato da crescente exploração de minas de ouro contribuindo para o grande afluxo populacional para a cidade e seu entorno[38]. Jacobina possuía também dois representantes na Assembléia Estadual, os deputados Francisco Rocha Pires e Amarílio Benjamin, o que garantia certo prestígio político na obtenção das obras públicas para a região.

O Deputado Francisco Rocha Pires teve seu nome diretamente vinculado à vida política de Jacobina dos anos vinte, quando fora intendente (1920-1925) até 1970 quando deixava a cadeira da prefeitura o último prefeito sob seu comando. De 1930 a 1942, dentro do período em que os prefeitos eram indicados pelos interventores estaduais, ele conseguiu, numa correlação de forças dentro das estruturas do poder político estadual, indicar o nome de seu cunhado, Reynaldo Jacobina Vieira, para assumir a cadeira do executivo no município. Reynaldo Jacobina conseguiu fazer um mandato em que, com a tutela política do Deputado Rocha Pires e o apoio do Deputado Manoel Novais no âmbito federal, empreenderam os primeiros passos na

---

[36] Jornal *O Lidador,* nº 272, 5 de fevereiro de 1939, p.1 (*Cel. Carolino F. Figueiredo*).

[37] O jornal *O Lidador* foi um ardoroso divulgador das idéias de progresso na cidade durante a década de 1930. Em um dos seus diversos artigos sobre o tema aponta que a cidade vivia naqueles anos a "sua fase de realizações". Cf. exemplar nº 38, de 25 de maio de 1934, p. 1.(*Jacobina progredindo).*

[38] A este respeito ver as dissertações de mestrado em História de Vanicléia Silva Santos *Sons, danças e ritmos:* A Micareta em Jacobina-Ba (1920-1950), PUC-SP, 2001 e de Zeneide Rios de Jesus, *Eldorado sertanejo:* Garimpos e garimpeiros nas serras de Jacobina (1930-1940), UFBA, 2005.

tentativa de expandir os pequenos limites territoriais da cidade, que ainda mantinha muitas características de uma vila, com poucas ruas e praças. Datam deste período a construção do primeiro prédio escolar público - as Escolas Reunidas Luis Anselmo da Fonseca - inaugurado em 1935 à Rua Coronel Teixeira, e do Hospital Antônio Teixeira Sobrinho, em 1935, no Largo 2 de Julho. Estes dois estabelecimentos contribuíram para impulsionar a urbanização extensiva em direção ao oeste da cidade, no sentido do morro onde se localiza a setecentista Capela do Bom Jesus da Glória, antiga área da missão dos índios Payayá.

Outra obra significativa deste período foi a inauguração da Ponte Manoel Novais, em 1937, que liga as áreas norte e sul da cidade, cortadas pelo Rio Itapicurú-Mirim. A ponte e a estação ferroviária da empresa Leste Brasileiro, localizada na área ao sul, possibilitaram a expansão urbana nesse sentido. Ao findar os anos 30, a pequena cidade até então circunscrita à área central em torno da Igreja da Matriz e do prédio da Intendência, aos poucos foi se expandindo para outras direções, com novas ruas e praças; surgiram construções que fugiam aos estilos existentes naquela área primordial, majoritariamente formada pelo comércio e residência dos segmentos mais abastados da sociedade.

Carolino Filho continuou exercendo a atividade de comerciante em Jacobina, onde desenvolveu ainda mais o gosto pela fotografia, garantindo-lhe uma renda paralela. O jovem garoto Osmar Micucci colaborava com o pai no comércio. Acometido por uma escoliose reumatismal, doença na coluna que lhe perturbou por longos anos, Carolino Filho saiu em busca de tratamento na Europa. Passando mais de um ano na Itália, trouxe de lá uma câmera *Zeiss Icon,* com a qual passou a trabalhar pelas suas andanças na região e fazendo, na cidade, diversos registros das ruas, casas e de sua família. Restam alguns negativos deste período e devido à raridade de registros visuais da cidade, apresentam-se hoje como documentos importantes para a história urbana local.

Observemos uma imagem de Jacobina nesta fase em que Carolino Filho atuou como fotógrafo na cidade. A imagem, provavelmente, é dos fins dos anos trinta ou início dos quarenta, e representa um dos raros registros fotográficos encontrado dessa área da cidade na época. Na foto, o autor enquadrou na parte inferior algumas pessoas, que se encontram entre o muro do Hospital Antônio Teixeira

Sobrinho, e na parte superior o Largo Dois de Julho, uma área ainda sem infra-estrutura urbana, formada por poucas casas de adobe. Na parte central avisa-se de maneira imponente a torre da Igreja da Conceição, localizada na área central da cidade. O curioso é que ao invés de registrar o grupo de pessoas em frente ao edifício do Hospital, símbolo do progresso da cidade na época, o fotógrafo ocultou sua arquitetura dando-lhe às costas.

(3) Vista do Largo 2 de Julho. Década de 1940. Foto: Carolino Figueiredo. Acervo particular de Osmar Micucci. (Negativo 11x7cm).

Osmar Micucci cresceu em Jacobina tendo contato com o universo fotográfico não somente através de seu pai, mas também de outros fotógrafos. Quando sua família foi morar na cidade, no final dos anos trinta, por ali já haviam passado vários fotógrafos itinerantes que prestaram serviços para a sociedade local, e outros também haviam instalado estabelecimentos temporariamente[39].

Os itinerantes foram os responsáveis, na sua grande maioria, pela expansão da fotografia no Brasil. No século XIX uma grande leva de fotógrafos estrangeiros aportou no Brasil a fim de conseguir novos clientes para os seus serviços. Em Salvador, desde o século XIX existiam estúdios de estrangeiros e brasileiros disputando um mercado que cada vez mais crescia na cidade. Muitas famílias abastadas de Jacobina, quando iam à capital, geralmente traziam entre suas bagagens fotografias, tipo *carte-de-visite,* tiradas em estúdios. Por outro lado, os

[39] Ver: OLIVEIRA, Valter G. S. de. "Memória fotográfica de Jacobina: investigações sobre os fotógrafos e suas obras na cidade". In: SAMPAIO, Alan e OLIVEIRA, Valter de (orgs.). *Arte e Cidade*: Imagens de Jacobina. Salvador: EDUNEB, 2006, pp. 11-20.

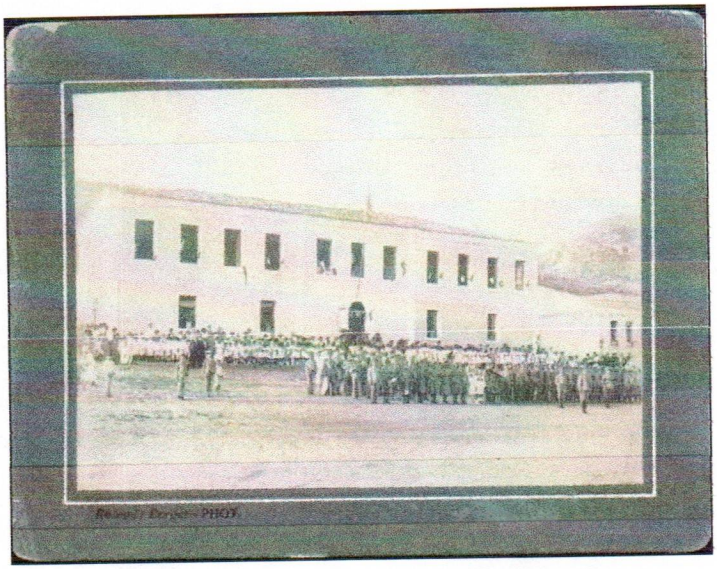
fotógrafos também arriscavam em partir para o interior em busca da expansão dos seus negócios[40].

Durante os primeiros anos da década de 1920, o jornal *Correio de Jacobina* anunciava a atuação do fotógrafo Rosendo Borges na cidade. Foram encontradas valiosas fotografias de autoria de Borges, como as da comemoração do centenário da independência do Brasil, em 1922, na Praça Rio Branco[41]. A presença de um fotógrafo como ele na cidade constituía excelente oportunidade para os habitantes mais abastados serem fotografados nos locais preferidos da sua terra, como um retrato de Alfredo Martins posando no Rio do Ouro (imagem 1 do capítulo 3), e diversas outras fotografias encontradas no formato *cabinet*[42]. Rosendo Borges atuou também em algumas localidades da região, como Canabrava e Campo Formoso, produzindo ali imagens que hoje possuem importante valor documental.

PHOTOGRAPHIA BORGES

Rosendo Borges, acha-se habilitado a bem desempenhar qualquer trabalho concernente á sua arte. Previne aos seus clientes que attende chamados a domicilio nos dias de sabbados, domingos e segundas-feiras,- em sua residencia, nos dias subsequentes.

(4) Anúncio publicitário no Jornal Correio de Jacobina de 11/03/1922, p.2.



(5) Comemoração de 7 de Setembro. 1922. Foto: Rosendo Borges. Acervo particular de Osmar Micucci. (Formato cabinet).

Mas foi no contexto da chegada da família de Micucci à Jacobina que recentemente havia instalado o *Photo Ideal*, estúdio de Juventino Rodrigues que marcou

---

[40] "*Photographo - Abílio Cardozo – Chegando nesta cidade, onde pretende demorar-se alguns dias tira retrato de qualquer sistema, em casa de sua estadia e aceita chamados*". Conforme notícia no Jornal *Ideal* nº 12, de 31 de julho de 1927.

[41] No artigo "Da Photographia à Fotografia (1839-1949)", da fotógrafa Maria Guimarães Sampaio, publicado na recente coletânea *A Fotografia na Bahia (1839-2006)* ela aborda a presença do fotógrafo em Jacobina, no entanto, sem veicular nenhuma de suas imagens.

[42] Formato de apresentação de fotografias sobre papel que surgiu na Inglaterra em 1866 como uma evolução do formato cartão de visita, tendo portanto o mesmo tipo de apresentação, mas num tamanho maior, razão pela qual era dito de cabinet, de gabinete.

sensivelmente a moda fotográfica na cidade[43]. J. Rodrigues fez carreira fotográfica na cidade e nela ganhou fama quando nos anos trinta e quarenta fotografou a sociedade local em seus rituais familiares e nos grandes eventos públicos, além de veicular muitas de suas imagens no jornal *O Lidador*.

Juventino Rodrigues
PHOTOGRAPHO
Executa, com esmero, retratos em todos os typos e pelos melhores preços
Postaes, Photos de Gabinete, Paisagens, Ampliações, Reproducções, etc. —:— TODAS AS CORES
Acceita chamados para dentro e fora da cidade
As encommendas serão pagas no acto.
Resid.--Avenida 24 de Outubro — JACOBINA—BAHIA

(6) Anúncio publicitário no Jornal O Lidador de 07/07/1935, p.4.

Juventino Rodrigues se destacou em alguns aspectos na trajetória da fotografia em Jacobina. Foi ele, provavelmente, o primeiro fotógrafo a produzir um cartão-postal da cidade, em 1937, abordando uma cena da construção da ponte Manoel Novais. O cartão-postal teve seu momento áureo entre o fim do século XIX e início do XX, mas em pequenas cidades interioranas, como Jacobina, ele só foi uma realidade nas décadas seguintes[44]. Observa-se que a imagem do postal apresenta a ponte ainda em estado inacabado, o que sugere, dentre outras coisas, uma idéia de que o fotógrafo tivesse pressa em disponibilizar para a comunidade o seu produto, antes mesmo da conclusão das obras. Desta forma, os seus clientes poderiam enviar, para os mais diversos lugares, a imagem do progresso por que passava Jacobina.

(7) Cartão-postal da construção da ponte Manoel Novais. 1937. Foto: Juventino Rodrigues. Acervo do Centro Cultural Edmundo Isidoro dos Santos.

---

[43] Natural da vizinha cidade de Piritiba, Juventino Rodrigues instalou seu primeiro estúdio em Jacobina, na antiga Avenida 24 de Outubro, conforme anúncio publicitário veiculado no jornal *O Lidador,* nº 96, de 14/07/1935.

[44] A respeito do cartão-postal e seus usos ver o capítulo "O Cartão Postal: Entre a Nostalgia e a Memória", do livro *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica,* de Boris Kossoy, e o capítulo "A fotografia na Parahyba: Era Nova e a construção imagética da modernidade", do livro *Fotografia na Paraíba,* de Bertrand de Souza Lira.

A Ponte Manoel Novais foi considerada como um sinal da modernização na cidade, e sua construção foi possível devido à atuação do deputado Manoel Novais, a ele sendo prestada a homenagem[45]. Para o cotidiano da cidade a ponte foi importante para o tráfego de pessoas e veículos entre as partes norte e sul, cortada pelo Rio Itapicurú-Mirim, e possibilitou a expansão urbana para outra área. Para o fotógrafo, ele conseguiu congregar no seu ato fotográfico, a realização do desejo local de externar a imagem de desenvolvimento propagada pelas lideranças, ao tempo que marcava seu nome como autor inaugurador do formato do cartão-postal no universo da fotografia na cidade.

Juventino Rodrigues produziu também uma vista panorâmica de Jacobina em 1948 (Imagem 3 no capítulo 2). A obra é uma rara vista do plano geral da cidade na época, formada por cinco fotos abordando a enchente ocorrida. Intitulado *Panorama de Jacobina,* o mini-álbum foi disponibilizado com uma capa produzida em gráfica local, com fotos em tamanhos de 12x18cm coladas sequencialmente para transmitir o efeito da cidade em panorama. As vistas panorâmicas chegaram a constituir uma moda durante certo período do século XIX no Brasil. Fotógrafos como Marc Ferrez se especializaram neste tipo de trabalho, desenvolvendo inclusive equipamento apropriado para este fim[46]. Em Jacobina, ao que tudo indica, essa "moda" também existia. Foram descobertas outras fotografias de vista panorâmica, anteriores e posteriores, ao álbum de 1948 de J. Rodrigues, como uma formada de quatro chapas em época pouco atrás. Pelo visto, o fotógrafo procurou estabelecer um diálogo técnico e artístico com o trabalho anterior.

Apesar da importante contribuição de Juventino Rodrigues na composição de vistas urbanas de Jacobina, na opinião dos fotógrafos que conviveram com ele, foi na fotografia de estúdio que mais se destacou. No seu *Photo Ideal* produziu bastante trabalho de retratos da sociedade local, nos mais variados formatos tipo *carte-de-visite*, *cabinet* e também desenvolvendo técnicas como de retoque[47] e coloração[48].

---

[45] Jornal *O Lidador,* nº 199, de 22 de agosto de 1937, p. 4. (*Inauguração da Ponte*).

[46] Conforme Mariz Inez Turazzi, *Op. Cit.*, pp. 28-30.

[47] A técnica do retoque de negativo consiste em fazer correções em possíveis imperfeições, acrescentar ou retirar algo na imagem, fazendo uso de pincel e tinta diretamente no negativo.

[48] A técnica da coloração consiste em pintar a imagem com uso de variados tipos de pigmentos, corantes e tintas, bem como instrumentos, como pincéis, esfumadores, algodão, dedos, *sprays*, aerógrafos, etc.

Poucos fotógrafos na cidade trabalharam e desenvolveram bem esta técnica. Para Cirilo Rosa, um dos seus concorrentes na área, "ele [Juventino] também retocava bem, e trabalhava muito bem[49]". Segundo Lindenício Ribeiro, também fotógrafo, e sobrinho de J. Rodrigues,

> Na realidade ele comercializava mais fotografias de estúdio e agora só que tinha uma particularidade, ele devido à inteligência, não havia luz elétrica no tempo, então ele fazia iluminação natural no estúdio dele e ficavam umas fotos parecendo foto de Salvador, de São Paulo e tinha o retoque nos negativos e ele melhorava muito a... até eu aprendi também com ele, trabalhei muito tempo com retoque, hoje não existe mais o retoque, só em computador que existe hoje, mas, era retocada chapa a chapa, pessoa a pessoa, tirando rugas, sinais, melhorando até a pessoa ficar até mais nova, mais bonito também, ele era especialista nisso ai[50].

A presença do estúdio de Juventino certamente atendia aos ensejos culturais da cidade. Afinal, a população local não precisava mais se deslocar para os grandes centros, como Salvador, para ter a oportunidade de produzir seu retrato em um estúdio com os mais básicos equipamentos. Não foi possível conseguir nenhum registro de como era o interior do estúdio *Photo Ideal* nos anos trinta. No entanto, segundo as lembranças relatadas por Lindenício, que conviveu com o fotógrafo desde os anos cinqüenta, quando foi morar com ele:

> [...] eu via o sistema dele trabalhar que era com luz natural, me lembro até que tinha um couro de onça que botava lá como enfeite, com as fotos preto e branco dava um efeito muito bonito para tirar uma foto de criança sentada, outra hora de pessoas, é que se equilibrava perto de uma mesa que ele tinha com o couro de onça[51].

Pelo visto, Juventino também fazia uso de alguns dos acessórios utilizados nas grandes oficinas fotográficas existentes no Brasil no século XIX. Ainda que não se tenha detalhes de como era a estrutura do estúdio de Juventino, pode-se ter noção de como funcionava uma oficina fotográfica em uma cidade como São Paulo, em fins do século XIX. Segundo Cândido Grangeiro, existiam diversas formas de oficinas fotográficas, mas para se fixar em uma cidade por um bom tempo era fundamental o uso de uma estrutura mínima, "com um bom salão de poses, diversos equipamentos, mobília, bibelôs etc. Isso representava, então, um bom investimento

---

[49] Entrevista com o fotógrafo Cirilo Rosa em 05 de maio de 2005.

[50] Entrevista com o fotógrafo Lindenício Ribeiro em 3 de março de 2005.

[51] Entrevista com o fotógrafo Lindenício Ribeiro em 22 de setembro de 2005.

de capital, pois só desta forma tornavam-se locais adequados para um público urbano que se sofisticava e desejava possuir retratos.[52]"

Provavelmente, o estúdio do fotógrafo em Jacobina, estivesse distante dos modelos das grandes oficinas fotográficas existentes em São Paulo, ou talvez Salvador, porque o investimento necessário era muito alto, mas certamente foi bastante satisfatório para a cidade. Pelo menos é o que sugere o jornal *O Lidador,* quando acentua a importância do investimento do jovem fotógrafo na realização de uma exposição de retratos no seu estúdio situado à Avenida Cel. Teixeira, nº 50, no ano de 1940.

> O certame é, pois, digno do concurso de quantos se interessam pela Arte, e, mais que isso, pelo **progresso da cidade** que se rejubila em possuir um atelier à altura dos seus **credos de civilidade**.[53]

Destacando-se também em outros aspectos na fotografia em Jacobina, Juventino chegou a criar anteriormente um clube de retratos, que funcionou como forma de comercializar seus serviços fotográficos. O cliente que gostaria de adquirir uma dúzia de fotografias em formato de postais, poderia fazê-lo pagando vinte prestações semanais no valor de 2$000, ou pagar o restante caso optasse pelo formato de gabinete. *O Lidador,* na oportunidade, comentou sobre a importância do empreendimento do fotógrafo para a cidade.

> Ahi está um emprehendimento que merece acolhida de todos. O sr. Juventino é um moço esforçado e precisamos dar preferência aos seus serviços afim de que progrida a sua photographia, **coisa indispensável em uma cidade do interior**.
>
> Amparemos o que é nosso![54]

A dificuldade de acesso aos produtos e equipamentos de fotografia, que a cada dia inovava nas grandes cidades, fazia com que os profissionais radicados nas cidades interioranas buscassem na arte do improviso dar conta das suas necessidades. Juventino Rodrigues foi notabilizado como um criativo improvisador, construindo modelos de ampliadores e *flashs* para uso pessoal. Estes inventos fazem parte das lembranças de Lindenício Ribeiro.

---

[52] GRANGEIRO, Cândido Domingues. *As artes de um negócio: a febre photographica: São Paulo 1862-1886.* Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2000, p. 65.

[53] Jornal *O Lidador,* nº 330, de 19 de maio de 1940, p. 1. (*Exposição de retratos*). (grifos do autor).

[54] Jornal *O Lidador,* nº 100, de 11 de agosto de 1935, p.4 (*Club de retratos*). (grifos do autor).

> Por que na época não tinha ampliadores, aparelhos de ampliar só tinha em São Paulo, Salvador, Rio de janeiro. Ele criou o ampliador, ele mesmo fez o ampliador manual, fez na prensa manual também. Além disso, eu me lembro, eu era menino me lembro que nas festas que tinha nos clubes a gente levava a máquina e ele bolou um tipo de *flash*, o primeiro *flash* que teve em Jacobina foi feito através dele com um amigo dele que era... esses caras que trabalha com pólvora, com foguetera né? e eles projetaram uma pistola, uma coisa muito rudimentar, um processo que ele usava, aquilo lá causava a maior fumaceira no clube depois que acendia aquela luz lá. Ai ficava todo mundo esperando a fumaça passar pra poder enxergar os outros amigos que tavam ali. Foi o primeiro flash que teve aqui foi o do meu tio que inventou[55].

Considerando o fato de ter sido o profissional que mais tempo atuou em Jacobina, e pela abrangência da sua obra, Juventino Rodrigues foi um dos responsáveis pela promoção da fotografia nas décadas de trinta e quarenta, enquanto arte e registro documental da cidade.

Um outro fotógrafo atuante em Jacobina, desde os anos trinta, foi Aurelino Guedes. Natural da cidade de Barra do Mendes, este fotógrafo circulou por muitos lugares e tudo indica que não tenha se fixado, em definitivo, na cidade nos anos trinta. Além da informação observada no jornal *O Lidador,* sobre a parceria instituída com Juventino Rodrigues, em 1938, para a realização de um trabalho no Estado de Minas Gerais[56]; foi possível ter acesso também algumas fotografias, seguramente das décadas de quarenta e cinqüenta, que fornecem informações do seu *Foto Guedes*; além dos anúncios publicitários no jornal *Vanguarda*.

Aurelino Guedes produziu sobre Jacobina, principalmente nas décadas de quarenta e cinqüenta, importantes imagens fotográficas de eventos cívicos, feira-livre, vistas panorâmicas, cenas de rua e da vida privada. No seu olhar para a cidade, notadamente panorâmico, aborda o crescimento e desenvolvimento da urbe e as principais ruas e praças do seu centro, ao tempo em que pela qualidade técnica e pelo formato instantâneo[57], conseguiu flagrar cenas da sociabilidade e dos detalhes arquitetônicos em construções.

---

[55] Entrevista com o fotógrafo Lindenício Ribeiro em 3 de março de 2005.

[56] Jornal *O Lidador,* nº 248, de 14 de agosto de 1938, p.4. (*Viajantes)*.

[57] "A fotografia instantânea, ou instantâneo, um tipo de fotografia onde o modelo não precisava estar imobilizado pois a evolução dos processos químicos e equipamentos fotográficos permitiam o registro de pessoas em ação, congelando seus movimentos." Bertrand de Souza Lira, *Fotografia na Paraíba,* p. 215.

O jornal *Vanguarda* serviu como um veículo de divulgação dos trabalhos do fotógrafo; em alguns dos seus exemplares, ele anunciou seus serviços para a população local e da região. Através dos mesmos, pode-se ter uma pequena idéia da difusão dos seus trabalhos fotográficos, produzidos nos mais variados suportes, como *"ampliações, reproduções, foto-jóias, estatuetas, porta-retratos, retratos em porcelana para túmulos, gravuras religiosas, molduras em todos os estilos fotografia em geral"* ou também, *"fotografia de eleitor"*[58]. O jornal também chegou a veicular algumas imagens fotográficas do autor em seus exemplares. Só foi possível identificá-las por causa das legendas em algumas imagens e da identificação do autor, em outras, visto que o jornal não creditava as fotografias veiculadas, prática recorrente na época.

Aurelino Guedes também produziu um álbum intitulado *Panorama de Jacobina*, em 1957, com o mesmo formato dos anteriores e enquadrando os mesmos ângulos, de maneira que sugere as metamorfoses da sua fisionomia urbana uma década depois (Imagem 6 no capítulo 2). Possivelmente, seja dele aquele primeiro trabalho de vista panorâmica, tanto pela sua proximidade com Juventino Rodrigues quanto pela técnica utilizada, associado ao fato da existência de uma legenda com o nome da cidade. O uso de legenda com fonte pré-moldada era uma marca referente nas suas fotografias. Não foi possível encontrar maiores informações sobre as atividades deste fotógrafo e sobre sua formação. Lindenício Ribeiro lembra dele como um "fotógrafo dinâmico", desenvolvendo com grande habilidade a prática de foto reportagem de rua.

(8) Anúncio publicitário no Jornal Vanguarda de 04/09/1955, p.3.

> Ele se associou com meu tio em muitos trabalhos. Trabalhava mais externo, o serviço de Aurelino era mais externo. Ele era o tipo de um repórter, inclusive, no fim da vida dele, ele foi para Brasília e ele foi contratado pelo governo lá de Min... o governo lá de Goiás, ou não sei se foi em Brasília mesmo[59].

Parece que o nomadismo era uma característica marcante em sua vida. Em um poema, de sua autoria, há referência ao êxodo forçado de sua família da cidade de

[58] Anúncios publicados nos Jornais *Vanguarda,* nº 308, de 04 de setembro de 1955, p. 3, e nº 414, de 19 de outubro de 1957, p. 2, respectivamente.

[59] Entrevista com o fotógrafo Lindenício Félix Ribeiro em 22 de setembro de 2005.

Barra do Mendes por conta de questões políticas locais[60]. Em Jacobina ele não conseguiu fixar moradia por longo tempo ininterrupto.

Em 1958, as imagens de Jacobina feitas por Aurelino Guedes foram veiculadas na *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros,* publicada pelo IBGE. No volume XX, na parte referente a este município, existem nove fotografias sem créditos, mas que tudo indica algumas serem de Aurelino Guedes, pois três das mesmas são do pequeno álbum *Panorama de Jacobina.* As demais apresentam aspectos da cidade e dos distritos, como uma panorâmica do açude de Serrote, hoje o município de Serrolândia. Ainda que, sem os devidos créditos de autoria, a *Enciclopédia* contribuiu para difundir as imagens da cidade no contexto nacional.

Aurelino Guedes deixou um conjunto de paisagens urbanas que apresentam interessantes momentos na cidade. Na fotografia abaixo, observa-se que, tendo se ocupado em registrar a Avenida Cel. Teixeira, ele conseguiu flagrar em um instantâneo, diversas cenas das pessoas que transitavam pelo local, procurando transmitir um clima de espontaneidade na imagem. Nesta fotografia, o autor fixa um olhar no plano em profundidade da avenida, comprida e estreita, com seu conjunto arquitetônico de pequeno e médio porte. É válido destacar a ausência de automóveis na cena, permitindo que as crianças brinquem e posem para o momento do "clic".

(9) Av. Cel. Teixeira. Década de 1940. Foto: Aurelino Guedes. Acervo Memória Fotográfica de Jacobina. (Cópia digitalizada).

[60] Poema publicado no jornal *Vanguarda,* nº 336, de 24 de março de 1956, p. 2. (*Barra do Mendes*).

Como dito anteriormente, uma marca autoral das fotografias de Aurelino Guedes é a presença das legendas, pois foi possível perceber muitas, inclusive, com seu nome gravado como forma de identificação. Este tipo de recurso técnico já era bastante conhecido entre os fotógrafos brasileiros, como Marc Ferrez e Augusto Malta, no Rio de Janeiro, ou Rosendo Borges e Juventino Rodrigues, em Jacobina. Nos anos quarenta, quando a obra de autoria vinha se afirmando no Brasil, no cinema e na fotografia, ele pelo visto, não quis que seu nome ficasse no anonimato.

Na década de cinqüenta, quando Osmar Micucci surgiu no cenário da fotografia em Jacobina, a difusão e o consumo deste produto ainda eram restritos a poucos segmentos da sociedade local, assim como a quantidade de profissionais nesta área. Destacaram-se, como já mencionado, os nomes de Juventino Rodrigues, como o primeiro a instalar um estúdio, sendo o fotógrafo mais evidente, e depois o de Aurelino Guedes, que ganhou maior notabilidade nos anos cinqüenta, quando instalou também um ponto comercial. O jornal *O Lidador* procurava constantemente prestigiar Juventino Rodrigues na cidade, pois era uma forma de valorizar os serviços fotográficos de um profissional local que, ao contrário dos itinerantes, estaria ali a todo tempo prestando serviços à comunidade da cidade e região. Além destes dois fotógrafos mencionados, existiu um outro chamado Amado Nunes, que inicialmente não atuou como um profissional da área, mas que merece um destaque pelo significado da sua obra.

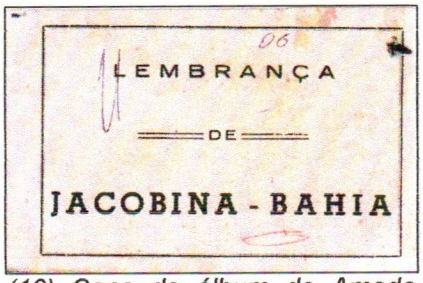
Foi entre 1954 e 1955 que Amado Nunes chegou a Jacobina. Natural de Mairi, na época um povoado pertencente ao município, ele foi um dos muitos que se dirigiram na época para a cidade, em busca de emprego e de espaço para a educação dos filhos. Por muitos anos exerceu a profissão de escrivão do cartório cível. Encontram-se publicados nos jornais *Vanguarda,* sua identificação como escrivão em diversos editais da comarca de Jacobina. Tudo indica que, neste período, Amado Nunes já possuía os domínios técnicos da fotografia, pois foi justamente ele quem passou as primeiras instruções de revelação para o jovem Osmar Micucci.

Amado Nunes exerceu o ofício de fotógrafo como uma segunda atividade de renda. Ao que parece, apenas a profissão de escrivão era insuficiente para suprir as necessidades da família, composta de seis filhos. Não foi possível conseguir muitas informações acerca da sua formação como fotógrafo, mas partindo dos exemplos

dos outros na cidade, é possível que tenha aprendido a técnica de maneira autodidata.

Durante um período compreendido entre as décadas de 1960 a 1970, Amado Nunes trabalhou fazendo reportagens de casamento, aniversário, batizado, formatura, dentre outras atividades mais, típicas de um fotógrafo *free-lancer*. Seu estúdio chamava-se "Nunes Foto" e funcionava em sua residência à Rua Manoel Novais, bem no centro da cidade.

As fotografias de Amado Nunes, a princípio, indicam que ele era uma pessoa que viveu bastante a cidade[61]. Ela era sua paisagem e ele estava atento aos seus detalhes. Tal qual um *flâneur,* foi conduzido pelas ruas, freqüentou as praças, observou as pessoas, *olhou* para a cidade, tanto aquela que desaparecia quanto a que surgia de suas ruínas[62]. Ainda que não tenha executado profissionalmente suas primeiras fotografias em Jacobina, Amado Nunes deixou um grande conjunto de imagens da cidade entre as décadas de 1950 a 1970. Em 1986 ele faleceu em Salvador, onde já morava há alguns anos.



(10) Capa do álbum de Amado Nunes. Década de 1960. Acervo Memória Fotográfica de Jacobina. (Cópia digitalizada).

Especializado em fotografias de evento, Amado Nunes não deixou escapar pelas lentes de sua máquina as transformações ocorridas na fisionomia urbana de Jacobina. Ele registrou as construções dos novos prédios no centro e das residências na periferia da cidade; acompanhou ano a ano a criação da estrada de asfalto que ligava Jacobina à Salvador, assim como a expansão do crescimento urbano, visto do alto das serras. Este aspecto da sua obra guarda muitas semelhanças com o trabalho desenvolvido por Marc Ferrez no Rio de Janeiro.

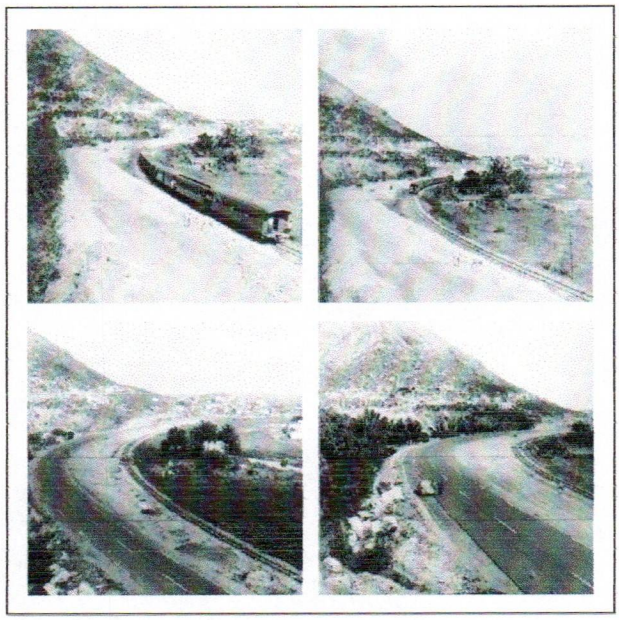
Amado Nunes chegou a editar um pequeno álbum da cidade, intitulado *Lembrança de Jacobina-Bahia.* A iniciativa de lançar o álbum, provavelmente privada,

---

[61] Ver: OLIVEIRA, Valter Gomes Santos de. *O espectador da cidade:* a representação de Jacobina nas fotografias de Amado Nunes. Artigo apresentado no I Seminário de Estudos de Cidades. Caetité: UNEB, 2 a 4 de setembro de 2002.

[62] Walter Benjamin fala que "a rua conduz o flanador a um tempo desaparecido". In: BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo.* Tradução José Carlos Martins Barbosa e Hermerson Alves Baptista. Obras escolhidas vol. III. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 185.

certamente foi para atender aos desejos de consumo da população por lembranças visuais da cidade. Os álbuns de cidade foram uma constante no Brasil do século XIX. Lançados por fotógrafos ou ateliês, eles funcionavam como *souvenirs*, juntamente com os cartões-postais, na fase industrial da fotografia. A respeito do álbum de cidade, as historiadoras Solange Ferraz e Vânia Carneiro informam que ele "é um tipo de publicação iconográfica na qual são aglutinadas, segundo um arranjo específico, fotografias que pretendem representar diversos aspectos da cidade. [63]»



(11-14) O fotógrafo acompanhou durante anos as transformações da via férrea ao alfalto. Fotos: Amado Nunes. Anos 60 e 70. Acervo Memória Fotográfica de Jacobina. (Cópias digitalizadas).

Amado Nunes foi um dos últimos fotógrafos representativos que produziu imagens em negativos 6x6cm em preto e branco. Presente em diversos momentos significativos da fase das grandes transformações ocorridas no tecido urbano de Jacobina, ele, como testemunha ocular produziu um conjunto de registros visuais em que se destaca o olhar atento ao que estava acontecendo na cidade, enfocando tanto suas mudanças quanto permanências. Entre os vários negativos encontrados de sua produção, existem diversas imagens feitas sequencialmente como uma atividade de perseguição das mudanças na paisagem urbana. Em algumas delas, após juntar as peças, como num quebra-cabeça, percebemos que o autor tentou estabelecer uma linha contínua, numa narrativa visual, da desativação da linha

[63] Lima, Solange Ferraz de e CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Fotografia e cidade*: da razão urbana à lógica do consumo: álbuns da cidade de São Paulo, 1887-1954. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1997, p. 19.

CAPÍTULO 2

IMAGENS DA MODERNIDADE EM JACOBINA

Introdução

> (...) é indiscutível que a cidade se faz representar e se dá a conhecer concretamente pelas suas imagens. As imagens urbanas são signos da cidade e atuam como mediadoras do conhecimento dela. [70]

A cidade se apresenta como um campo de possibilidades para o pesquisador do "fenômeno urbano", sendo muitas as vias que se podem trilhar para ter acesso ao seu conhecimento histórico. O caminho seguido neste estudo se deu a partir do imaginário social de seus espectadores privilegiados: os fotógrafos (em especial, com a obra de Osmar Micucci), e sua pequena elite letrada[71]. Através dos seus imaginários se procurou identificar os indícios da modernidade em Jacobina no período das administrações municipais entre 1955 a 1963, ou seja, dentro da fase nacional conhecida como "os anos dourados".

As evidências desses indícios de modernização, durante o período em análise, não constitui a idéia de que Jacobina fosse concretamente uma cidade moderna, mas apenas de que seus espectadores privilegiados conseguiram traduzir aquelas imagens urbanas em impressões da modernidade. Através dos imaginários sociais desses espectadores, perseguimos suas trilhas em busca das referências do moderno e da modernização em Jacobina. Como disse Sandra Jatahy Pesavento "a cidade é objeto de múltiplos discursos e olhares, que não se hierarquizam, mas se justapõem, compõem ou se contradizem, sem, por isso, serem uns mais verdadeiros ou importantes que os outros[72]". Foram analisadas aqui as imagens desses discursos e olhares.

---

[70] FERRARA, Lucrécia D´Alessio. *Os significados urbanos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2000, p. 115.

[71] Essa pequena elite, formada por jornalistas, escritores, poetas, gozavam simbolicamente de certo *status* na cidade, afinal, eram poucos os homens de letra. Seus artigos jornalísticos, textos e poemas, na época, circulavam principalmente através do *Vanguarda*, ou em outros veículos de difusão estadual e nacional, como no caso de Afonso Costa. Alguns ainda tiveram suas memórias publicadas de forma independente, para um público leitor particularmente local.

[72] PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade:* visões literárias do urbano- Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999, p.9.

Em busca da "esthetica das urbs modernas"

Em um pequeno artigo de 1923, intitulado "200 anos depois: a então vila de Jacobina", o jornalista, escritor e historiador membro do IGHB, Afonso Costa, descreveu da seguinte maneira a sua interiorana terra natal:

> Cidade elegante, estirada ao sopé e à curva das montanhas, o Rio do Ouro atravessa-a como filial do Itapicurú-mirim, que por seu turno passa em linha acachoeirada, sobre os cascalhos soltos, cingiando-a por todo o curso do casario. Ruas e praças, sem a esthetica das urbs modernas mas denotando a feição tradicional dos seus primeiros, nisto deve permanecer por todo o tempo demais, em honra ao passado que as formara, apenas recebendo as leves modificações actuaes da architectura, para o confirmar de sua evolução naturalmente demorada, mas naturalmente em congruismo com o seu povo[73].

Jacobina recebe do seu ilustre filho expressões como a de "cidade elegante" e de "feição tradicional". Ele distingue suas ruas e praças da "esthetica das urbs modernas", mas que, segundo o mesmo, "deve permanecer por todo o tempo demais, em honra ao passado que as formara". No entanto, que passado era esse a que o autor se referia?

A despeito da restrita, porque não dizer quase inexistente, bibliografia que trate de pesquisas feitas sobre os primórdios da história do povoamento de Jacobina, os limites sobre esse importante capítulo da história local se restringem às referências gerais feitas pelo cronista Antônio Andreoni Antonil; os historiadores Francisco Varnhagen e Capistrano de Abreu ou os estudos do próprio Afonso Costa[74]. É preciso dizer que esta é uma história por ser escrita. No entanto todos são unânimes em afirmar que a grande importância da Vila de Santo Antônio de Jacobina, criada em 1723, se deve ao fato da existência das preciosas minas de ouro e dos currais de gados, responsáveis por grande parte do sustentáculo da Colônia no fornecimento do cobiçado metal e no abastecimento de alimentos para a região litorânea. A região era tão importante para a Coroa que ela não demorara em mandar instalar aí uma das primeiras casas de fundição da Colônia.

---

[73] COSTA, Afonso. *200 anos depois (a então vila de Jacobina).* In: Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. N.º 48, 1923, p.280.

[74] ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*; VARNHAGEN, Franscisco Adolfo de. *História Geral do Brasil*; ABREU, J. Capistrano de. *Capítulos de história colonial*; COSTA, Afonso. *Minha terra (Jacobina de antanho e de agora).* In: Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia. Vol. II, 1916, pp. 235-319.

Segundo Afonso Costa, ao longo do século XVIII, o prestígio da Vila se manteve em razão da exploração do ouro, ao passo que decaiu em princípios do século XIX, quando a Corte já instalada em terras brasileiras proibiu a exploração aurífera sob a alegação da dificuldade de controlar os constantes contrabandos existentes. Para este autor, a Vila passou por grandes dificuldades econômicas, o que lhe garantiu só tardiamente a sua elevação ao título de cidade, ocorrida em 28 de julho de 1880. Afonso Costa lamenta a triste atenção destinada à sua região:

> Essa, a obra da coroa portuguesa e da coroa brasileira, em favor da terra que fora o berço dos sertões bahianos e que prometia aos desvelos reaes as benesses maravilhosas das compensações por quanto se lhe emprestasse para as grandezas[75].

Jacobina entrou no século XX com pequena estrutura urbana, quando seus dirigentes políticos procuraram fazer uma remodelação na sua paisagem da cidade. Aquela cidadezinha com ampla feição de vila necessitava ganhar ares urbanos. O primeiro edifício público a receber esses serviços de "melhoramentos" foi o Paço Municipal, que se encontrava em ruínas em 1913, quando iniciaram as obras para a sua reconstrução. Dois anos mais tarde, procurando dar continuidade ao programa de remodelamento da urbe, o Conselho da Intendência recomendou "serem demolidos todos os prédios em ruínas", ficando os proprietários com um prazo de um ano para a reedificação dos mesmos ou então construírem muradas nos terrenos. Segundo a mesma resolução, caso os proprietários não cumprissem a determinação "conciderão-se os mesmos sem direito na reedificação, que será concedida pela Intendência a quem primeiro requerer"[76].

Observa-se como o poder municipal, em nome da remodelação urbana que entendiam ser urgente, elaborava uma resolução arbitrária para aqueles que não podiam custear com as despesas de reedificação nos seus terrenos em prazo relativamente curto. É preciso considerar que, segundo informações de Afonso Costa em seu artigo de 1916, grande parte das habitações urbanas foi destruída com as fortes chuvas que caíram na região em 1914, provocando as cheias dos rios do Ouro e Itapicurú-Mirim. É compreensível que para quem possuía baixa renda e havia perdido suas propriedades com a tragédia ficava praticamente impossível

[75] COSTA, Afonso. Op. Cit., p. 279.

[76] Resolução nº 8 de 7/10/1915 das Leis e Resoluções do Conselho Municipal. Ano – 1908 a 1915. Arquivo Municipal de Jacobina.

cumprir o que determinava a resolução. Afonso Costa ainda diz que somente aqueles que possuíam mais riquezas puderam rapidamente promover o levantamento de novas edificações, mas lamenta que "infelizmente sem os ditames da estética das ruas, que devera presidir á feitura de cidades novas"[77].

Os únicos registros visuais até então conhecidos que possam dar uma idéia do que vinha a ser aquela cidade entre o fim do século XIX e princípio do XX, são algumas fotografias correspondentes à década de 1910 (Imagens 1 e 2). Naquelas imagens é possível perceber os limites da cidade, restritos a uma pequena área, e as cenas internas apresentadas restringem-se ao seu centro, onde se situam as sedes dos domínios religioso, comercial e político, formados pelas igrejas, casas de comércio, feira e intendência. A fotografia, neste caso, cumpre importante papel como indício visual daquilo que poderia ter sido a cidade nas primeiras décadas após sua emancipação. É válido destacar que algumas dessas imagens foram descobertas através do mencionado artigo de Afonso Costa publicado nos anais do Quinto Congresso Brasileiro de Geografia de 1916. Ali, o autor fez uso das fotografias como forma ilustrativa da cidade que ele abordou através das letras. Seguindo uma prática constante na época, as fotografias utilizadas pelo historiador não foram seguidas de análise e nem de crédito de autoria. No entanto, foi possível identificar o nome "Fonseca e Filho", gravada na imagem, sem restar mais informações sobre a data de sua produção e nem a procedência do fotógrafo.

---

[77] COSTA, Afonso. *Minha terra (Jacobina de antanho e de agora).* In: Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia. Vol. II, 1916, p. 274.

(1) Cena de feira no Largo Municipal. Sem data. Fotógrafo não-identificado. Acervo Centro Cultural Edmundo Isidoro dos Santos (fotocópia).

Rara imagem do centro comercial da cidade, onde funcionava a feira-livre sempre quando estava no domínio político do município o Cel. Ernestino Pires.

(2) Largo da Matriz. Sem data. Fotógrafo não-identificado. Acervo Memória Fotográfica de Jacobina (cópia digitalizada).

Trata-se de outra rara imagem da área central da cidade, inundada após a enchente do Rio do Ouro, ocorrida em 1914.

Quando Afonso Costa publicou o texto "200 anos depois" ele já morava em Salvador. Nascido "na modesta aldeia de Palmeirinhas", em 1885, e após passar sua infância entre Jacobina e Morro do Chapéu, o jovem estudante mudou-se para a capital a fim de prosseguir seus estudos e trabalhar. Em Salvador, ele trabalhou intensamente como jornalista e iniciou suas pesquisas autodidatas como historiador[78]. Nesse sentido, será que poderíamos considerar que Afonso Costa estivesse comparando a pequena Jacobina à cidade de Salvador quando afirma que a primeira não tinha a "esthetica das urbs modernas"? É possível que para um jovem

[78] GAMA e ABREU, Edith Mendes da. *Afonso Costa*. In: Revista do Instituto Genealógico da Bahia. Ano X, n.º 10. Salvador, 1958, pp. 4-19.

que ambicionava formação intelectual, a capital representasse o oposto do que era a pequena e tradicional cidadezinha do sertão baiano. No entanto, a velha Cidade da Bahia, na época, estava distante do que poderia ser chamado de uma "urb moderna", haja vista que até a década de 1960 sua espacialidade urbana ainda era limitada quando comparada com as grandes cidades brasileiras como Rio de Janeiro, São Paulo ou Porto Alegre. Segundo o sociólogo Antônio Rubim:

> (...) A industrialização e a urbanização, traços imanentes do acelerado processo de mutação em curso no século XX brasileiro, em especial a partir da década de 30, não atingiam a Cidade da Bahia que, imune ao progresso, mantinha sua "aura" de ex-capital com seu "malemolente" ritmo, natureza e hospitalidade baianos[79].

Ainda que não seja o propósito desta dissertação tratar dos aspectos urbanísticos da cidade do Salvador, até porque importantes estudos já foram feitos, faz-se necessário ter em mente algumas dessas questões, mesmo que seja apenas para ter uma dimensão do que representava a Bahia e sua capital em relação a uma pequena cidade do interior do Estado. Prosseguindo com Antônio Rubim, o autor indica que Salvador, até a década de 50, não pôde desfrutar das "dimensões positivas do progresso", ficando longe da modernidade, vista como nefasta pelos setores da elite da sociedade, carregados de valores enraizados na tradição que, por vezes, nostalgicamente lamentavam a perda de uma época passada de riquezas. Para Rubim, aquela Salvador, de sociabilidade

> (...) quase comunitária de uma cidade de dimensões e população reduzidas (por volta de 200 mil habitantes em 1940), marcada pela convivialidade cotidiana e severa de "brancos" e "pretos", a comunicação interpessoal encontra espaço de realização, apesar das fortes segregações existentes. (...) Um embrionário rádio convive com jornais, de longos narizes de cera, de linguagem mais literária que inscrita em uma formatação jornalística[80].

Ainda que a cidade viesse, ao longo de todo o século XX, sendo alvo de constantes intervenções e reformas urbanas, como a empreendida pelo governo de J. J. Seabra no início do século, somente na década de 60, durante a gestão do então prefeito indicado Antônio Carlos Magalhães, foi que a cidade passou por suas maiores

---

[79] RUBIM, Antônio Albino Canelas. "Comunicação, mídia e cultura" in: Bahia Análise & Dados. *Leituras da Bahia I*. Salvador, Vol. 9, n.º 4, março 2000, p. 75.

[80] RUBIM, Antônio Albino Canelas. Op. Cit., p. 75.

alterações espaciais, seguindo a trilha de projetos e intervenções anteriores, como o projeto do urbanista Mário Leal Ferreira, que na década de 40 propunha uma expansão futura da cidade com o aproveitamento dos vales e abertura de vias. De acordo com Gilberto Wildberger de Almeida:

> (...) Coube a equipe de ACM apenas alguns ajustes e atualizações, para o que veio a ser uma ambiciosa intervenção urbanística, cuja execução mudou a face de Salvador. A classe média logo se entusiasmou com o Prefeito, que não parava de executar obras, dasafogando os antigos e atravancados bairros da cumeada, alargando ruas (como foi o caso da Carlos Gomes), e asfaltando os vales[81].

Enquanto a cidade de Salvador "modernizava" seu território e, por sua vez, seus hábitos e costumes somente nos anos 50 e 60 do século passado, outras capitais, como Rio de Janeiro, São Paulo ou Porto Alegre, já haviam empreendido essas mudanças em épocas bem anteriores. Na Salvador dos anos 50, parte das questões discutidas por políticos, intelectuais ou homens de negócio gravitava em torno do grande dilema do enigma baiano[82] em que se questionava os motivos do atraso baiano e da sua não inserção nos trilhos da economia mundial, leia-se do capitalismo.

Partindo do pressuposto de que as primeiras reformas urbanas empreendidas na capital baiana tenham ocorrido durante os anos de J.J. Seabra, quando se abriu a grande Avenida Sete de Setembro, demolindo por sua vez inúmeras edificações antigas[83], a observação de Afonso Costa para a cidade de Jacobina, quer seja da inexistência da "esthetica das urbs modernas", podia até ser comparada com a de Salvador na época em que ali morou. É possível até dizer que ele não pôde viver para perceber as transformações por que passou a capital baiana nos anos 60 e

---

[81] ALMEIDA, Gilberto Wildberger de. *Política e Mídia na Bahia:* a trajetória de Antônio Carlos Magalhães. (tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1999, p. 224.

[82] Acerca do "enigma baiano" ver: AGUIAR, Manoel Pinto de. "Notas sobre o "enigma baiano"" in: Planejamento. Vol. 5, nº 4, Salvador, 1977; OLIVEIRA, Nelson de. "Sob o manto da concórdia: Bahia como contrafação do moderno". In: OLIVEIRA, Nelson et alli (org). *A outra face da moeda:* violência na Bahia. Salvador, Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Salvador, 2000; BORGES, Eduardo José dos Santos. *"Modernidade negociada", cinema, autonomia política e vanguarda cultural no contexto do desenvolvimentismo baiano (1956-1964).* (dissertação de mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2003.

[83] A este respeito ver: LEITE, Rinaldo César Nascimento. *E a Bahia Civiliza-se...* ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana. Salvador, 1912-1916 (dissertação de mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1996.

tampouco sua pequena cidade, mas pôde ver os exemplos de "urbs modernas", uma vez que morou no Rio de Janeiro, a então capital do país, para onde foi transferido em 1923 "por força do seu cargo federal" e onde faleceu em 31 de dezembro de 1955[84]. A cidade do Rio de Janeiro já havia passado pelos seus dias de reformas durante a administração do prefeito Pereira Passos desde a primeira década daquele século.

Afonso Costa imaginava para a sua pequena cidade uma onda de "progresso" que fosse acompanhada por uma preservação da sua "feição tradicional":

> Resta, para sua glória, que uma sequencia de administrações laboriosas e honestas sem outra política que o congraçamento de todos os jacobinenses para a grandeza da terra natal, saiba tirar das terras e das gentes o concurso maior para as sobrelevancias do progresso effectivo e seguro[85].

A despeito das idéias do seu primeiro historiador, uma das marcas deixadas pela seqüência dos administradores ao longo da década de 50 em diante, foi em grande parte, fazer esquecer aquele passado que lembrava um vilarejo "atrasado". Na década de 1950, os administradores da cidade promoveram uma contínua série de transformações, iniciada décadas atrás, que alteraram aquela velha feição de vila, e impulsionaram mudanças de hábitos que se fizeram sentir naquela tradicional sociedade.

"Jacobina na senda do progresso"

A segunda metade da década de 50, sob vários aspectos, foi bastante significativa para Jacobina. No plano da fotografia local, foi o período em que Osmar Micucci se afirmou como fotógrafo profissional e que Aurelino Guedes, profissional de larga experiência, após uma longa temporada trabalhando em outros Estados, retornava a prestar seus serviços na cidade [86]. Os dois fotógrafos aperfeiçoaram técnicas e produziram importantes registros da realidade local. No plano da política, a cidade foi marcada pelas aplaudidas administrações dos prefeitos Orlando Oliveira Pires e

---

[84] Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 2 e 3 de janeiro de 1956. in: Revista do Instituto Genealógico da Bahia. Ano X, n.º 10. Salvador, 1958, pp. 24-27.

[85] COSTA, Afonso. Op. Cit, 281.

[86] Jornal *Vanguarda* nº 297, de 19 de junho de 1955, p. 1. (*Retornou o fotógrafo Aurelino Guedes).*

Florivaldo Barberino, maiores representantes do grupo liderado pelo deputado Rocha Pires. No plano do urbanismo, a cidade recebeu grandes obras de infra-estrutura, fazendo parte das duas administrações um programa responsável pela alteração da fisionomia urbana. No plano demográfico, a cidade passou por um grande crescimento populacional[87], contribuindo muito para isso o recente ginásio estadual "Deocleciano Barbosa de Castro", antigo Instituto Senhor do Bonfim, responsável por atrair grande concentração de estudantes da região. Aquele foi o período também da circulação do jornal *Vanguarda,* única imprensa escrita local, que iniciava suas atividades em Jacobina a partir de 1955, após transferir sua sede de Feira de Santana. Por outro lado, naquele ano de 1955, com o falecimento no Rio de Janeiro, do escritor e historiador local Afonso Costa, a elite letrada perdia o seu mais significativo representante atuante fora da cidade. Afonso Costa foi o primeiro a desenvolver um estudo local do município, aonde também utilizou de modo pioneiro a fotografia como documento auxiliar ao relato histórico.

A administração de Orlando Pires foi a grande festejada daqueles anos 50, promovendo na cidade uma sintonia com o espírito dos chamados "anos dourados" vividos no Brasil, principalmente, com o clima político, econômico e cultural do governo JK. Em Jacobina, o jovem engenheiro agrônomo teve seu nome lançado politicamente pelo deputado Francisco Rocha Pires, grande liderança local que mantinha as rédeas do poder desde os anos trinta, ininterruptamente. O falecido músico da cidade, Amado Oliveira[88], funcionário da prefeitura na época, informou que o deputado Rocha Pires foi pessoalmente ao Rio de Janeiro, então capital do país, em busca de trazer Orlando Oliveira Pires para lançar seu nome candidato à cadeira do executivo de Jacobina. Segundo ele, a pedido de sua mãe, Rocha Pires também o trouxera, passando por Jequié, onde trabalhava como locutor numa rádio local, para servir na prefeitura de Jacobina. O mandato do "prefeito dinâmico" (1955-1959), como foi diversas vezes alcunhado, atravessou a fase de Café Filho a JK, no cenário nacional, e de Antônio Balbino, na Bahia. A administração do prefeito recebeu forte influência do clima modernista vivido pelas grandes cidades e do desenvolvimentismo nacionalista de Juscelino Kubitschek, principalmente com a

[87] Segundo os censos demográficos a população da cidade em 1950, era de 7.224 habitantes, passando em 1960, para 12.373, crescendo numa proporção de quase 75%. Dados obtidos em: FONSECA, Antônio Ângelo Martins da. *Op. Cit.* p. 141.

[88] Entrevista com Amado Honorato de Oliveira, realizada em 30 de novembro de 2004.

construção de Brasília. As palavras de ordem no Brasil daqueles "anos dourados" eram "modernidade", "progresso" e "desenvolvimento". A febre modernista reinante nas grandes capitais brasileiras na primeira metade do século XX contaminou também pequenas localidades do interior brasileiro. É possível perceber a existência desse clima de euforia em Jacobina, até mesmo antes da ascensão de JK a presidência da República.

Em um artigo, "Jacobina na senda do progresso", publicado no jornal *Vanguarda,* o poeta Humberto Soares e Silva fez uma abordagem apologética da eleição de três de outubro de 1954, que elegera Orlando Oliveira Pires ao pleito municipal. Para o autor, aquela data era um divisor de águas entre duas fases. Dentre vários aspectos antagônicos entre elas, Soares destacou como exemplos da primeira fase:

> as dificuldades intuitivas de urbanismo e aformoseamento da cidade; de ano a ano a corrosão da leviandade, o despropósito firmado nas coisas públicas, a pouca visão das diretrizes de antanho e deficiência das atividades; morte das tradições e da imorredoira fé naqueles que a habitam; a contraproducência dos efeitos visíveis e antipáticos; estrutura radical, mocidade transviada, corporação de atraso sem burocracia e conformação; desbarate das virtudes e pendão de consciência... [89]

Em sua abordagem, o autor apresentou uma visão romântica e taumatúrgica da figura do administrador Orlando Oliveira Pires:

> mal alçava, êste homem, as escadarias do poder, tudo como que *por encanto*, se modificava. Logo burocraticamente a feição de uma organização moderada e sucinta fez-se notar... Movimento no corpo de funcionário, cuidando de perto o dever e a ocupação... Sinceridade nos atos mais curtos, abandono de propósitos políticos nos mínimos detalhes... Atividade constante, o hando de perto as necessidades urgente de burnir as coisas públicas. Desmanchando os erros pretéritos e transformando as desproporções. Popularidade e autonomia comungadas num só caráter. Justiça e desambição, na *mais acreditada das administrações* [90].

Esta visão de Humberto Soares é interessante e merecem atenção as suas palavras. Seguindo a mesma esteira do pensamento de Afonso Costa, ele percebeu uma pretérita cidade atrasada em vários aspectos. No plano físico e estético, foi vitimada pelas experiências "intuitivas de urbanismo" dos seus administradores. No plano administrativo, carecia de uma estrutura burocrática do seu corpo de funcionários, sem visão da coisa pública, daí sua "contraproducência", antagônico ao modelo das cidades modernas. No aspecto cultural, as tradições foram condenadas

[89] Jornal *Vanguarda* nº 290, de 1 de maio de 1955, p. 3. (*Jacobina na senda do progresso).*

[90] Idem, p. 3. (grifos do autor).

à morte e a auto-estima de seu povo estava imobilizada. No entanto, a crença inabalável no progresso fez com que o autor acreditasse em dias melhores, os quais, em sua opinião, já haviam começado, ainda que "por encanto", pelas mãos do prefeito Orlando Oliveira Pires, após a vitória nas eleições do dia três de outubro de 1954.

A crença no progresso que motivou uma elite letrada, como Afonso Costa e Humberto Soares e Silva, a prognosticar dias melhores para a cidade, na concepção de muitos contemporâneos, foi materializada pelas ações do prefeito Orlando Oliveira Pires. Ao longo de todo seu mandato, o jornal *Vanguarda* se colocou como porta-voz daquela fase progressista na cidade. É o que se vê, por exemplo, em uma edição de 1956:

> Depois de alguns anos de decadência e de outros de estagnação, Jacobina retomou – de dois anos para cá – o caminho do soerguimento e do progresso.
>
> Confrontando-se a sua situação de há dois anos com a atual, verifica-se uma notável modificação em prol do seu desenvolvimento material, social e cultural. [...]
>
> Assim, depois de longos anos de inércia, esta bissecular cidade envereda pela senda do progresso; progresso êsse que ela deve, em grande parte, à instalação do Ginásio Estadual e ao dinamismo administrativo do seu jovem prefeito, dr. Orlando Oliveira Pires, que, em menos de um ano de governo, já realizou inúmeros e importantes melhoramentos na sede e nos distritos[91].

Nota-se no jornal, que a cidade havia entrado no ritmo do desenvolvimento há dois anos, justamente com a instalação do Ginásio Deocleciano Barbosa de Castro e com a administração do prefeito Orlando Oliveira Pires. Na visão dos contemporâneos, a cidade vivia seu afã do progresso e entrava na tão sonhada modernidade acalentada por Afonso Costa. No entanto, ainda que aquele tão festejado "desenvolvimento material, social e cultural" estivesse distante dos padrões modernos das grandes cidades, os seus espectadores ansiosos sentiram e perceberam aquelas mudanças ocorridas como sintomas da modernidade. Essa também foi a mesma percepção observada por Sandra Jatahy Pesavento, ao analisar diversas representações da cidade de Porto Alegre nos anos 30:

> Mesmo que o processo de renovação urbana em curso não se aproximasse, em termos de escala, do das metrópoles reais que suportam o conceito, a população afetada pelas demolições vivenciava a situação como pertinente

[91] Jornal *Vanguarda* n.º 330, de 11 de fevereiro de 1956, p. 1. (*Jacobina retomou o caminho do progresso*).

> ao acesso à modernidade. Em suma, os porto-alegrenses sentiam a sua cidade como metrópole e a representavam como tal em crônicas de jornais, poesias, imagens e discursos variados[92].

Para a historiadora, o discurso imaginário ganhou força de realidade em Porto Alegre, mesmo sem corresponder efetivamente com o real concreto, a "sensibilidade fazia com que a representação imaginária ganhasse força de realidade" [93].

Em Jacobina, processo semelhante ocorreu, principalmente entre fins dos anos 50 e início dos 60. Alguns espectadores privilegiados, como os fotógrafos e parte de sua elite letrada, traduziram aquelas transformações urbanas ocorridas na cidade através de imagens, nas quais se permitem identificar seus "acessos à modernidade". Dentre as obras dos fotógrafos da época, a de Osmar Micucci merece destaque. Suas fotografias abarcam, de maneira panorâmica e pontual, aspectos multifacetados da fisionomia urbana.

"Vistas da cidade": modernização da fisionomia urbana

Walter Benjamin foi um grande leitor de imagens urbanas. Para Willi Bolle, a contribuição específica de Benjamin na arte de escrever história com imagens, foi na construção da fisionomia da metrópole moderna.

> Genericamente falando, a fisiognomia benjaminiana é uma espécie de "especulação" das imagens, no sentido etimológico da palavra: um exame minuncioso de imagens prenhes de história. Ela tem sua razão-de-ser na especificidade do seu pensamento, que se articula não tanto por meio de conceitos e sim de imagens[94].

Benjamin foi buscar nos poemas de Baudelaire imagens da multidão, dos bulevares, do *flâneur*, do dândi, da prostituta, da passante, do trapeiro, usando as lentes do poeta para revelar a modernidade na Paris do Segundo Império, no século XIX. O método da história empreendido por Benjamin foi de cunho investigativo e suas fontes foram os poemas. Ele soube inquirir, com perspicácia de detetive, as mensagens presentes na literatura, possibilitando-lhe enxergar imagens variadas

---

[92] PESAVENTO, Sandra Jatahy. "Muito além do espaço: Por uma história cultural do urbano". In: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.8, n.16, 1995, p. 285.

[93] PESAVENTO, Sandra Jatahy. Idem, p. 285.

[94] BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna:* Representação da História em Walter Benjamin. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000, p. 42.

das fisionomias do mundo capitalista e trágico da grande cidade moderna. Inspirado nos textos de Poe, Engels, Balzac, Hugo, Baudelaire, Goethe, e nas "fisiologias", gênero literário francês do início do século XIX, Benjamin construiu seu modelo de observação urbana, buscando nas construções artísticas as marcas da modernização urbana em locais como Paris, Londres e Berlim.

Diferente da constituição física das grandes cidades, e da trajetória histórica de uma Paris, por exemplo, em Jacobina, os impactos da modernização ocorridos nos anos 50 do século passado seguiram caminhos singulares. No entanto, dentro das especificidades do local, como já foi dito anteriormente, a sua população percebeu tais impactos em suas vidas cotidianas como efeitos da modernidade. Nesse sentido, procurou-se identificar nas fotografias a presença dessas imagens na reconhecida modernidade jacobinense.

Foram nas fotografias, especialmente de Osmar Micucci, que se buscaram as marcas das transformações ocorridas na fisionomia urbana de Jacobina. Em vários aspectos, os olhares fotográficos foram relacionados aos textos jornalísticos da época. Esse cruzamento de imagens sinalizou pistas que levaram à compreensão do perfil de modernização nas obras empreendidas na antiga cidade.

Para se ter uma idéia das transformações ocorridas no espaço urbano de Jacobina, na segunda metade da década de 50, esta imagem aérea, de 1958, é bastante esclarecedora para se ter idéia do que representava a cidade na época. Em primeiro lugar, é bom ter em conta que em 1955 os limites do centro administrativo, comercial e religioso da cidade estavam circunscritos a uma pequena área ao lado direito do Rio Itapicurú-Mirim (1), formada por algumas ruas próximas às suas principais praças: a Castro Alves (3), onde se localiza a Igreja Matriz e os casarios mais antigos da urbe; a Rio Branco (5), onde funcionava a sede do executivo e legislativo e o seu principal centro comercial; e a Dois de Julho (6), ainda sem beneficiamento de infra-estrutura, principal via de expansão urbana na direção oeste.

(3) Vista área de Jacobina. 1958. Autor não identificado. Acervo Laboratório Cartográfico (UNEB-Jacobina).

***1**. Rio Itapicurú-Mirim **2**. Rio do Ouro **3**. Praça Castro Alves **4**. Ponte Manoel Novais **5**. Praça Rio Branco **6**. Praça 2 de Julho **7**. Largo da Estação **8**. Ginásio Estadual **9**. Ponte de madeira.*

No segmento esquerdo do Rio Itapicurú-Mirim estavam localizados, entre os principais vetores da expansão urbana para aquela direção, a estação de trem (7), onde funcionava nas suas imediações um centro comercial de armazéns de cereais e demais produtos agrícolas, e o ginásio "Deocleciano Barbosa de Castro" (8), importante centro educacional da região. Ainda em 1955, aquela área carecia de serviços básicos, como saneamento e pavimentação nas suas principais ruas. As vias de acesso entre as duas áreas da cidade eram as pontes Manoel Novais (4), erigida em 1937, e uma outra de madeira (9), conhecida pela população como "Picula", que sempre quando chovia e transbordava o Rio Itapicurú-Mirim ficava

intransponível. Foi somente em 1960, na administração do prefeito Florivaldo Barberino (1959-1963), que uma ponte de concreto armado foi construída.

Acompanhando a expansão urbana de Jacobina entre os anos de 1955 a 1963, o fotógrafo Osmar Micucci produziu um conjunto de fotografias panorâmicas em que demonstrava tanto o seu olhar atento de espectador da cidade quanto a atitude documentarista de garantir para a população local os registros daqueles momentos de transformação da sua paisagem.

Na sua investigação das imagens urbanas, Walter Benjamin comenta sobre a presença dos "panoramas"[95] na Paris de Baudelaire, inclusive, percebendo no escritor uma atitude panorâmica de olhar a cidade. Essa marca distintiva, que ficou impressa em uma variedade de textos literários da época, foi vista pelo autor como "uma literatura panorâmica". Composta de livros populares, esta literatura ocupou espaço significativo nas ruas de Paris, locais onde os autores passeavam vendendo seus exemplares. Dentre os gêneros, Benjamin chama a atenção para as "fisiologias", que eram "fascículos de aparência insignificante, e em formato de bolso" [96]. As fisiologias ocupavam-se em descrever os variados tipos humanos da cidade, das elites aos populares, e mais tarde da própria Paris.

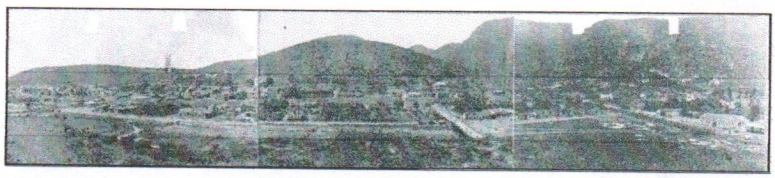
Seguindo uma tradição de fisionomias urbanas, o fotógrafo Aurelino Guedes produziu em Jacobina um pequeno álbum com uma vista panorâmica da cidade, em 1957, composta de cinco fotografias (Imagem 6). Com o mesmo enquadramento e estrutura de montagem feita pelo fotógrafo Juventino Rodrigues, em 1948 (Imagem 5), e por outra panorâmica anterior (Imagem 3), Guedes produziu do mesmo local uma imagem em que se visualiza a cidade em grande ângulo. As raízes da tradição de vistas panorâmicas em Jacobina remontam ao início do século, de quando foi encontrada uma fotografia publicada no artigo de Afonso Costa, ou seja, meio século atrás e após mais de um século dos primeiros panoramas que se tem notícia, em

---

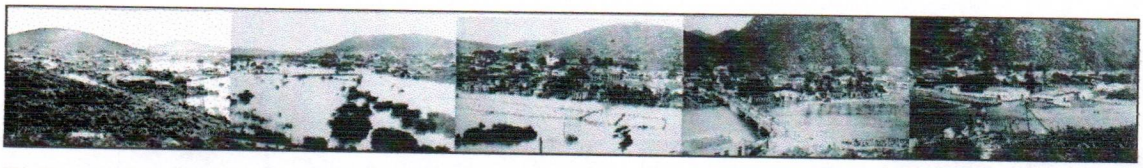
[95] "A palavra **panorama** foi orignalmente cunhada pelo pintor irlandês Robert Barker para descrever suas pinturas panorâmicas de Edimburgo. Mostradas em uma superfície cilíndrca e vistas de dentro, elas eram exibidas em Londres, em 1792, como "O Panorama". No século XIX, pinturas e modelos panorâmicos tornaram-se formas muito populares de representar paisagens e eventos históricos". In: http://pt.wikipedia.org/wiki/Fotografia_panor%C3%A2mica [acessado em 25/05/2007]

[96] BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire:* um lírico no auge do capitalismo. Obras escolhidas vol. III. 2 ed. Tradução José Carlos M. Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, p. 33.

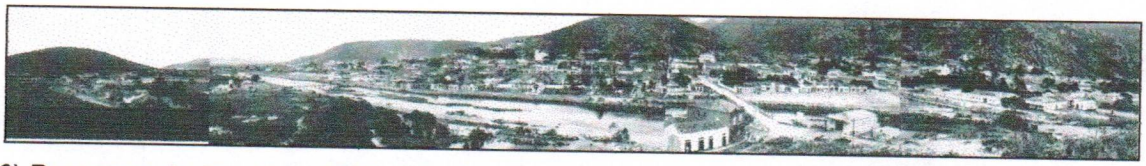
1840, na Europa. Aqui no Brasil, a moda dos panoramas ocorreu na segunda metade do século XIX, através de fotógrafos como Militão Augusto de Azevedo, em São Paulo, e Marc Ferrez, no Rio de Janeiro, e do inglês Benjamin Mulock, em Salvador.



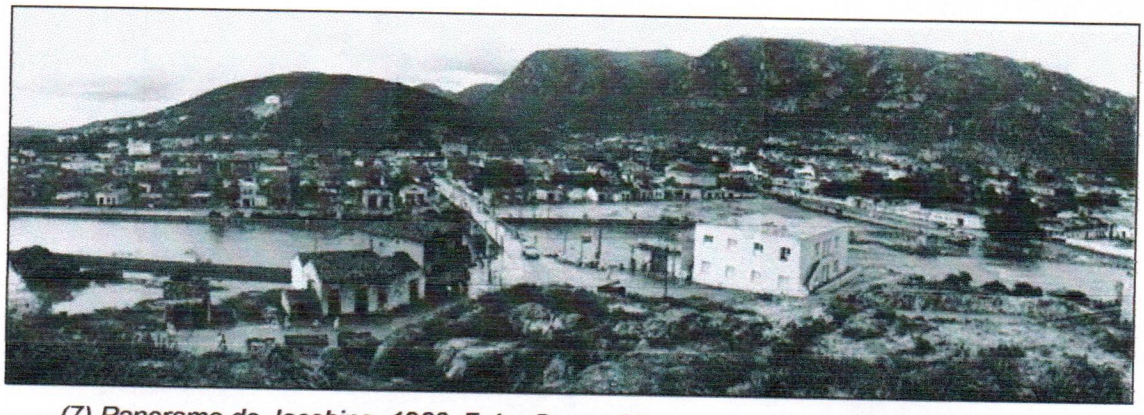
(4) Panorama de Jacobina. Década de 1940. Autor não identificado. Acervo do Centro Cultural Luis Eduardo Magalhães. (Fotocópia).



(5) Panorama de Jacobina. 1948. Foto Juventino Rodrigues. Acervo particular Lindenício Ribeiro. (Reproduções em cópias 10x15cm).



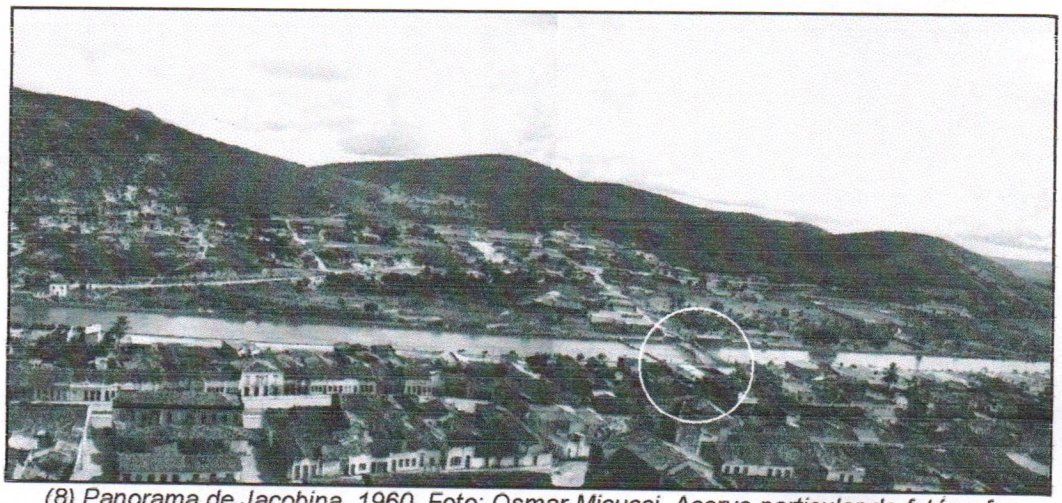
(6) Panorama de Jacobina. 1957. Foto Aurelino Guedes. Acervo Memória Fotográfica de Jacobina. (Cópia digitalizada)



(7) Panorama de Jacobina. 1960. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativos 6x6 cm).

Entre os primeiros arquivos de Osmar Micucci, em 1956 foram encontrados vários negativos onde se percebe uma preocupação do fotógrafo em registrar a cidade do alto e de forma panorâmica. Micucci procurou explorar o tema de vários ângulos, ao contrário dos dois outros fotógrafos da cidade. Entre os negativos do arquivo "vistas 1958 e 1959" foi possível identificar alguns que, depois de juntos, formaram vistas panorâmicas. Em uma delas (Imagem 6) o autor dialoga com as imagens

panorâmicas de Aurelino Guedes e Juventino Rodrigues, e na outra (Imagem 7) produziu uma das raras imagens da área sul da cidade na época. Nesta última se pode observar a existência das duas ruas principais que ligavam à estação de trem e ao ginásio estadual. Nota-se, no canto direito que a Ponte Francisco Rocha Pires estava em fase de construção, o que indica que esta imagem tenha sido feita no ano de 1960. Em outro acervo do fotógrafo, se constata que ele documentou aquelas obras de construção na cidade (Imagem 18 do anexo).



(8) Panorama de Jacobina. 1960. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativos 6x6 cm).

Sugerindo uma comparação com as imagens precedentes, tudo indica que Micucci quis demonstrar a evolução urbana depois de mais de uma década na cidade. Naqueles festivos anos de modernização na cidade, os diálogos com o passado feitos através das fotografias serviam tanto para demonstrar as alterações da fisionomia urbana, quanto a evolução técnica do próprio artefato fotográfico.

Adentrando o espaço interno da cidade naquele período, Osmar Micucci foi o autor cuja obra pode-se considerar a mais "panorâmica". Entre centenas de fotografias, produzidas para prefeitura, terceiros ou até pela percepção espontânea, ele deixou um grande conjunto de imagens que narram os aspectos das modernizações vividas pela cidade. Ele foi o fotógrafo mais atento às transformações ali ocorridas, tanto no aspecto público quanto particular, sendo também o que mais prestou serviços para as administrações municipais, a começar pela de Orlando Oliveira Pires, o "dinâmico prefeito".

Em seu texto, Walter Benjamin deixa crer que dentro da aventura da modernidade a figura do herói ocupa lugar de destaque. É ele "o verdadeiro objeto da modernidade. Isso significa que, para viver a modernidade, é preciso uma constituição heróica"[97]. O autor enxergou, através dos escritores do século XIX, as figuras heróicas nas grandes cidades modernas, diferente dos antigos heróis. Nelas, os heróis estavam entre o proletariado urbano, ou seja, entre aqueles que enfrentavam as dificuldades oferecidas pela modernidade nas ruas e fábricas. No entanto, em uma cidade de tradição social elitista e conservadora como Jacobina, a referência dos heróis no imaginário cultural foram encarnados entre os indivíduos oriundos de famílias tradicionais e que reunissem virtudes como a dinamicidade, a energia, a coragem e a inteligência. Enquanto nas suas origens o mito do herói foi personificado na figura do bandeirante que, com sua atividade desbravadora, abriu caminhos para a civilização branca numa terra de "selvagens", naqueles anos 50, setores da população local elegeram o prefeito Orlando Oliveira Pires como o herói daqueles tempos. Na acepção da palavra, ele foi, para muito habitantes, o responsável por destravar as rodas do progresso na cidade.

Orlando Pires teve a seu favor vários fatores que colaboraram para emplacar o estigma de "prefeito dinâmico". Seu mandato foi exercido dentro da atmosfera política dos "anos dourados" de JK, após um período considerado de estagnação na cidade. Como administrador, sua imagem foi associada, sub-repticiamente, à do presidente JK, visto como homem dinâmico e de ação. Orlando Pires, durante sua gestão, recebeu a visita do presidente na cidade, fato que contribuiu ainda mais para o seu prestígio e a associação de idéias. O jornal *Vanguarda,* durante os anos do seu governo, foi uma mídia de comunicação aliada na promoção da sua imagem, fazendo uso de sua fotografia oficial em várias edições e de constantes elogios à sua administração. A criação da personalidade heróica de Orlando Pires pode ser percebida, por exemplo, quando o poeta Humberto Soares atribuiu à sua gestão um divisor de águas na história da cidade e sua ascensão ao poder como gerador de mudanças "por encanto". Deixando de lado os exageros, o prefeito teve também a seu favor o fato de pertencer a uma família de tradição política na cidade. Foi durante os anos de Orlando Pires como gestor público que Jacobina passou por

[97] BENJAMIN, Walter. *Op. Cit.*, p. 73.

uma série de intervenções públicas, contribuindo profundamente para a alteração da sua feição urbana.

Em sua dissertação de mestrado, Ângelo Fonseca faz uma pequena abordagem sobre a evolução urbana de Jacobina no período em questão. Para o autor,

> Os investimentos aplicados na região, apesar de estarem vinculados ao desenvolvimento da agricultura, repercutiram diretamente no espaço urbano de Jacobina (...) entre 1950 e 1960, a prioridade foi para a instalação de serviços de infra-estrutura como redes de drenagens e terraplanagens, inclusive nas encostas das serras[98].

Dentro da administração de Orlando Pires a construção da Avenida Beira-Rio foi uma das obras mais significativas no aspecto da infra-estrutura e que contribuiu de forma decisiva para a alteração da feição urbana de Jacobina. Contando com amplos recursos do Governo Federal, através da Superintendência do Vale do São Francisco, o jovem prefeito realizou aquela que foi sua maior realização administrativa. Criando uma imagem de prefeito enérgico e político habilidoso, o jornal *Vanguarda*, ainda no início das obras apresentou o empenho de Orlando Pires para realizar "a abertura de uma nova Avenida em que será contruída cêrca de uma centena de modernos prédios residenciais"[99].

A abertura de avenidas nas grandes cidades já era do conhecimento da elite letrada de Jacobina. As intervenções vividas por Paris, Rio de Janeiro e Salvador, certamente faziam parte do desejo modernista de muitos que almejavam fazer daquela pequena cidade um modelo de civilidade no sertão baiano. O próprio prefeito Orlando Pires já conhecia de perto as experiências da capital baiana e da brasileira na época. No entanto, a abertura da nova avenida em Jacobina não se deu com a derrubada de velhos casarões seculares, como em Salvador e Rio de Janeiro. Ali foi preciso construir o novo, indenizando vários terrenos dos fundos das residências das ruas Rio Branco e Coronel Teixeira, e vendendo lotes aos particulares interessados na construção de residências na Avenida Beira-Rio, com suas frentes voltadas para o Rio Itapicurú-Mirim[100].

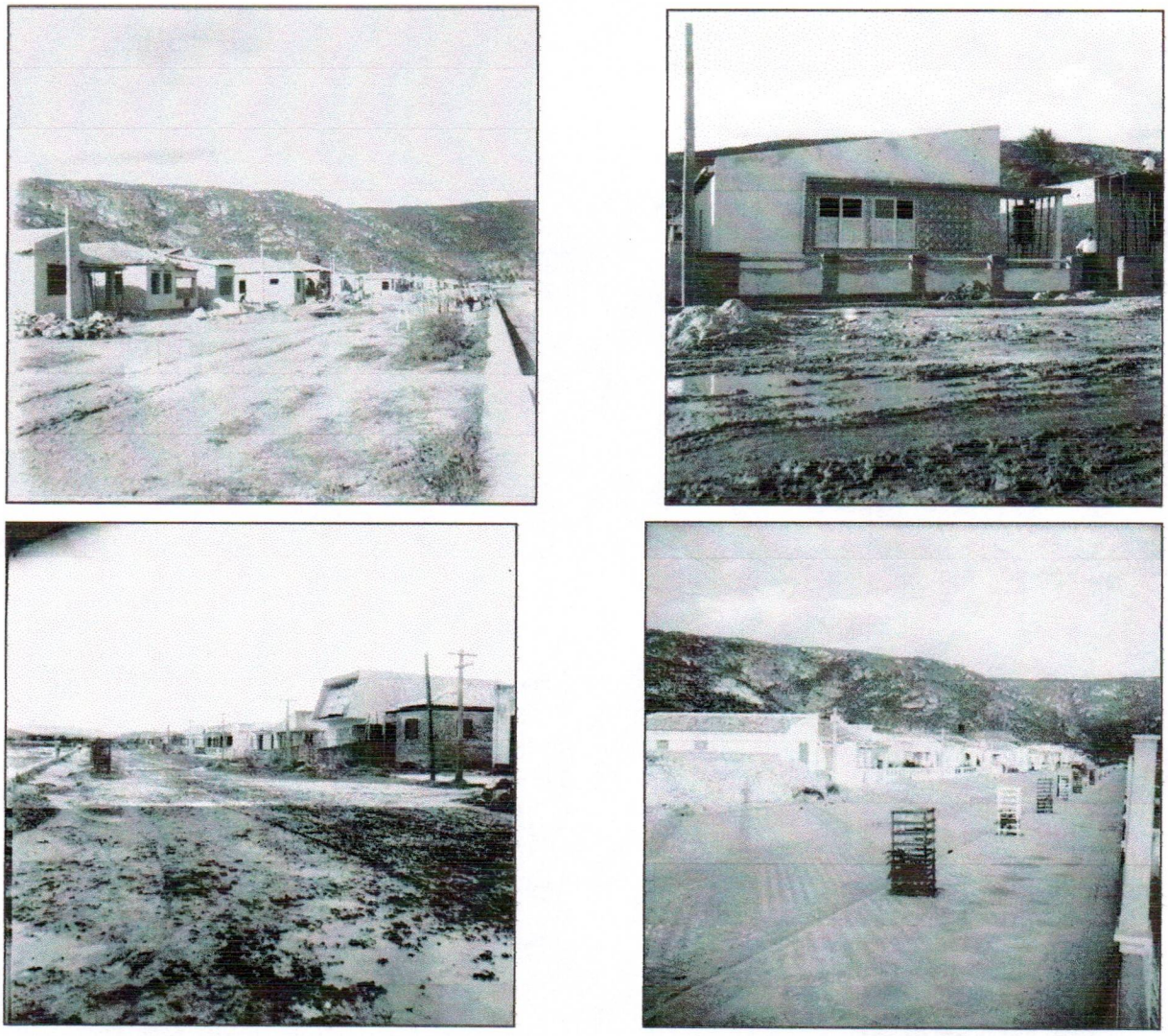
---

[98] FONSECA, Antônio Ângelo Martins da. *Op. Cit.* p. 143.

[99] Jornal *Vanguarda* n.º 330, de 11 de fevereiro de 1956, p. 1. (*Jacobina retomou o caminho do progresso*).

[100] Jornal *Vanguarda* nº 314, de 18 de outubro de 1955, p. 4. (*Prefeitura Municipal de Jacobina - Convite*).

Acompanhando todo o processo de construção na avenida na época, o fotógrafo Osmar Micucci documentou o desenvolvimento da nova artéria da cidade ao longo dos anos, produzindo várias imagens das obras da infra-estrutura à pavimentação da rua e do passeio público e das construções das residências particulares.



(9-12) Avenida Beira-Rio ao longo da segunda metade da década de 50. Fotos: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativos 6x6 cm).

A preocupação com a estética das ruas e praças era sempre um imperativo entre os defensores da modernização em Jacobina, e naqueles anos 50 não foi diferente, aludindo ao que afirmou Annateresa Fabris em seu estudo sobre os cenários das ruas no Rio de Janeiro do início do século. Para a autora:

> Se a modernidade é sinônimo de aparência, não admira que João do Rio faça da rua o lugar por excelência da vida nervosa. Lugar democratizador, no qual

> todos se descobrem iguais, no qual as diferenças se apagam, a rua é o verdadeiro cenário da modernidade [101].

Em Jacobina, o discurso da aparência e do asseio público foi o que motivou, por exemplo, o jornal *Vanguarda* a ser o porta-voz do discurso higienista e modernizante, colocando na pauta daquele momento a necessidade de começar pelas ruas a modernização dos espaços. Principalmente suas principais ruas, que até o final da década de 50 não possuíam pavimentação, ou eram de pedras disformes, estando fora do padrão estético desejado pelas elites locais. Para o jornal, não era condizente com uma cidade que se dizia moderna e civilizada a permanência de esgotos abertos em suas principais ruas sem pavimentação, como a 24 de Outubro e a Coronel Teixeira, a "Baixa dos Sapateiros" de Jacobina. Afinal, que péssima impressão não levaria o visitante que trafegasse por tais vias? Uma das tônicas do discurso desta imprensa era com a necessidade da solução dos esgotos na cidade, principalmente nas suas artérias centrais, visto serem áreas de circulação das elites e visitantes[102].

(13) Garota na Praça Rio Branco. 1955. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativo 6x6 cm).

No primeiro ano de seu mandato, Orlando Pires em nome do asseio público e da estética moderna colocou tambores de lixo nas "principais ruas", distribuiu fardamento aos garis, reiniciou e inaugurou o calçamento com paralelepídedos da Rua Senador Pedro Lago, da Praça Rio Branco e ainda iniciou a pavimentação da Rua Cel. Teixeira. O prefeito, inclusive, baixou ato proibindo o tráfego de carroças com rodas de ferro pelas ruas pavimentadas da cidade[103]. Os reflexos daquelas obras se

---

[101] FABRIS, Annateresa. *Fragmentos Urbanos:* Representações culturais. São Paulo: Studio Nobel, 2000, p. 56.

[102] Jornal *Vanguarda* nº 293, de 22 de maio de 1955, p 1. (*Jacobina e o problema dos esgotos*).

[103] *Vanguarda* nº 301, de 17 de julho de 1955, p 1. (*Proibido o trânsito de carroças com rodas de ferro*).

fizeram sentir nas páginas do jornal *Vanguarda*[104] e em algumas fotografias da época. Seguindo a prática do seu discurso, o jornal teceu palavras de elogio ao jovem administrador, como sendo aquele "dinâmico prefeito" que esteve "preocupado com os estudos dos múltiplos problemas da nossa comuna" [105].

Em algumas imagens de Osmar Micucci se percebe a intenção do fotógrafo em chamar a atenção para a presença daquelas obras na estética das ruas de Jacobina. Em uma fotografia de 1955, por exemplo, onde o fotógrafo registrou uma garota em pé diante do cais da Praça Rio Branco, nota-se que apesar dela ser o assunto principal da foto, ele enquadrou a cena de maneira que fosse possível abordar em perspectiva a novidade do urbanismo no centro da cidade. A nova praça havia sido inaugurada no ano anterior pelo prefeito João Batista Freitas de Matos enquanto a conclusão do calçamento havia sido obra de Orlando Pires. Um detalhe da imagem, que demonstra o caráter iniciante do jovem fotógrafo, é a sombra da sua presença refletida no canto esquerdo da foto. Em outra fotografia, datada como 1956, o enquadramento feito pelo autor merece também a atenção. Ali ele destaca metade de uma cena com pessoas na Praça Rio Branco para a rua deserta, onde se nota seu calçamento com paralelepídedos, sugerindo uma alusão à sua recente inauguração[106]. Percebe-se que neste aspecto os discursos do jornal e das fotografias de Micucci estão em conformidade quanto às novidades estéticas das ruas da cidade.

(14) Praça Rio Branco. 1956. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativo 6x6 cm).

A obra de Micucci nas ruas de Jacobina é bastante significativa. Nelas o fotógrafo produziu inúmeras imagens onde deixa perceber o seu olhar para as representações

---

[104] Jornal *Vanguarda* nº. 295, de 5 de junho de 1955, p. 1. (*Tem Melhorado o Asseio da Cidade*).

[105] Jornal *Vanguarda* nº. 297, de 19 de junho de 1955, p. 1. (*O Prefeito Começa a Executar o Seu Programa Administrativo*).

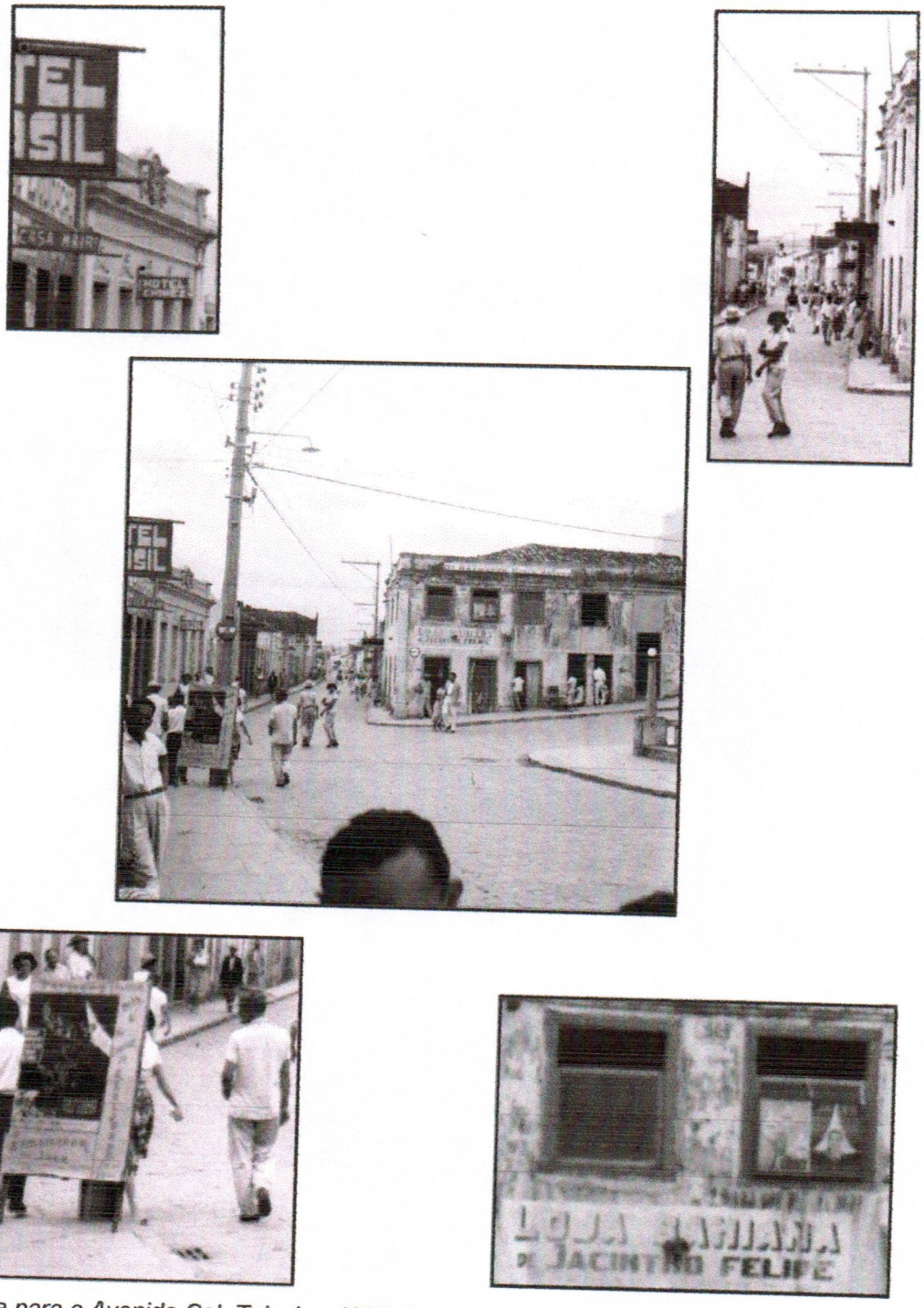
[106] Jornal *Vanguarda* nº. 322, de 10 de dezembro de 1955, p. 1. (*Inaugurados os Calçamentos*).

do universo sagrado e profano da cidade. Em algumas delas é possível identificar as próprias ruas como objetos centrais, onde se percebem as fisionomias urbanas singulares de uma cidade do interior baiano no contexto dos "anos dourados". Tal qual um João do Rio, ele perscrutou os quatro cantos da cidade, pescando imagens para compor a sua leitura panorâmica da cidade.

Imagem como a da Avenida Coronel Teixeira é surpreendente porque se nota um olhar impressionista do fotógrafo para a cidade em movimento. Em uma das suas mais agitadas ruas daquele contexto, o fotógrafo apresenta um clima de burburinho típico das tranqüilas cidades interioranas, com pessoas em movimentos, paradas e conversando nas ruas vazias de veículos automotivos. Por outro lado, a fotografia, como indício visual, deixa transparecer a existência de signos que remetem a ícones da modernidade, pautada na circulação de povos e culturas[107] como, por exemplo, visto nas placas dos hotéis, estabelecimentos comerciais e cartazes fazendo referências a aspectos locais e globais. Ali se nota o *Hotel Brasil* no seguimento do *Hotel Chinez;* a *Casa Mairi* em frente à *Loja Bahiana;* e no cartaz da programação do Cine Payayá, a exibição de um espetáculo de jazz. Os postes de luz indicam a existência de energia elétrica naqueles logradouros e as ruas pavimentadas com uma "boca de lobo" apontam que aquela área já contava com obras de infra-estruturas do urbanismo. Os cartazes políticos dos candidatos Lott e Jango para presidente e vice, respectivamente, sugerem o período do registro fotográfico.

---

[107] Marshal Bermann diz que "a experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido pode dizer-se que a modernidade une a espécie humana". In: BERMANN, Marshall. *Tudo o que é sólido se dissolve no ar:* a aventura da modernidade. Tradução Ana Tello. Lisboa: Edições 70, 1982, p. 15.



(15) Vista para a Avenida Cel. Teixeira, 1960. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativo 6x6 cm).

Foram praticamente durante as administrações de Orlando Pires e Florivaldo Barberino que as expansões desses aspectos urbanos ganharam impulsos para outras áreas da cidade. No plano urbanístico, algumas construções e serviços inaugurados, acentuados ou iniciados durante estas administrações contribuíram como vetores de expansões, promovendo a urbanização para áreas mais afastadas do centro administrativo. A este respeito merecem destaques o aeroporto,

inaugurado em 1957 e o matadouro, em 1962, colaborando para a expansão em direção ao segmento oeste, ali surgindo novos bairros, como Caeira e Catuaba. Com o Ginásio Deocleciano Barbosa de Castro, transformado em instituição estadual em 1954; a construção do estádio de esportes em 1957; o Hospital Regional, nos anos sessenta, bairros como Serrinha, Índios e Perú foram cada vez mais se dinamizando e promovendo a expansão de residências e ruas em direção ao sul, ou seja, ao lado direito da margem do Rio Itapicurú-Mirim, reforçando para isso a construção da Ponte Francisco Rocha Pires, em 1960. Através de obras como a Usina Termoelétrica, de 1957, e construção da Praça Miguel Calmon, em 1962, a expansão urbana ganha a direção ao bairro da Bananeira, segmento leste da cidade. Em 1959, com a construção, no alto da serra, de uma caixa reservatória de água para o abastecimento na cidade, houve a partir dali um espontâneo adensamento de residências que mais tarde levaria ao surgimento do Bairro da Caixa D´água. Aliados a isso, foram construídas e reformadas algumas praças e diversas ruas pavimentadas, contribuindo para o incremento do projeto modernizador promovido pelas duas administrações.

Percebe-se então como aquela cidade que iniciara a década de cinqüenta com o perfil de vila, chegava aos anos sessenta com uma rede de obras de infra-estrutura responsáveis pela modelagem de sua fisionomia urbana. Muitas destas obras foram realizadas com recursos advindos do governo federal, pela Comissão do Vale do São Francisco (Imagem 12 dos anexos). Através da intervenção política do deputado federal Manoel Novais, inserindo o município de Jacobina neste programa, muitos recursos foram adquiridos para construções e reformas do plano urbanístico da cidade.

(16) Vista panorâmica da cidade. Década de 1960. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular da Família Guerra.

No entanto, aquele projeto modernizador não foi obtido sem a existência de conflitos. Uma cidade que almejava imprimir um programa civilizatório, carecia garantir uma intensa transformação na sua fisionomia urbana e promover uma reforma nos hábitos de sua população, principalmente aquela de baixa renda, que insistia em manter preservadas suas tradições. As elites comemoravam o fato de a cidade entrar na "senda do progresso", mas não viam com bons olhos as permanências daqueles antigos hábitos culturais no centro da cidade. As marcas destas práticas e os embates promovidos pelo poder público estão presentes nas imagens fotográficas e nas páginas dos jornais da época, muitas vezes de forma dissonante.

Práticas culturais na "cidade civilizada"

Os anos da administração de Orlando Pires foram marcados pelas tentativas, através da lei, de normatizar as práticas culturais na cidade. Fazendo uso do Código de Posturas ou de diversos atos, o prefeito procurou coibir antigos costumes populares que iam de encontro ao programa de modernização nas ruas. Neste aspecto, E. P. Thompson desenvolveu sobre a Inglaterra dos séculos XVIII e XIX

importantes estudos a respeito das pressões dos grupos oriundos de setores dominantes para "reformar" culturas populares com imposições de normas do alto para baixo. No entanto, para ele "as pressões em favor da 'reforma' sofriam uma resistência teimosa"[108]. Neste estudo é demonstrado como em Jacobina o poder público tentou implementar seu programa "civilizatório", ao passo que se percebem nas fotografias como os grupos "insubordinados" procuravam garantir a manutenção de seus costumes através de várias práticas na cidade. Essas imagens podem ser vistas contrapostas nos olhares fotográficos de Osmar Micucci e nas páginas do jornal *Vanguarda*.

Ainda que não existam estudos de fôlego sobre os aspectos culturais em Jacobina entre os anos abordados por esta dissertação, pode-se inferir, tendo por base as informações obtidas através das fotografias, do jornal *Vanguarda*, das entrevistas orais e de alguns estudos que tratam da cidade, que neste contexto a sua sociedade ainda tinha forte ligação com o mundo rural. O grande contingente populacional que chegava à cidade era na sua maioria oriundo da zona rural. Segundo Ângelo Fonseca

> a região de Jacobina, nesse período, era predominantemente agrícola, com a população mais concentrada na zona rural. Apesar de começar a se especializar mais no setor terciário, que tem caráter eminentemente urbano, chega ao final da década de 60, predominantemente rural[109].

É provável que esse predomínio rural tenha sido um aspecto marcante na formação cultural da cidade, pautado em costumes ligados ao universo agrário e mineiro, com suas histórias, práticas religiosas, festividades e sociabilidades. No entanto, ver-se-á que esses costumes estavam em permanente processo de mudanças e disputas no espaço da cidade. Foi neste sentido que Thompson, estudando os trabalhadores na Inglaterra, disse que "o costume era um campo para a mudança e a disputa, uma arena na qual interesses opostos apresentavam reinvidicações conflitantes" [110]. No caso de Jacobina, ver-se-á também que, enquanto uma elite letrada estava preocupada em inserir a cidade nos moldes de uma urbe moderna, muitos dos seus habitantes mantinham antigos costumes ligados ao universo rural.

---

[108] THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. Tradução Rosaura Eichemberg. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998, p. 13.

[109] FONSECA, Antônio Ângelo Martins da. *Op. Cit.*, p. 141.

[110] THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, pp. 16-17.

"Anti-civilidade" nas ruas

Observemos uma fotografia de Osmar Micucci, feita durante os primeiros anos de sua atuação como fotógrafo profissional na cidade. Ela foi obtida do seu acervo particular, entre os negativos do arquivo intitulado "vistas da cidade", de 1956.

(17) Cena em frente à Igreja da Conceição e detalhe. 1956. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativo 6x6 cm).

Esta fotografia pode ser considerada como um registro do cotidiano da Jacobina dos anos cinqüenta. Nela se nota que era dia de festa religiosa, provavelmente a de Nossa Senhora da Conceição, data em que a Igreja da Conceição é adornada para as missas realizadas. Na imagem, grupos de pessoas descem e sobem as escadarias da vetusta arquitetura religiosa; no entanto, chama a atenção dos passantes, abaixo da escadaria, a cena do canto esquerdo da foto, com animais transportando cargas, sendo conduzidos por uma pessoa. Cenas como esta, até então vistas como normal nas ruas da cidade, passaram a ser consideradas como práticas de costumes que iam de encontro ao projeto civilizatório e de modernidade que a urbe se orgulhava de viver.

Durante os anos 50 era um costume a criação de animais na cidade. Como as casas possuíam quintais, era normal que seus moradores, muitos destes oriundos ou ligados à zona rural, criassem porcos, cabras, cavalos, jumentos e galinhas. Como a cidade não contava com serviços de água encanada, contam seus habitantes mais antigos que a população se abastecia com a água do Rio do Ouro, transportada em

vasilhames por jumentos[111]. Pelo visto, o condutor dos animais da fotografia era um remanescente desses costumes. Provavelmente, ele habitava as ruas acima do perímetro da Igreja da Conceição, onde seus moradores eram provenientes, em sua grande maioria, da zona rural. Quando assumiu a cadeira municipal e no decorrer de sua administração, o prefeito Orlando Oliveira Pires empreendeu uma intensa campanha de combate às práticas de criação de animais no perímetro urbano. No Código de Posturas do município, de 1933, existem diversos artigos que destacam a preocupação com essa prática recorrente, vista como contrária ao projeto de fazer da pequena cidade um ambiente "civilizado". O jornal *Vanguarda* foi um profundo crítico de muitas destas posturas adotadas por esses habitantes na cidade. Desde a sua instalação em Jacobina ele foi um ardoroso colaborador da campanha promovida pela prefeitura. Entre os seus primeiros exemplares na cidade, existe um destaque para a iniciativa da prefeitura em apreender os animais soltos na rua:

> Depois de ter dado um prazo razoável aos donos de animais criados soltos no perímetro urbano, o dr. Orlando Pires, atual prefeito dêste Município, acaba de dar ordem aos auxiliares da fiscalização no sentido de apreender qualquer animal que seja encontrado sôlto nas ruas da nossa urbe, fazendo cumprir, dêste modo, o Código de Posturas.
>
> Esta é sem dúvida, uma das medidas úteis que s.s. vem tomando em benefício da coletividade[112].

Este tipo de medida tomada pelo prefeito, embora impopular, principalmente considerando o fato de que grande parte daquela população possuía o hábito de criar animais e trabalhar com eles nas ruas da cidade, foi atitude elogiada pelo jornal. Sendo um porta-voz do discurso progressista e civilizatório, a imprensa local justificava tal medida como tentativa de garantir o *status* de cidade moderna almejada por muitos, sem deixar de mencionar o caráter legalista do ato municipal, respaldada no Código de Posturas.

Não obstante a campanha, os habitantes continuavam a reincidir na ilegalidade, ainda que pudesse contar até com a crítica de moradores, muitas vezes vizinhos dos infratores, como em matéria que anuncia a permanência desses atos na Rua Duque de Caxias, onde os animais vão pastar durante a noite "perturbando o sossego

---

[111] Conforme informação em entrevista com Benigno Neves, citado no trabalho de Neemias Oliveira da Silva. *O "vivo demônio" e o cotidiano:* Jacobina em tempos de cinema – 1950-1960. (monografia de graduação) Jacobina UNEB, 2002, p.15.

[112] Jornal *Vanguarda,* nº 291, de 8 de maio de 1955, p. 1. (*A Apreensão de animais soltos*).

público". O jornal apela para os proprietários dos animais colaborarem com a administração local, "no sentido de dar a Jacobina um melhor aspecto de cidade civilizada e progressista"[113].

Pelas notas dos jornais e cenas flagradas nas fotografias da época, percebeu-se que a campanha que procurava coibir estes costumes não foi uma tarefa fácil, nem tampouco rápida, haja vista a sua permanência anos mais tarde. Lendo estas práticas pelas lentes de Thompson, ver-se-á nelas tanto uma cultura tradicional quanto uma demonstração de rebeldia nas atitudes[114]. O tom do jornal, que inicialmente era mais brando, aos poucos vai se tornando mais agressivo contra os infratores das posturas municipais. Em nota que faz denúncia contra a presença de animais soltos nas principais praças da cidade, o jornal cobra "uma medida mais enérgica contra êsse hábito retrógrado dêsses indivíduos de espíritos pouco arejados!"[115]

Informando quanto a nomeação do novo chefe do Distrito Sanitário do município, em junho de 1956, o *Vanguarda* saúda o médico sanitarista dr. Evandro Campos de Oliveira, e lhe exige "enérgicas medidas" contra os hábitos da "criação de suínos e outros animais no perímetros urbano; a ocupação de casas sem o devido "habite-se"; a lavagem de roupa em determinados trechos do Rio do Ouro, onde a população se abastece de água potável, etc. etc." Ainda no mesmo mês, o jornal já noticiava as "importantes medidas tomadas pelo chefe do Distrito Sanitário", dentre elas a proibição da criação de suínos no perímetro urbano.

Por vezes, o tom do discurso do jornal beirava ao sarcasmo quando se referia a permanência dos animais na cidade.

> As vacas, que certos indivíduos teimam em criar sôltas no perímetro urbano, deram-se ao luxo, ultimamente, de também fazer o seu "footing" noturno nos canteiros da Praça Castro Alves, comendo e destruindo as plantas! (...)[116]
>
> Os jumentos, os porcos e as cabras tomaram conta da nossa velha urbe, num espetáculo que muito depõe contra os nossos foros de cidade civilizada.

---

[113] Jornal *Vanguarda,* nº 306, de 21 de agosto de 1955, p. 4. (*Os animais continuam a pastar nas ruas*).

[114] THOMPSON, E. P. *Op. Cit.* p. 19.

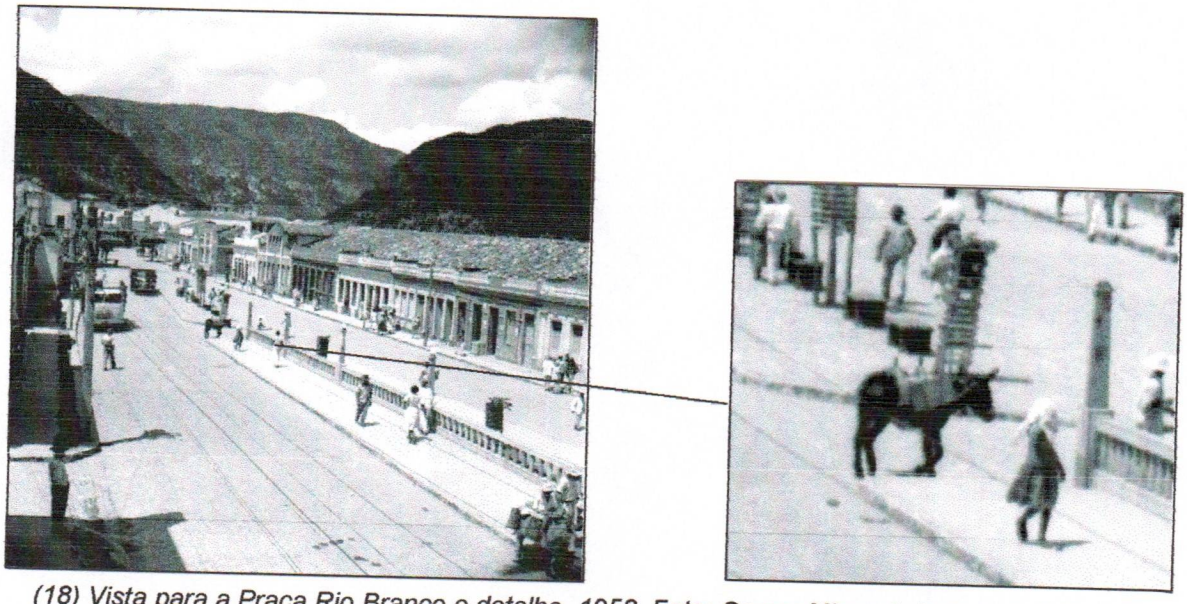
[115] Jornal *Vanguarda,* nº 343, de 12 de maio de 1956, p. 1. (*A invasão da cidade pelos animais*).

[116] Jornal *Vanguarda,* n.º 335, de 17 de março de 1956, p. 1. (*As vacas estão pastando no jardim!*).

> Não somente nos subúrbios, mas também nas suas ruas centrais os animais fazem o seu *footing* diuturno sem que ninguém os incomode...[117]

As expressões "espetáculo" e "*footing*" são normalmente ligados ao universo urbano moderno, mas nas notas o jornal faz ironia para a situação vivenciada na cidade que se diz "civilizada". Na edição seguinte a da última nota, após informar quanto à designação do dr. Raimundo Diniz Veloso como o novo chefe do Distrito Sanitário da cidade, o *Vanguarda* apela para que ele tome medidas de "repressão contra o desenfreado criatório de animais soltos no perímetro urbano, bem como contra os banhistas no Rio do Ouro.[118]"

Mais uma vez parece que as reivindicações veiculadas pelo *Vanguarda* surtia efeito, pelo menos no papel, pois seguidamente o chefe sanitário da cidade, através desse veículo de imprensa, deixa ver para a comunidade da "(...) inobservância ao dispositivo do Art. 409 do Código Sanitário, que proíbe terminantemente a criação de porcos no perímetro urbano (...)[119]". Diante das práticas consideradas anti-civilizadas pelos criadores de porcos, o poder público faz uso da lei para coibir as atitudes abusivas.



(18) Vista para a Praça Rio Branco e detalhe. 1958. Foto: Osmar Micucci. Acervo do fotógrafo. (Negativo 6x6 cm).
Na Jacobina da época era comum encontrar cenas de animais nas ruas. Nesta imagem captada pelo fotógrafo, é possível visualizar em dois momentos a presença deles. No detalhe existe um animal em seu footing pela urbe.

[117] Jornal *Vanguarda*, n.º 399, de 29 de junho de 1957, p. 1. (*Os animais tomam conta da cidade*).

[118] Jornal *Vanguarda*, n.º 400, de 13 de julho de 1957, p. 1. (*Assumiu as funções o novo chefe do Distrito Sanitário*).

[119] Jornal *Vanguarda*, n.º 401, de 20 de julho de 1957, p.4. (*Distrito Sanitário de Jacobina - Avisos*).

Em 1957, dois anos antes da construção da barragem que abastece a cidade com a água do Rio do Ouro, o jornal *Vanguarda* apoiou outra campanha em prol da disciplinarização dos hábitos de tomar banhos públicos no rio[120]. O jornal também faz constantes referências às práticas de lavagens de roupas nas águas do Rio do Ouro. Em nota, afirma que, segundo o Código de Posturas, só é permitida essa prática na confluência do citado rio com o Itapicurú-Mirim. Como se pode perceber através dessas passagens, a cidade vinha enfrentando constantes disputas entre, de um lado, a tentativa de normatização do espaço urbano por parte dos seus dirigentes, que apelavam para os discursos da civilização ou da higienização, e, do outro lado, os antigos costumes que a população insistia em não perder.

Duas fotografias de Osmar Micucci, ambas do arquivo "vistas – 1958-1959" chamam a atenção pelos temas e visão transmitida pelo fotógrafo diante do projeto civilizatório empreendido na cidade. Na primeira imagem existe uma cena interessante de uma pessoa no instante em que se atirava da ponte Manoel Novais nas águas do Rio Itapicurú-Mirim. A imagem é imponente, principalmente porque enquadrada em ângulo de baixo para cima, dando dramaticidade à cena. O destaque é para o caráter exótico como o fotógrafo abordou a existência de uma prática corriqueira na cidade, principalmente quando as águas do rio enchem depois das fortes chuvas que anualmente caem.

(19) Cena com pessoa saltando da Ponte Manoel Novais nas águas do Rio Itapicurú-Mirim. 1959. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativo 6x6 cm).

[120] Jornal *Vanguarda,* n.º 399, de 29 de junho de 1957, p.1. (*Continuam a tomar banho no Rio do Ouro*).

A segunda fotografia trata de uma cena das lavadeiras de roupa nas águas do Rio do Ouro. Aquele era mais um costume comum entre os moradores pobres, principalmente por não existir água encanada da cidade. Feita num ângulo panorâmico de cima para baixo, a imagem transmite uma sensação de grandiosidade à cena, formada por dezenas de mulheres em sua atividade de labor diário.

(20) Lavadeiras de roupa no Rio do Ouro. 1959. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativo 6x6 cm).

Percebe-se com isso que na visão panorâmica de Osmar Micucci pelas suas caminhadas na cidade ele estava atento também para as questões pertinentes às práticas culturais da população local. Aliando registro de acontecimentos do cotidiano a uma sensibilidade estética refinada, o fotógrafo, embora não assumindo publicamente posição contrária ao discurso civilizatório das autoridades locais, transmitia nas suas imagens um olhar associado aos costumes populares.

Mas o olhar panorâmico de Micucci voltava-se também para as principais atividades de lazer e cultura que envolviam os diversos setores da população da cidade naqueles anos de efervescência cultural, econômica e política.

Vivendo identificados com a civilização: festas, ritos e cinemas.

Jacobina se vangloriava de viver em sintonia com o universo cultural da modernidade desde o início do século XX. É possível identificar, nos anos 30, tentativas por parte da elite letrada urbana, de copiar modelos exportados dos grandes centros e de procurar se identificar com a "civilização". O jornal *O Lidador* dizia que o ambiente cultural da cidade era próspero, e que apesar da presença de costumes tradicionais

> vivemos identificados com a civilisação, dentro da civilisação. Temos as nossas melindrosas e os nossos almofadinhas (...) temos as philarmonicas e os jazzs, com as suas musicas modernas (...) Temos até quem tenha, de

> cabeça, os nomes mais queridos das <estrelas> de Hollywoud e os números das principais estações radiophonicas do país, com os seus cantores... [121].

Esse festejado ambiente cultural urbano dos anos 30, na visão da imprensa local, se ampliou durante o clima dos "anos dourados", na década de 50. As festas e ritos de ruas ganharam novos elementos, dando-lhe mais vigor e energia, e novas salas de cinemas foram abertas, ampliando o público de espectadores. Esse mesmo espírito de evocação do progresso é o que se percebe no olhar de Osmar Micucci.

Micucci foi um fotógrafo extremamente atuante na cobertura das festas populares de ruas em Jacobina. Essas festas foram constantemente associadas ao discurso civilizatório imposto pelas elites letradas e econômicas da cidade. Existia, entre meados dos anos cinqüenta a sessenta, um festivo calendário religioso e profano: Festa do Divino Espírito Santo, Corpus Christi, Nossa Senhora da Conceição, Festa da Missão, Micareta, Semana da Pátria e a Festa da Primavera. De todos esses eventos, os mais abordados na obra do fotógrafo foram a Micareta e a Semana da Pátria.

A Micareta era uma das festas mais concorridas do calendário profano na Jacobina dos anos 50. Vanicléia Santos, em sua dissertação de mestrado, mostrou que existiam territórios específicos para os diferentes setores sociais brincarem o evento anual entre os anos de 1920 a 1950. No seu estudo, a autora apontou a presença de uma "micarême das elites", organizada pelas sociedades filarmônicas 2 de Janeiro e Aurora, de "modelo importado", e outra "micareta dos grupos populares", formada por grupos de negros e pobres. Enquanto a primeira "era aristocrata, burguês, elitista, como no Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo", a segunda estava constantemente sendo alvo de tentativas de "normatização e controle social da festa" como, por exemplo, ao hábito do uso das máscaras e da presença das "mulheres de vida livre" nos ambientes freqüentados pelas famílias locais[122].

Santos notou que fora uma tarefa muito complicada a elite tentar exercer controle sobre os costumes da população. Para a autora, Jacobina era uma "cidade de

---

[121] Jornal *O Lidador,* n.º 103, de 07 de setembro de 1935, p.4. *(sociedades e festas).*

[122] SANTOS, Vanicléia Silva. *Sons, danças e ritmos:* A Micareta em Jacobina-Ba (1920-1950). (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2001, p.88.

tradição agrária, embora com "vícios" urbanos, típicos da época", que permitia um "intenso trânsito cultural" de diferentes matizes étnicas, sociais e culturais[123].

Durante as décadas de 50 e 60, as sedes das filarmônicas "2 de Janeiro" e "Aurora" funcionavam como os espaços das festas das elites. Participar dos bailes promovidos pelas administrações destes clubes era um atrativo restrito apenas aos sócios ou àqueles que podiam pagar por seus ingressos. Nas páginas do jornal *Vanguarda* os clubes faziam publicidades para divulgar o "brilhantismo", "confôrto" e "tradição" dos bailes organizados nos seus salões[124]. A cada ano eles apresentavam suas novidades para a Micareta. Como cada um mantinha vínculos entre os dois grupos políticos locais, a festa da Micareta representava um forte motivo para os embates.

Ao lado dos bailes destinados às elites, existia o espaço da Sociedade dos Artistas Jacobinenses, freqüentado por uma "classe média" local[125]. A respeito das festas naquele ambiente o jornal *Vanguarda* traz poucas informações, constatando a valorização para os eventos nos dois clubes freqüentados pelas elites locais.

O espaço das ruas era freqüentado pelos foliões de baixa renda que procuravam criar suas diversões em blocos e cordões. Normalmente saiam durante o dia. Ali se viam pessoas fantasiadas e mascaradas, como em uma imagem registrada por Osmar Micucci na Micareta de 1956, onde se vê quatro mascarados desfilando sobre jumentos para a diversão de crianças e passantes que observam o espetáculo de rua. A tradição do uso de máscaras, ou "caretas" nas ruas era a parte do espetáculo que mais agradavam aos populares.

---

[123] SANTOS, Vanicléia Silva. Op. Cit., p. 139.

[124] Jornal *Vanguarda,* n.º 368, de 06 de abril de 1957, p.4. (*Sociedade Filarmônica "Aurora Jacobinense": Micareta de 1957*) e (*Sociedade Filarmônica "2 de Janeiro": a posto foliões para a grande micareta de 1957!*).; n.º 391, de 27 de abril de 1957, p.1. (*Hoje, o início da micareta nesta cidade*); n.º 440, de 19 de abril de 1958, p.1. (*A micareta nesta cidade*).

[125] Jornal *Vanguarda,* n.º 335, de 17 de março de 1956, p.1. (*Promete Ser Animada a Micareta em Jacobina*).

(21) Mascarados na Micareta. 1956. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativo 6x6 cm).

Foi na Micareta de 1960 que surgiu, pela primeira vez, nas ruas da cidade o Bloco dos "Cãos", que até os dias de hoje se mantém nessas festas. O bloco é formado de vários homens pintados de preto, com chifres e tridentes, e que saem cuspindo fogo pelas ruas atrás de uma alma penada até o cemitério local. Segundo conta seu criador, Waldemar Pereira da Conceição, conhecido como "Fecha-beco", folião de origem humilde, a idéia surgiu a partir de uma iconografia vista na Igreja do Bonfim. Os "cãos" surgiram como a atração popular de maior destaque nas ruas da festa daquele ano, contrariando por sua vez setores tradicionais da Igreja Católica local que não vira com bons olhos aquele espetáculo[126]. Certamente a saída do grupo chamou bastante às atenções da população, visto que até o ano anterior as notas do *Vanguarda* eram sempre atentando para a ordem e tranqüilidade nos festejos de rua das micaretas na cidade. Não foi encontrada nas edições de 1960 do jornal nenhuma abordagem a respeito daquele grupo popular. Mas, por sua vez, Micucci produziu na época uma fotografia do grupo, representando o que para ele era uma importante manifestação cultural da cidade.

[126] AQUINO, Ivanilton de Araújo. *Histórias de um "velho cão".* UNEB: Jacobina, 2001. (monografia de graduação).

(22) Os Cãos. Década de 1960. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo.

A tônica dos discursos do *Vanguarda* com referência a festa da Micareta na cidade, entre fins dos anos 50 e início dos 60, era de que sua sociedade procurava fazer daquele evento um espaço da manutenção de tradições em consonância com novos hábitos modernos. A este respeito coube um destaque na edição de 24 de março de 1956 onde informou que "a 'Aurora' acabava de ser dotada de uma excelente geladeira que ampliaria consideravelmente os serviços de bar durante as festas da Micareta"[127]. Na edição 7 de abril do mesmo ano, abordou que ao lado do "tradicional 'Zé Pereira'" a cidade encontrava-se preparada para receber os visitantes de outras localidades, com palanque armado na Praça Rio Branco e com a ampliação da "iluminação das principais ruas da nossa urbe". Nos clubes, destaque para o "Aurora" que apresentava naquele ano "uma ornamentação em estilo modernista e dotada de esplêndido serviço de alto-falante interno". Como se percebe, segundo o jornal, tradição e modernidade coexistiam nas festividades da Micareta. Ao lado dos tradicionais bailes nos clubes, que naquele momento incorporavam novos hábitos, as festividades nas ruas passavam a exigir também mudanças, como a ampliação da iluminação elétrica para atender aos "vários blocos e cordões" apresentados naquele ano de 1956.

[127] Jornal *Vanguarda,* n.º 336, de 24 de março de 1956, p.4. (*Micareta*).

Osmar Micucci, que também era um exímio folião, fotografou diversos bailes nos dois clubes. Foram encontrados entre seus negativos centenas de imagens produzidas ao longo dos anos 50 e 60 em que apresentam foliões e blocos que brincavam nos salões internos. Dentre as imagens, são poucas as de rua e de populares, o que leva a crer que para o profissional era mais rentável trabalhar nos espaços da elite, desejosas de se verem representadas nas fotografias. Merece destaque o fato de o fotógrafo ter sido o primeiro profissional da cidade a fazer uso de flash eletrônico a fim de obter melhores resultados nas imagens feitas nos ambientes internos, pouco iluminados. Essa atitude pioneira e empreendedora certamente contribuiu para ele ganhar o epíteto de "fotógrafo moderno" entre os habitantes locais.

(23) Baile de Micareta na Aurora. 1958. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativo 6x6 cm).

Os bailes da micareta da alta sociedade aconteciam nos dois clubes – 2 de Janeiro e Aurora. Esta fotografia feita mostra um dos momentos na Aurora com pessoas fantasiadas dançando.

(24) Baile de Micareta na Aurora. 1958. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativo 6x6 cm).

Apesar da condenação do uso de máscaras, a elite local não deixou de fazer uso daquele adereço que era uma característica marcante da festa.

Na Jacobina dos "anos dourados" a Semana da Pátria era um evento do calendário festivo bastante enaltecido pelas elites letradas. Isso é o que se percebe neste poema escolar recitativo, de autoria de Manoel de Figueiredo Miranda.

Jacobina e a Independência

Se não mais aqui houvesse
As festas da Independência,
Haveria quem dissesse:
Ó povo sem persistência!

Isto, porém não se nota,
Pois com alma varonil,
A terra de Afonso Costa
Homenageia o Brasil.

O velho, o moço, a criança
Presentes aqui estão,
Irmanados na lembrança
De nossa Emancipação!

Esta sala grande, embora,
Pra conter tôda essa gente,
Tornou-se pequena, agora
- Não tem vaga, infelizmente...

Nesta semana tão linda,
De sublime evocação,
Todos sentem mais ainda
A Pátria no coração!

E fica bem manifesto
Que nesse amor bem febril,
JACOBINA está mais perto
Do coração do BRASIL!...[128]

O patriotismo eufórico do poema faz referência ao historiador Afonso Costa, uma homenagem àquele que era visto como o mais representativo homem das letras de Jacobina. Para o *Vanguarda,* "poucas cidades do interior do Estado comemoram a data da nossa independência político-administrativa com o entusiasmo cívico e o brilhantismo com que Jacobina a comemora"[129]. Ocorrida entre os dias primeiro ao sétimo do mês de setembro, o evento envolvia diversas instituições públicas e privadas na organização dos seus preparativos para a semana que culminava no feriado do dia sete, quando desfilavam pela cidade diversos grupos, num espetáculo em que a população se orgulhava como símbolo de sua civilidade.

As informações veiculadas nas matérias do *Vanguarda* acerca da Semana da Pátria sempre transmitem um tom de grandiosidade do evento, designado em expressões do tipo, "garboso desfile", "brilhantismo", "belo e emocionante espetáculo civil" ou até

---

[128] Jornal *Vanguarda,* n.º 460, de 7 de setembro de 1958, p.2. (*Jacobina e a Independência*).

[129] Jornal *Vanguarda,* n.º 409, de 14 de setembro de 1957, p.1. (*O Brilhantismo das Festividades do <Dia da Pátria> Nesta Cidade*).

mencionando sobre a "vibração patriótica da população local" ao ver os desfiles. Todos os anos o jornal divulgava as programações comemorativas da semana. No dia 7 de setembro as comemorações iniciavam às 5 horas da manhã e normalmente iam até a noite. O dia começava com alvorada organizada pelo Tiro de Guerra, seguida de hasteamento de bandeira, concentração na praça Getúlio Vargas, desfiles pelas principais ruas da cidade, concentração na Praça Rio Branco, e por fim, bailes nos clubes privados, o que demonstra certo caráter restritivo do evento, visto que os espaços nos clubes privados eram freqüentados por poucos segmentos da sociedade[130].

Pelo acervo fotográfico consultado nesta pesquisa, esse foi um dos eventos públicos mais registrados em imagens. Segundo alguns fotógrafos, aquele era, e continua sendo, uma grande oportunidade para aumentar suas rendas financeiras, produzindo fotografias para instituições e particulares. Foi no desfile de 1954 que Osmar estreou como fotógrafo, ainda seguindo as orientações técnicas do seu pai (Imagem 13 do capítulo 1). Conforme as fotografias aqui apresentadas, produzidas por Osmar Micucci e Aurelino Guedes, paralelamente ao jornal, expressam a noção do "brilhantismo" ou da "vibração patriótica" daquele evento na cidade da época, que conseguia concentrar multidões de pessoas nas principais vias públicas.

Aurelino Guedes produziu uma vista panorâmica dos desfiles na Praça Rio Branco, em 1955. O ângulo escolhido pelo fotógrafo na imagem transmite uma sensação de grandiosidade do evento. Feita do alto de um palanque armado, ou talvez da carroceria de um caminhão, conforme sugerido pelo detalhe abaixo da fotografia, ele produziu uma cena em perspectiva da praça em pleno desfile. Nota-se uma grande multidão entre os que desfilam e os observadores. Como era comum na prática deste fotógrafo, existem as legendas informando quanto ao tema, data, local e autoria da imagem.

---

[130] Jornal *Vanguarda,* n.º 361, de 15 de setembro de 1956, p.1. (*As Festividades do Dia da Pátria Nesta Cidade*).

(25) Desfile de 7 de Setembro. 1955. Foto: Aurelino Guedes. Acervo Memória Fotográfica de Jacobina. (Cópia digitalizada).

(26) Desfile de 7 de Setembro. 1956. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativo 6x6 cm).

Osmar Micucci apresenta um momento do desfile no Sete de Setembro de 1956, antes da concentração na Praça Getúlio Vergas. O enquadramento da cena na fotografia sugere a idéia da grande quantidade de pessoas que participavam da

solenidade. É possível observar a enorme fila ocupando do canto direito ao centro da imagem.

Quanto ao aspecto técnico, é importante considerar nestes dois tipos de fotografias, que exigiam instantaneidade para flagrar momentos, que elas só seriam possíveis com equipamento apropriado para estes fins. Com relação a isso, é bom se ter em mente que as câmeras de grande formato, que normalmente usava-se com tripés, não eram condizentes com o padrão das imagens aqui produzidas, que exigiam rapidez e leveza nos movimentos dos fotógrafos. Dá para perceber que, embora as pessoas estejam andando, elas não aparecem totalmente borradas. As câmeras de médio ou pequeno formato, mais leves e com novos recursos técnicos, como controle de velocidade do obturador, eram as "sensações" dos fotógrafos profissionais nos anos 50. No padrão médio formato, a Rolleiflex, que usava filmes 120mm, ocupava um lugar de destaque entre os equipamentos fotográficos modernos (Imagem 6 do anexo). Certamente, o uso destes formatos de câmeras e filmes foram também novidades apresentadas nos eventos de 1955 e 1956. Não se obteve imagens instantâneas nos eventos de Sete de Setembro dos anos anteriores, a não ser daquele tipo feito por Rosendo Borges (Imagem 5 do capítulo 1), onde as pessoas aparecem posadas e estáticas no momento do "clic". Nesse sentido, estes dois fotógrafos e seus equipamentos mais compactos também colaboravam para fazer daqueles eventos dos anos 50 em Jacobina, referências de festas "modernas" para a região.

As novidades tecnológicas na cidade também atingiram espaços de lazer como o cinema. Ele que já era uma realidade em Salvador e em algumas cidades de porte médio e pequeno desde o início do século XX, em Jacobina fazia parte do seu universo cultural desde os anos 30[131].

Ícone da sociabilidade moderna urbana, o cinema foi visto pela imprensa local como a mais legítima marca do progresso. O jornal *O Lidador* apresentou o cinema como mais um elemento da fase de desenvolvimento vivenciado pela cidade nos anos 30.

---

[131] A respeito da presença do cinema no universo sócio-cultural das cidades baianas temos: FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. *"Fazendo fita":* cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930. Salvador: EDUFBA, 2002 e SOUSA, Ione Celeste Jesus de. *Garotas tricolores, deusas fardadas:* as normalistas em Feira de Santana 1925 a 1945, Bahia. PUC-SP, 1999 (dissertação de mestrado), particularmente o Capítulo II, onde a autora discute o ambiente cultural da cidade, marcado pela presença de três cinemas na época analisada.

Da mesma forma, o jornal *Vanguarda* saudava a presença do cinema nos anos 50 como exemplo da era do progresso. Em 1956, os dois cinemas existentes, o "Jacobinense" e o "Ideal", foram vendidos para o empresário Jorge Washington Marques Almeida, conforme noticiado no *Vanguarda*[132]. Ainda segundo o noticiário, o jovem empreendedor mudaria o nome das antigas empresas para "Cine-teatro S. Jorge", e, em breve estaria construindo as novas instalações para o cinema. O empreendimento foi bem saudado pelo jornal, uma vez que a cidade estaria entrando na era dos avanços das técnicas cinematográficas com "modernas instalações", "dois modernos projetores americanos marca 'Holmes', tela panorâmica de 30 metros quadrados, possibilitando a exibição de filmes pelos processos 'Vista Vision', 'Mexiscope'e 'Super-Vision'" [133].

Osmar Micucci acompanhou as etapas de construção e inauguração deste aludido cinema, ocorrido somente em julho de 1958. Diversas autoridades locais marcaram presença na solenidade que inaugurava aquele que foi recebido como uma "casa de diversões à altura do progresso da nossa terra"[134]. Destaque para as imagens em que aparecem as referidas "modernas instalações internas", com diversos cartazes dos filmes a serem exibidos e dos "modernos projetores" utilizados pelo cinematógrafo. Naquele mesmo mês, foi inaugurado também o Cine Trianon, empresa dos senhores Alberto Maia Brito e Petrônio Fachinetti Carvalhal, de estrutura mais modesta que o primeiro, mas ainda assim aplaudido como sinônimo da fase desenvolvimentista da cidade[135]. Este cinema, pelas informações fornecidas por Neemias Oliveira, em seu breve estudo sobre o lazer na cidade, era freqüentado por um público de baixa renda, pois as instalações não eram tão luxuosas e o preço da bilheteria era aquisitivo para os apreciadores populares[136].

---

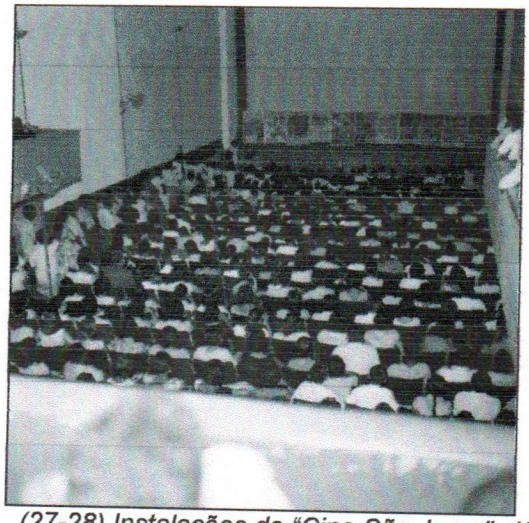
[132] Jornal *Vanguarda,* nº 367, de 27 de outubro de 1956, p.1. (*Vendidos os Cines "Jacobinense"e "Ideal"*).

[133] Jornal *Vanguarda,* n.º 449, de 21 de junho de 1958, p.1. (*A Nova Sede do Cine-Teatro "S. Jorge"*).

[134] Jornal *Vanguarda,* n.º 452, de 12 de julho de 1958, p.1. (*A inauguração do Cine-Teatro "S. Jorge"*).

[135] Jornal *Vanguarda,* n.º 454, de 26 de julho de 1958, p.1. (*A inauguração do Cine "Trianon"*).

[136] SILVA, Neemias Oliveira da. *O "vivo demônio" e o cotidiano:* Jacobina em tempos de cinema – 1950-1960. (Monografia de graduação). UNEB: Jacobina, 2002, p. 24.



(27-28) Instalações do "Cine São Jorge". 1958. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativos 6x6 cm).

Além dessas duas salas, existiu anteriormente um outro projeto cinematográfico em Jacobina: em 1957, um grupo de pessoas da cidade formava o Cine-Teatro "Payayá" S/A, empresa criada com "o objetivo de dotar esta cidade com uma casa de diversões à altura das suas atuais necessidades" [137]. O *Vanguarda* acolheu aquela iniciativa de maneira positiva. Na sua edição de 12 de fevereiro de 1958, foi noticiada a demolição do "velho casarão sito à Rua Melchior Dias" para "ser construído, no seu lugar, o moderno edifício"[138]. A derrubada do "velho" para a elevação do "novo" foi uma atitude aplaudida pelo jornal, pois daquela forma era entendida a marcha do progresso. Merece atenção o nome dado ao projeto do cine-teatro. A homenagem que a elite letrada local fazia à nação indígena, outrora existente na região, é uma mostra de que o projeto modernizador, com olhar voltado para as novas tecnologias, também procurava buscar referência no passado histórico da cidade. No entanto, é válido ressaltar, ainda por razões desconhecidas, que o empreendimento que visava à instalação do Cine-Teatro "Payayá" não foi levado adiante.

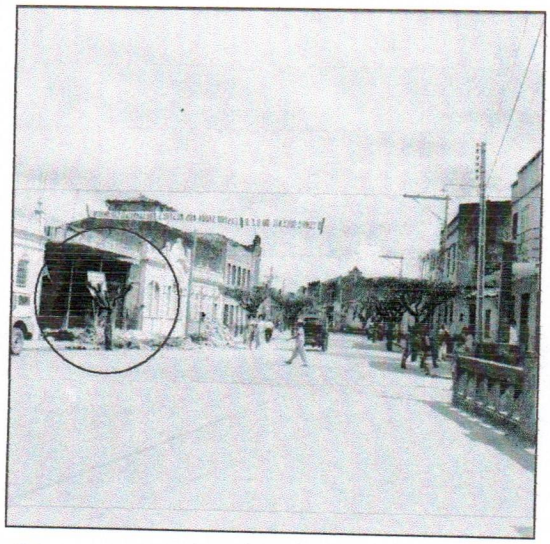
Em 1960, os senhores Carlos Alberto Pires Daltro e Josué Pinheiro Requião inauguraram o Cine Payayá, que apesar de levar o nome do antigo projeto, tratava-se de uma iniciativa particular. O fotógrafo Osmar Miccuci acompanhou também diversos momentos da trajetória do Cine Payayá. Pelas suas lentes foram

---

[137] Jornal *Vanguarda,* n.º 388, de 6 de abril de 1957, p.1. (*Cine-Teatro "Payayá", uma Emprêsa que Merece o Apoio de todos os Jacobinenses.*).

[138] Jornal *Vanguarda,* n.º 431, de 15 de dezembro de 1958, p.1. (*A Construção da Sede do "Payayá" Cine-Teatro*).

registradas a demolição, a construção e a inauguração daquele que foi o último cinema surgido em Jacobina.



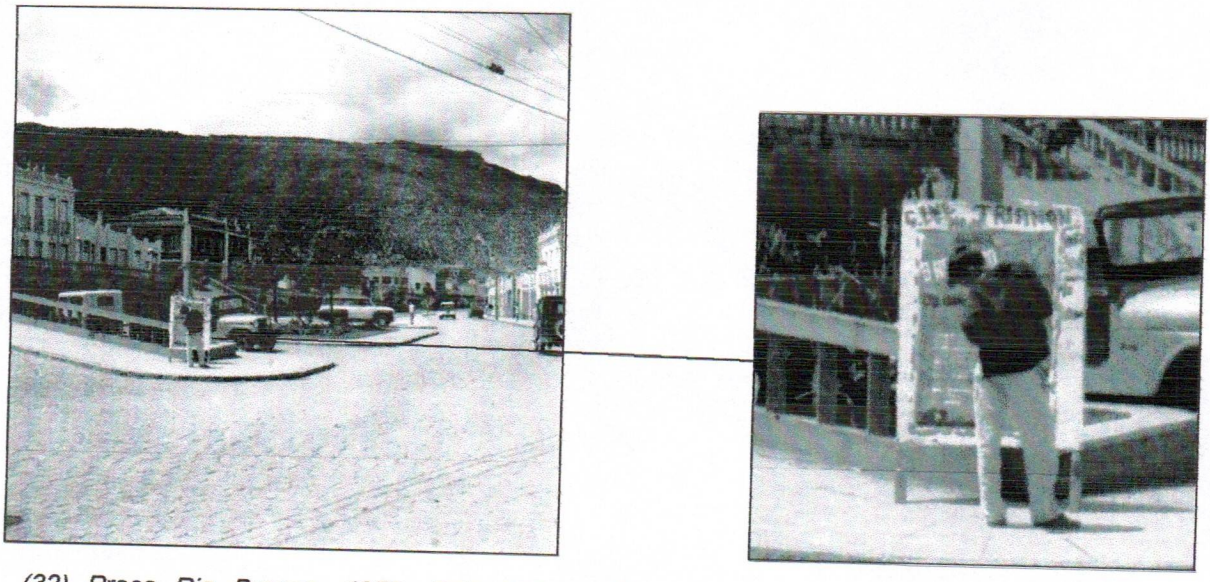
(29-30) Construção e inauguração do "Cine Payayá". 1960. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativos 6x6 cm).

O fascínio exercido pelo cinema entre os jovens foi sensivelmente captado por Osmar Micucci em algumas cenas de ruas, onde é possível se ver murais com cartazes dos filmes exibidos naquele contexto. Em seu arquivo, "vistas da cidade", de 1956, foi encontrada uma imagem que registra a cena com um jovem posando ao lado de um mural do Cine Jacobinense. Nos cartazes existem cenas do seriado americano "O Príncipe de Bagdad", estrelado pelos astros Victor Mature e Mary Blanchard. Aquela juventude que se identificava com os astros do cinema, como no caso da imagem, encontrou no registro fotográfico a melhor maneira para aparecer ao lado dos seus ídolos.

(31) Garoto posando em frente ao cartaz do "Cine Jacobinense". 1956. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativo 6x6 cm).

Em uma fotografia do arquivo "vistas–1958-1959", Micucci registrou a Praça Rio Branco onde é possível identificar o momento em que um jovem observava o cartaz do Cine Trianon. No detalhe da imagem verifica-se o título do filme: "O homem do

Sputinik". Trata-se da última chanchada produzida pela Atlântida, em 1959, do diretor Carlos Manga, comédia que satiriza o contexto da Guerra Fria. A fotografia apresenta aqui uma evidência de que as produções nacionais também eram exibidas na cidade.



(32) Praça Rio Branco. 1959. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativo 6x6 cm).

Cena onde se vê uma pessoa observando o cartaz do filme "O homem do Sputnik" exibido no Cine Trianon.

Como se percebe, o cinema já estava incorporado na vida cultural dos moradores de Jacobina. Isso se nota não só pelo fato da sua presença desde os anos 30, mas também pela existência em fins dos anos 50 o funcionamento de cinemas, o que leva a crer que o empreendimento gerava certo lucro, pelo menos o suficiente para mantê-los, e também pela influência dos seus personagens no imaginário de sua população. O padrão dos títulos exibidos nos cinemas de Jacobina, certamente, era o hollywoodiano, amplamente difundido na época, como noticiado no *Lidador* e visto nas fotografias, ou então as produções nacionais, como as chanchadas da Atlântida, identificadas no registro de Osmar Micucci. No seu estudo, Neemias Oliveira aponta que se exibiam os tradicionais filmes de *cowboys* e alguns nacionais, e aos domingos os seriados americanos[139], como aquele da fotografia. Não se obteve através dos jornais informações acerca dos perfis dos seus espectadores, mas em um trecho do livro da professora Doracy Lemos, ela chama atenção para este aspecto referindo-se ao Cine Payayá:

[139] SILVA, Neemias Oliveira da. *Op. Cit.*, pp. 25-26.

> No início, os bons filmes reunia ali a elite jacobinense. Com o passar dos tempos a escolha de filmes ficou a desejar, havendo como conseqüência o afastamento daqueles que buscavam aquele entretenimento. Os filmes pornográficos começaram a elevar àquele cinema outra clientela, tumultuando o ambiente em virtude das cenas eróticas apresentadas[140].

Percebe-se nas entrelinhas da fala da memorialista que a sala de cinema se constituía em um espaço de tensões entre diferentes grupos sociais. Segundo a autora, enquanto inicialmente a "elite jacobinense" freqüentava o cinema, atraída pelos "bons filmes", reinava um clima de harmonia naquele espaço, mas quando ele passou a ser freqüentado por "outra clientela", pode-se ler como os grupos populares, "tumultuando o ambiente", afastou aquele primeiro público, descontente também com a seleção dos filmes que passaram a ser exibidos.

Apesar do clima de entusiasmo notado nos discursos do *Vanguarda* com a presença do cinema na sociabilidade urbana de Jacobina, porque certamente lhe garantia um *status* de cidade moderna, aquela imprensa não deixou de alertar para o aspecto nocivo dessa invenção da modernidade no seio das famílias das grandes cidades brasileiras, invadidas pelos enredos abordados nas películas. Segundo um artigo apresentado pelo jornal, "uma das causas, e das mais importantes, para o desfibramento dos caracteres e desajustamentos sociais é o cinema". No texto, o autor aborda que as histórias dos filmes são vistas como um mal, "porque falseiam a vida, descolorem a realidade, mostrando-a demasiadamente romântica, frívola, irreal"[141],sendo a juventude sua principal vítima, principalmente no aspecto psicológico, porque ao procurar imitar a vida do ator do filme - se ele sofre, o espectador sofre junto - carregando para a vida real o sentimento de amargura.

Discursos como este deixam transparecer a dimensão do impacto do cinema na vida moderna. Em seu estudo sobre a presença da estrela de cinema no imaginário social, Edgar Morin fala que "as projeções-identificações que caracterizam a personalidade no estágio burguês tendem a aproximar o imaginário e o real, que procuram alimentar-se um do outro" [142]. Ao mesmo tempo em que o imaginário burguês aproxima-se do real, apresentando sinais de verossimilhança e

---

[140] LEMOS, Doracy Araújo. *Jacobina, sua história e sua gente.* Jacobina, 1995, p.261 (transcrição conforme o livro).

[141] Jornal *Vanguarda,* n.º 415, de 26 de outubro de 1957, p.3. (*O Cinema e a Deformação do Real*).

[142] MORIN, Edgar. *As estrelas:* mito e sedução no cinema. Tradução Luciano Trigo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989, pp. 6-21.

credibilidade, o movimento aproxima o real do imaginário. O laço afetivo entre o espectador e o herói faz com que ele tema a sua morte. Daí porque o *happy end* substitui o final trágico no cinema do romantismo burguês. Mas pelo visto, no raciocínio do artigo veiculado no jornal *Vanguarda,* a modernidade caminhava em paralelo com a deformação dos valores morais sedimentados pelo cristianismo. Coube ao jornal aplaudir os empreendimentos capitalistas dos empresários locais pela inserção e manutenção do cinema no cotidiano da vida da cidade, mas como veículo porta-voz de uma elite local coube também a ele difundir o temor dos setores tradicionais pelas profundas mudanças provocadas no seio da sociedade. A modernidade não poderia romper com as tradições locais, hegemonicamente católica e patriarcal.

Pelo que se percebe, o ambiente cultural de Jacobina nos "anos dourados", transmitidos tanto no olhar fotográfico de Osmar Micucci quanto nos discursos da sua elite letrada, estava carregado de impressões de modernidade. Aqueles espectadores urbanos queriam, naquele momento, preservar para si e para os outros a memória de uma referência de cidade civilizada. Na seqüência deste estudo se verá como a fotografia cumpriu em Jacobina os papéis de formadora e guardiã desta memória coletiva, revelando para o espectador de hoje pistas que levam a uma cidade difícil de se perceber sem o seu auxílio.

CAPÍTULO 3

FOTOGRAFIAS NAS FRONTEIRAS DA MEMÓRIA

Introdução

> Preservar memórias parece ser inquestionavelmente uma motivação básica para a criação da fotografia[143].

A força exercida pela fotografia na configuração da memória visual das cidades foi uma constante ao longo dos séculos XIX e XX. Usada como recurso para registrar as imagens de determinados acontecimentos, histórias ou das paisagens da cidade, a fotografia garantiu para si um *status* de instrumento, por excelência, da preservação da memória. Atualmente, grande parte da memória urbana, edificada ou humana, se perdeu, já não existe ou não é mais lembrada, a não ser o que foi preservado nas imagens fotográficas, atualmente vistos como patrimônios históricos e culturais da cidade. Durante esta pesquisa, o uso do recurso da fotografia para pensar sobre determinados temas na cidade levaram alguns depoentes a falarem não do que efetivamente viram dos acontecidos, mas das lembranças das imagens que viram sobre o assunto. Miriam Moreira Leite, a respeito, fala que "a memória da imagem não só difere da memória da palavra como chega, em alguns casos, a substituir a própria memória[144]".

Neste capítulo, o uso da documentação fotográfica foi adquirido a partir de acervos privados dos fotógrafos e de famílias que colecionam fotografias. No estudo, são apontadas as evidências de que em Jacobina, desde o início do século XX, a fotografia cumpriu diversas funções sociais a partir dos usos do seu artefato. Também foi analisado como as fotografias de Osmar Micucci foram importantes na configuração da memória social e identidade visual da cidade, identificadas tanto nas próprias imagens quanto nos consumos, difusões e utilizações do artefato fotográfico.

---

[143] KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (org.) *Imagem e Memória:* ensaios de Antropologia Visual. Rio de Janeiro: Garamond, 2001, p. 14.

[144] LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família*: leitura da fotografia histórica. 2 ed. ver. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000, p. 18.

Constituição de um padrão visual da cidade

A maneira como a população constrói a imagem da sua cidade, para si e para os outros, fundamenta os pilares de sua identidade visual. Essas construções são desenvolvidas ao longo de anos, ou décadas, e o papel desempenhado pelas imagens de vistas urbanas ocupa significativa importância nessa indústria. A produção, veiculação, circulação e consumo destas vistas constituem pistas que revelam os mecanismos de constituição da identidade visual da cidade.

> Gradualmente a comercialização de vistas vai ocupando um espaço cada vez maior no mercado urbano, atingindo seu ápice nas primeiras décadas do século XX com a "febre dos cartões postais".
>
> Além da importância social que a popularização de vistas urbanas representa, devemos atentar para as possibilidades que esse gênero da fotografia abre para o exercício da linguagem fotográfica e a conseqüente formação de um novo padrão de visualidade[145].

Em Jacobina, o aumento gradual da "comercialização de vistas" é perceptível desde o início do século XX com a circulação das imagens da enchente na cidade em 1914. Este "padrão de visualidade" na cidade foi sendo construído através de fotografias em formatos de *cabinet,* postais e álbuns surgidos naquelas primeiras décadas. Do período, foram encontradas algumas vistas panorâmicas, onde a fisionomia urbana é abordada do exterior: fragmentos da cidade em ângulos de praças, ruas e edificações do seu patrimônio arquitetônico, cenas de grupos em momentos festivos etc., ou seja, nas imagens a tônica é para as composições que enalteciam os aspectos da presença do progresso e da harmonia social na cidade. Durante esta fase, os temas das imagens fotográficas não apresentam cenas da periferia urbana, ou outras que pudessem cotejar o *status* de cidade progressista e civilizada defendida pelas elites.

As fotografias de vistas urbanas de Jacobina foram importantes para a construção de uma identidade visual da cidade entre as décadas de 50 e 60, presentes até hoje no imaginário de sua população. Essa identidade foi estabelecida através de diálogos e referências entre autores e técnicas variadas ao longo das décadas anteriores, sendo veiculada na época em questão e outras posteriores, tanto de modo local quanto externo através de exposições, jornais, livros, panfletos, álbuns,

---

[145] LIMA, Solange Ferraz de. "O circuito social da fotografia: estudo de caso – II". In: FABRIS, Annateresa (org.). *Fotografia:* Usos e funções no século XIX. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, p. 66-7.

postais, ou avulsas, como no caso de ofertas de fotografias entre parentes e amigos distantes.

Em uma das diversas correspondências entre Amado Barberino, fazendeiro e homem das letras em Jacobina, e Afonso Costa, no Rio de Janeiro, o primeiro anuncia o envio de fotografias da cidade, sendo algumas ofertadas pelos fotógrafos Juventino Rodrigues e Aurelino Guedes. Nela, Amado Barberino se refere aos dois como seus "anônimos admiradores", pedindo-lhe inclusive que mande para eles, caso tenha, dois exemplares do seu livro *Minas de Prata de Robério Dias*[146]. Dentre as fotografias presenteadas ao escritor no Rio de Janeiro, estava à histórica imagem da enchente de 1914 (Imagem 2 do capítulo 2), uma do Tiro de Guerra, em 1927, e um álbum *Panorama de Jacobina*. Em relação às outras imagens não existe referência na carta.

Assim como nesta correspondência, também em algumas outras foram encontradas referências ao envio de fotografias por Amado Barberino ao seu conterrâneo amigo, que vivia no Rio de Janeiro desde os anos vinte. Nota-se que a fotografia cumpria uma importante função de transmitir a imagem da cidade e dos seus moradores, para parentes e amigos distantes. Ao encaminhar para o historiador Afonso Costa uma fotografia da enchente, fato inclusive abordado por ele em seu artigo *Minha Terra (Jacobina de antanho e de agora)*, os fotógrafos possivelmente queriam destacar a existência de registros visuais daquele acontecimento, assegurando a importância do fotógrafo como testemunha ocular da História.

O artigo *Minha Terra,* de Afonso Costa, publicado nos anais do V Congresso Brasileiro de Geografia, em 1916, foi impresso com quatro raras imagens de vistas da cidade. Aquele foi um dos primeiros meios de veiculação e difusão da imagem da cidade de Jacobina para outros territórios, no entanto ainda restrito a uma pequena elite letrada. Nele, existem duas cenas do centro urbano abordando a Praça da Matriz: uma em direção à igreja e a outra em direção à Praça Rio Branco; uma vista do arraial de Itapicurú e, por fim, uma vista parcial externa da cidade.

É sintomático o uso específico destas imagens no artigo de Afonso Costa. É, sobretudo, através destas fotografias que vai sendo construído um padrão de

[146] Correspondência de Amado Barberino de 30 de novembro de 1948.

visualidade urbana em Jacobina, muitas vezes repetido posteriormente por outros fotógrafos. Dentre as imagens do artigo, a maior ênfase foi para a área próxima à Praça da Matriz, possivelmente a única digna de ser externada imageticamente naquela ocasião. O arraial de Itapicurú foi mostrado provavelmente por ter sido uma área onde foram instaladas as residências de diretores e operários da "Companhia Minas de Jacobina", outrora famosa e abundante, mas, naquele momento, em declínio. A última imagem, uma vista parcial do alto, pressupõe um olhar abrangente e distanciado, objetivo e científico da paisagem urbana. A partir deste período, então, foram identificados ao longo das décadas a circulação e difusão de várias imagens, de vistas urbanas em formatos variados.

As vistas urbanas em formatos *cabinet,* largamente produzidas entre os anos vinte e trinta, ocupam um relativo lugar no padrão de visualidade marcante na cidade. O formato *cabinet* era normalmente confeccionado como forma de lembrança de um grande acontecimento ou de pessoas. Eram imagens coladas em papelão, geralmente no tamanho 9x12cm; em algumas vinham inscrições do fotógrafo ou do estúdio ao qual ele pertencia. Foram encontradas, neste formato, várias imagens de eventos e pessoas na cidade e região com inscrições de Rosendo Borges, Juventino Rodrigues e outros fotógrafos. Por ser um formato de fotografia com custo elevado para o consumo de populares, este tipo de imagem foi encontrado apenas nos pequenos círculos das pessoas mais abastadas da região, como políticos, profissionais liberais, comerciantes, fazendeiros, etc. Isto é o que se percebe em uma fotografia de 1923, às margens do Rio do Ouro com alguém em trajes formais sentado nas pedras. Existe nela uma anotação indicando tratar-se de certo Alfredo Martin. No verso, as anotações indicando que aquela imagem-objeto foi presenteada como lembrança para um parente seu.

Em 1936, foram encontradas algumas imagens dos blocos de foliões da micareta, em formato *cabinet,* produzidas por Juventino Rodrigues. As micaretas daqueles anos 30, festas-símbolos do discurso de civilidade na época, foram imortalizadas nas imagens produzidas por aquele fotógrafo na cidade. Ele foi o profissional, inclusive, que chegou a instituir na época um "club de retratos" como forma de facilitar a aquisição de seus produtos para segmentos menos abastados, possibilitando que as mesmas fossem pagas através de parcelas. Por este e outros tipos de serviços prestados por ele à cidade, é que se deve o reconhecimento feito

pelo jornal *Lidador* ao profissional que contribuía para elevar o padrão da fase de progresso vivenciada na época.

(1) Indivíduo na margem do Rio do Ouro. 1923. Formato Cabinet. Foto: Rosendo Borges. Acervo particular de Osmar Micucci.(Formato cabinet).

(2) Micareta de 1936. Foto: Juventino Rodrigues. Formato Cabinet. Acervo particular de Osmar Micucci. (Formato cabinet).

De outra forma, os cartões-postais tiveram um papel significativo na difusão das idéias-símbolos das cidades. Sua invenção adveio do princípio da década de 1870 conquistando um grande público consumidor. Em questão de décadas, esse fenômeno de comercialização e massificação da imagem impressa atingia variado público consumidor em diversos países do mundo e também no Brasil[147]. O auge da sua produção ocorreu nas duas primeiras décadas do século XX, período considerado "a idade do ouro" dos cartões-postais. Em várias cidades brasileiras já era possível encontrar à venda postais das grandes e modernas cidades e regiões do mundo. Segundo Boris Kossoy:

> Fotógrafos conhecidos em diferentes Estados, a par de suas atividades tradicionais como retratistas, além de editores locais, voltaram-se também para a produção e veiculação de fotos para postais, predominando as vistas de logradouros e panoramas de cidades, temas esses de interesse comercial mais imediato[148].

Com relação a este padrão de imagens, Maria Eliza Linhares Borges chama a atenção para o seu aspecto estético:

---

[147] Cf. FABRIS, Annateresa. "A Invenção da Fotografia: Repercussões Sociais". In: FABRIS, Annateresa (org.) *Op. Cit.*p.33.

[148] KOSSOY, Boris. *Op. Cit.*, p. 65.

> Assim como ontem, também hoje, os cartões-postais jamais oferecem imagens-sintomas do feio e do desagradável. A expressão *parece um cartão-postal* sempre se refere a um ideal de belo consagrado pelas artes plásticas greco-romana e renascentista. Encantar o olhar do observador, celebrar um imaginário que remeta a um mundo guiado pelas noções positivas de progresso e civilidade sempre foram as principais funções sociais dos cartões-postais. Não por acaso, à medida que sua moda ia se alastrando, as cidades, *lócus* por excelência do exercício e das práticas civilizadoras, iam construindo suas visões higienizadas, oficiais e modernas do espaço público[149].

As imagens dos postais normalmente apresentam as novidades urbanísticas ou os monumentos consagrados pelos habitantes das cidades. Neste formato, foram encontrados em Jacobina um antigo postal produzido por Juventino Rodrigues abordando a construção da Ponte Manoel Novais, em 1937 (Imagem 5 do capítulo 1). Aquele monumento, segundo matéria no jornal *O Lidador* era mais uma obra da "fase das realisações" pela qual a cidade de Jacobina passava em sinal da chegada do progresso[150]. Dois anos antes, na vizinha cidade do Morro do Chapéu, o poeta e fotógrafo Euricles Barreto produziu um postal com uma imagem da Praça Cel. Dias Coelho. Com mesmo espírito progressista, no seu postal encontra-se também a marca da novidade, identificada na praça com seus postes de iluminação e do edifício da igreja com sua imponente torre. É para este detalhe que a remetente chama a atenção: "Envio-te esta vista da torre daqui, como pequena lembrança da amiguinha". Percebe-se que nos dois casos os postais cumpriam o papel de propaganda do progresso e da civilização, difundidos pelas elites locais das duas cidades.

(3) Cartão Postal da Praça Cel. Dias Coelho. Cidade do Morro do Chapéu. 1935. Foto: Euricles Barreto. Acervo particular da Família Lages.

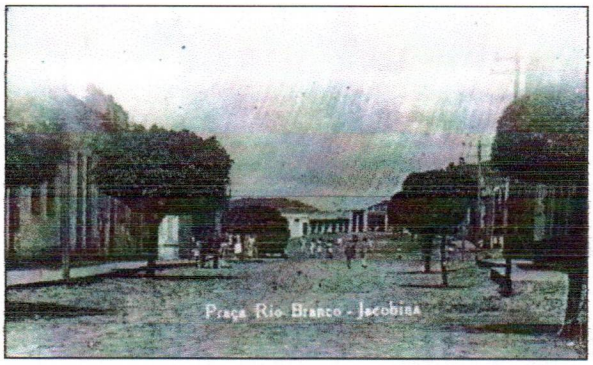
Quando o formato *cabinet* já não ocupava mais um espaço significativo no comércio fotográfico, outros formatos mais baratos passaram a fazer parte também do consumo das populações menos abastadas. Os moradores das referidas cidades já

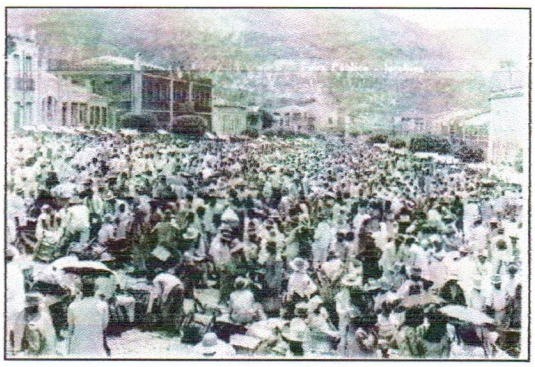
---

[149] BORGES, Maria Eliza Linhares Borges. *História & Fotografia.* Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 59.

[150] Jornal *O Lidador,* nº 38 de 25 de maio de 1934, p.2. (*Jacobina progredindo*).

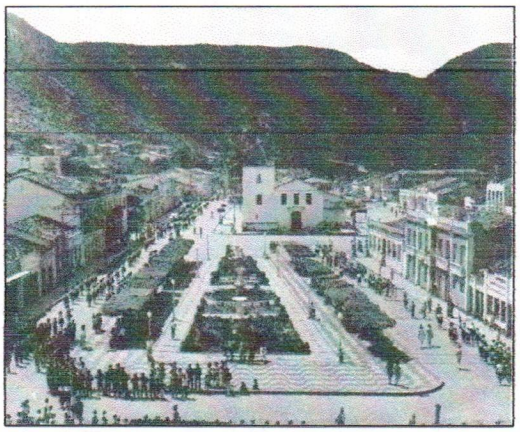
puderam adquirir imagens não apenas de seus familiares, mas também instantâneos de vistas da cidade, com pessoas anônimas transitando nas ruas. Este tipo de fotografia, que marcou época em várias cidades do mundo, vinha sendo desenvolvido nos anos 40 e 50 em Jacobina através de trabalhos como os que Aurelino Guedes produziu para serem comercializados como *souvenir* da cidade. Anos depois, Osmar Micucci passou a ser o principal fotógrafo ligado às imagens de vistas da cidade. Foram muitos negativos encontrados, entre a segunda metade dos anos 50 e o início dos anos 60, com esta temática: nas fotografias a cidade aparece como tema principal, de forma isolada, ou com pessoas nas ruas em datas comemorativas, eventos inusitados e em cenas do cotidiano. A opção aqui foi por apresentar as imagens de vistas da cidade de propriedade das famílias locais e publicadas em materiais lançados pelo IBGE, demonstrando com isso sua difusão, consumo e circulação naquele contexto.



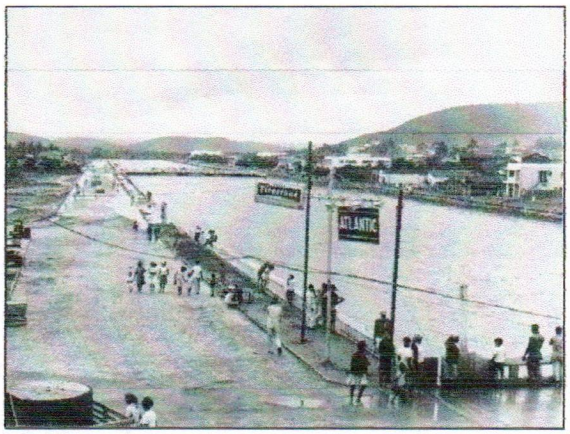


(4-5) Dois ângulos em momentos diferentes na Praça Rio Branco. Década de 40. Fotos: Aurelino Guedes. Acervo Memória Fotográfica de Jacobina. (Cópias digitalizadas).

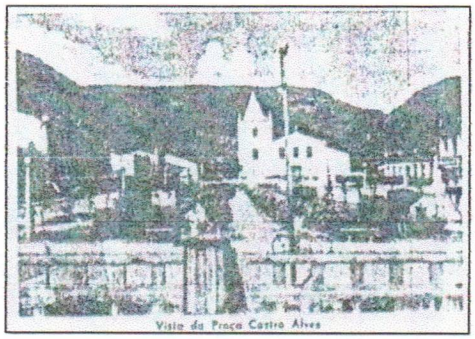
(6) Rua Dr. Pedro Lago. Década de 40. Foto: Aurelino Guedes. Acervo Memória Fotográfica de Jacobina. (Cópia digitalizada)..



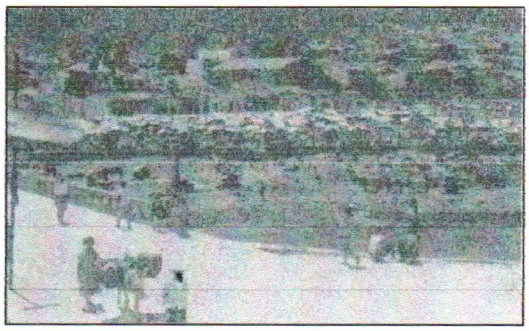
(9) Vista da Praça da Matriz. 1962?. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular da Família Guerra.



(10) Vista da cidade com Rio Itapicuru-Mirim cheio. 1962?. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular da Família Guerra.



(7) Vista da Praça da Matriz veiculada na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros em 1958. Foto: Aurelino Guedes.



(8) Vista da feira-livre na beira-rio veiculada em folder produzido pelo IBGE em 1962. Foto: Osmar Micucci.

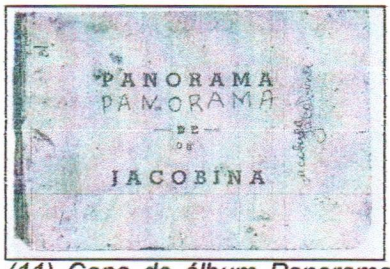
Os álbuns de cidade foram também importantes veículos de difusão das imagens urbanas ao longo da segunda metade do século XIX e primeiras do século XX. Diferente do padrão visual do cartão-postal ou das fotografias avulsas de *souvenir*, o álbum fotográfico é composto de várias imagens selecionadas e distribuídas como forma de transmitir uma visão mais abrangente da cidade retratada. Conforme Maria Eliza Borges:

> Para além da estética de cada fotógrafo, que personaliza sua obra, a montagem desses álbuns revelava a força de um padrão fotográfico próprio do tempo em que eles foram produzidos. Interessados em obter lucro com a venda do álbum, o fotógrafo escolhia as imagens e costurava uma narrativa urbana capaz de tornar vendável o produto de sua criação. Em geral, a seqüência de imagens dava ver uma cidade moderna, evoluída e quase sempre higienizada[151].

[151] BORGES, Maria Eliza Linhares Borges. *Op. Cit.*, p. 84.

Foi no sentido de transmitir simbolicamente as imagens das cidades modernas, que os ateliês de fotógrafos passaram a produzir seus álbuns de vistas urbanas. Aqui no Brasil, citando o caso da cidade de São Paulo, sabe-se da existência da produção de um álbum fotográfico já em 1872[152]. Mas foi em 1887 que o fotógrafo carioca Militão Augusto de Azevedo anunciou o comércio de seu *Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo*, destacando as mudanças ocorridas ali ao longo de 25 anos, quando ele fizera as primeiras fotografias no ano de 1862. Aquele fotógrafo inaugurou no país uma metodologia comparativa na abordagem imagética das cidades, mais tarde muito copiada por outros álbuns de cidades.

Em Jacobina, a onda dos álbuns de vistas da cidade ocupou um significativo espaço na história da fotografia local. Em 1948, Juventino Rodrigues lançou o pequeno álbum *Panorama de Jacobina*, formado por cinco fotografias que compunham uma vista panorâmica abordando a grande enchente dos rios na cidade. É do conhecimento desta pesquisa a existência de outra vista panorâmica, anterior à de Juventino, ainda sem maiores informações quanto ao formato de veiculação na época. É provável que tenha sido tal imagem que Amado Barberino havia presenteado ao seu amigo Afonso Costa, uma vez que o álbum de Juventino tenha sido datado como dezembro, ou seja, um mês antes da referida correspondência. Em 1957, Aurelino Guedes repetiu a mesma atitude, cobrindo os mesmos ângulos de abordagem das primeiras em um álbum panorâmico com 5 fotografias. Pelo visto, o sucesso alcançado pelos primeiros abria a oportunidade para repetir a iniciativa e permitir que se comparasse aquela cidade uma década depois.



(11) Capa do álbum Panorama de Jacobina de Aurelino Guedes. 1957. Acervo Memória Fotográfica de Jacobina. (Cópia digitalizada).

Essas atitudes pioneiras na composição de álbuns fotográficos, desenvolvidos pelos primeiros profissionais, foram fundamentais para a criação de um padrão de visualidade de Jacobina e para a difusão social das vistas da cidade. É bom que se diga que a formação desta visualidade urbana em Jacobina foi obra não somente da

[152] LIMA, Solange Ferraz de. "Espaços Projetados: As representações da cidade de São Paulo nos álbuns fotográficos do início do século". In: Acervo: Revista do Arquivo Nacional. Vol. 6, n. 1-2, (jan./dez. 1993). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1993.

fotografia, mas também da pintura, desenho e da cinematografia. Nas edições do *Vanguarda* de 1956[153], existem informações sobre uma exposição de pintura e desenho que seria realizada em dezembro daquele ano e também sobre um projeto comercial que envolveria as filmagens de alguns pontos de Jacobina para exibir nos cinemas da capital e interior como forma de divulgação da cidade. Não se chegou a ter acesso a essas pinturas, desenhos e filmagens, mas fica a evidência de que provavelmente existisse um padrão de vistas da cidade sendo construído através de outras linguagens artísticas. Por outro lado, sabe-se da existência de outros formatos de álbuns produzidos posteriormente na cidade. No entanto, por se tratar de bens particulares e pela dificuldade de acesso aos mesmos, mencionam-se aqui apenas aqueles que foram analisados por esta pesquisa. Da década de 1960, foi encontrado um mini-álbum *Lembrança de Jacobina-Bahia*, de Amado Nunes, composto de seis vistas da cidade, e o um álbum de reportagem de Osmar Micucci sobre um desastre de avião ocorrido em 1969. Do mesmo autor também foram encontradas fotografias isoladas de um álbum da inauguração do asfalto da BR 324, em 1970. Ao que tudo indica, os apreciadores de fotografias estavam interessados em preservar não apenas as vistas da cidade, mas também as imagens de acontecimentos marcantes da sua história. Nesse sentido, os fotógrafos souberam aproveitar oportunamente os efeitos desta possível "febre fotográfica" existente em Jacobina e deixaram gravados seus imaginários na memória coletiva local.

Conforme mencionado, a presença de fotógrafos em Jacobina data dos primeiros anos do século XX. Durante os momentos significativos da história da cidade, ao longo daquele século, os fotógrafos estiveram lá como espectadores privilegiados. Atualmente, as imagens constituem, em muitos casos, os únicos indícios do passado histórico da cidade que por muito tempo foi centro econômico, político e cultural de uma importante região do Estado da Bahia. Para o pesquisador que procura conhecer detalhes das diferentes fases do seu espaço urbano, é muito difícil avançar nos estudos sem o auxílio das imagens fotográficas. Compreender o valor

---

[153] Jornais *Vanguarda,* nº 342, de 5 de maio de 1956, p.1. (*Jacobina Será Filmada, Amanhã*); nº 352, de 14 de julho de 1956, p.1. (*A Primeira Exposição de Pintura e Desenho de Jacobina*); nº 359, de 1 de setembro de 1956, p.1 (*Está Despertando Entusiasmo a 1ª Exposição de Pintura);* nº 363, de 29 de setembro de 1956, p.1 (*Escolhido o Local da 1ª Exposição de Desenho e Pintura*), e nº 370, de 17 de novembro de 1956, p. 1. (*Primeira Exposição de Pintura e Desenho – Dilatado o Prazo Para Entrega dos Trabalhos*).

documental dessas antigas fotografias implica também em reconhecer sua importância como patrimônio histórico e cultural da cidade.

Fotografias entre monumentos e patrimônios

A fotografia está intimamente ligada ao patrimônio histórico e atualmente com ele se confunde. Desde os primórdios da fotografia, o interesse pelo uso desta mídia foi despertado para a identificação, preservação e valorização dos patrimônios de diversas localidades. Muitos fotógrafos foram contratados para registrar monumentos históricos da humanidade, como as pirâmides do Egito, arquiteturas medievais, ruínas de cidades antigas, dentre outros. Países como a França e a Inglaterra saíram na frente desta corrida pela documentação fotográfica dos seus monumentos históricos.

> Por esta razão, na França, na Inglaterra ou em outros países, não seria exagero afirmar que a própria noção do que hoje chamamos patrimônio começou a ser construída no imaginário coletivo a partir, justamente, desse trabalho de identificação, inventário e preservação dos monumentos históricos e artísticos nacionais no qual a fotografia iria participar ativamente desde os primórdios de sua existência[154].

A arquitetura foi amplamente fotografada na fase primordial deste produto tecnológico. Pela necessidade do uso da longa exposição nas técnicas iniciais, objetos estáticos foram privilegiados pelos primeiros olhares fotográficos. Daí porque as cidades e seus monumentos foram bastante privilegiados pela fotografia. Muitos fotógrafos, inclusive, notabilizaram-se como grandes documentaristas do patrimônio arquitetônico de cidade, como são os casos de Charles Marville, na França, e Marc Ferrez, no Brasil.

O fotógrafo Marville, que foi contratado pelo barão de Haussmann para documentar a cidade de Paris durante a reforma urbana empreendida pelo prefeito, trabalhou também para o Museu do Louvre. Para aquela instituição, ele produziu um inventário fotográfico dos monumentos urbanos em imagens que se destacam pela monumentalidade com que enquadrava os edifícios, de maneira frontal e imponente. No mesmo contexto aqui no Brasil, Ferrez produziu uma série de "vistas" da cidade

---

[154] TURAZZI, Maria Inez. "Uma Cultura Fotográfica" in: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Fotografia*. Nº 27. São Paulo: IPHAN, 1998, p. 13.

do Rio de Janeiro, onde a arquitetura aparecia dentro da composição da paisagem abrangente. Maria Carvalho e Cristina Wolff observam que os primeiros fotógrafos no Brasil não demonstraram grande interesse pela arquitetura local; no entanto, dentro da paisagem natural é que a paisagem humana se apresentava.

> Provavelmente os prédios não eram fotografados isoladamente, no período inicial da fotografia brasileira, por não serem considerados relevantes por seus contemporâneos. Com exceção das igrejas, poucos são os edifícios que merecem a atenção exclusiva das objetivas. As igrejas, por outro lado, já se destacavam em composições de conjunto por sua própria dimensão e fatura[155].

Portanto, seja para promover a identificação e valorização dos monumentos antigos nas cidades, seja para anunciar ali as edificações do novo, a fotografia cumpriu uma valiosa função na materialização visual dos anseios sociais em épocas e locais diversos. Daí porque, seja na apresentação dos fragmentos que se esvaiam, seja nos monumentos que se erigiam nas cidades, os fotógrafos foram solicitados para documentar aquelas transformações. Atualmente, partes dos antigos monumentos dessas cidades restam apenas na memória fotográfica produzida. Essas fotografias, que outrora serviram para anunciar a necessidade de se discutir o valor dos monumentos históricos, atualmente representam para a História além de documentos, importantes monumentos do passado.

A noção de monumento está intimamente ligada ao aspecto da memória. Como diz o historiador Jacques Le Goff,

> "o *monumento* tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos"[156].

Partindo desta premissa, pode-se acreditar que as fotografias produzidas para a preservação da memória arquitetônica da cidade, ao lado delas, também constituem monumentos de uma época.

A fotografia representa, destarte, parte importante dos monumentos históricos característicos das cidades. Materializando imagens do universo urbano ou até do

---

[155] CARVALHO, Maria C. W. de e WOLFF, Silvia F. S. "Arquitetura e Fotografia no século XIX". In: FABRIS, Annateresa (org.) *Op. Cit.*p.161.

[156] LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Suzana Ferreira Borges [et. al.]. 4 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996, p. 536.

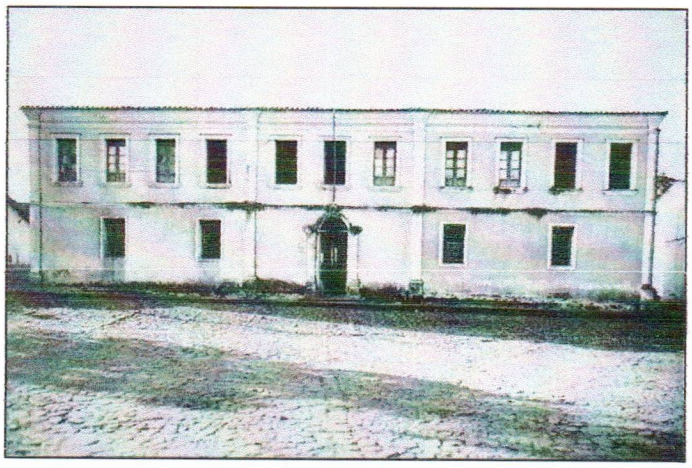
mundo rural, os fotógrafos em grande parte eram profissionais ligados à cidade. Por ser a fotografia um produto notadamente urbano, era nas cidades que se encontravam os ateliês fotográficos e ali estavam os maiores consumidores do produto. É o que se observa, por exemplo, nestes anúncios nos jornais de Jacobina, onde se percebe que seus fotógrafos circulavam por outras cidades e capitais, onde buscavam seu aperfeiçoamento técnico:

> Depois de longa permanência na capital do Estado e em Itabuna, onde foi aperfeiçoar-se na arte photographica, nos atelieres da acreditada "Photo Allemão", encontra-se em nosso meio o Sr. Juventino Rodrigues, esforçado e caprichoso amador photographico[157].

Ou:

> Após uma excursão de vários meses pelas capitais do sul e do centro do país, retornou, ultimamente, a esta cidade o nosso conterrâneo, sr. Aurelino Guedes, hábil e inteligente fotógrafo.
>
> Com a volta dêste competente profissional, estão Jacobina e a sua população bem servidas no que concerne à arte fotográfica[158].

Como ocorreu no caso de outras cidades compostas de antigos monumentos históricos, a exemplo de Paris, em Jacobina remonta aos primórdios da presença dos fotógrafos na cidade, no início do século XX, a produção de imagens dos seus principais monumentos arquitetônicos. Ali também os fotógrafos foram convidados a dar conta de registrar seus diversos patrimônios históricos. O exemplo mais antigo é o do Paço Municipal, cuja arquitetura foi isoladamente enquadrada em fotografia provavelmente dos primeiros anos do século XX.



(12) Prédio do Paço Municipal. Data e autor não identificados. Acervo Centro Cultural Edmundo Isidoro dos Santos. (Fotocópia).

---

[157] Jornal *O Lidador,* n.º 87 de 12 de maio de 1935, p.1. (*Photographo Juventino Rodrigues*).

[158] Jornal *Vanguarda,* n.º 297, de 19 de junho de 1955, p.1. (*Retornou o fotógrafo Aurelino Guedes*).

Segundo Carvalho e Wolff,

> A escolha precisa dos elementos a serem incluídos ou omitidos das fotografias de arquitetura, fossem elas do edifício isolado, do detalhe arquitetônico ou de conjuntos, relacionava-se diretamente com as intenções do fotógrafo que pretendia guiar a percepção de quem visse a imagem[159].

Pela imagem é possível ter uma idéia do que representava aquele monumento para a população local. A atitude do fotógrafo em compor a imagem unicamente com o edifício lembra o tipo de composição feita na França, com Charles Marville, ou pelos tipos feitos nos estudos de arquitetura, o que leva a crer que a finalidade tenha sido para fins de documentação. Pelo perfil de cidade que buscava a modernização do espaço urbano, era imperativa a necessidade de reforma no prédio no intuito de melhorar a estética da cidade que se dizia progressista, ainda mais estando ele localizado em uma de suas praças principais. O prédio era a sede da antiga Casa de Câmara, edificado desde a fundação da Vila em princípio do século XVIII. Foram encontrados nas resoluções do Conselho Municipal, entre 1902 e 1913, referências às obras de reconstruções do edifício. Pelo que consta, ele estava praticamente em estado de ruína. Afonso Costa, no seu artigo de 1916, aborda em tom de desaprovação sobre a nova planta criada, onde segundo ele faltou "bom gosto" no empreendimento[160]. Pelo visto esta fotografia data de época posterior a esta reconstrução.

No final dos anos 30, o prédio passou por uma ampla reforma quando foi inaugurado na festiva data de 2 de julho de 1940, em comemoração à independência da Bahia. Na oportunidade, o jornal *O Lidador* estampou uma fotografia na sua capa com o mesmo enquadramento da anterior, agora com a nova fachada do Paço Municipal. O jornal noticia os festejos ocorridos no local naquele dia e

(13) "A nova [sic] *faixada do paço municipal". O Lidador noticiava a reforma e inauguração do prédio veiculando esta imagem na capa da edição de 7/7/40.*

---

[159] CARVALHO, Maria C. W. de e WOLFF, Silvia F. S. In: FABRIS, Annateresa (org.) *Op. Cit.*p.151.

[160] COSTA, Afonso. *Minha terra (Jacobina de antanho e de agora).* In: Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia. Vol. II, 1916, p. 273.

encerra o texto parabenizando o prefeito Reinaldo Jacobina Vieira "pela obra digna de nota" e esperando dele novas realizações no sentido do "melhoramento" da cidade[161].

A atitude de registrar os estilos arquitetônicos dos antigos monumentos de Jacobina levou o fotógrafo Juventino Rodrigues a produzir uma imagem da bissecular capela do Bom Jesus da Glória. Na histórica fotografia (Imagem 14), o prédio foi também enquadrado de maneira frontal e isolado do seu entorno urbano. Pelo visto, através da imagem novamente se procurava chamar a atenção da comunidade para a necessidade da reforma daquele que era o mais antigo monumento arquitetônico da cidade.

A Capela do Bom Jesus da Glória foi construída depois da autorização de um Alvará Régio de 1705, da Rainha Catarina, da Grã-Bretanha, então regente de Portugal na época, permitindo a Antônio da Silva Pimentel, da famosa Casa da Ponte, construir uma igreja missionária nas terras de Jacobina, sertão da Bahia. A capela foi construída e entregue aos missionários franciscanos para a catequese dos índios Payayá, no ano seguinte. A então Vila de Santo Antônio da Jacobina, criada em 1720, possuía neste período duas edificações religiosas: a Igreja Matriz, erguida no núcleo primitivo da Vila para ser freqüentada pelos colonizadores que chegaram à região e a capela da Missão, localizada em área distante para atender aos índios.

No decorrer do século XVIII, a Vila de Santo Antônio de Jacobina se desenvolveu a partir do entorno da Igreja da Matriz enquanto a área próxima da capela no alto da Missão ficou restrita aos índios e moradores pobres da região. Ao fim dos trabalhos missionários dos franciscanos, em 1859, com a morte do Frei José da Encarnação, tiveram início as atividades da Irmandade do Bom Jesus da Paciência. Nesse período, a pequena igreja sofreu algumas transformações na sua estrutura, com a transformação do alpendre lateral direito em capela. Não foi encontrada nenhuma imagem que indique a feição da pequena igreja no século XIX, somente a fotografia de Juventino Rodrigues, que apresenta indícios de como ela se encontrava nos anos 1930. É possível vê-la com aspecto de abandono, como provavelmente deveria

---

[161] Jornal *O Lidador,* nº 337, de 7 de julho de 1940, p.1. *(Completamente reformado o Paço Municipal).*

estar, pois se confirma com o que diz uma matéria de O *Lidador* de 4 de janeiro de 1938. Em fragmento do texto, o jornal comenta que

> "O 1.º de janeiro na igrejinha da Missão, edificada em princípios do século XVIII para a catequese dos selvícolas, é um dos marcos que o tradicionalismo fincou para perdurar ainda muitos anos. E é por isso que a festa do Bom Jesus da Glória se realisou num ambiente de absoluta alegria, naquele **templo rústico e velhinho**"[162].

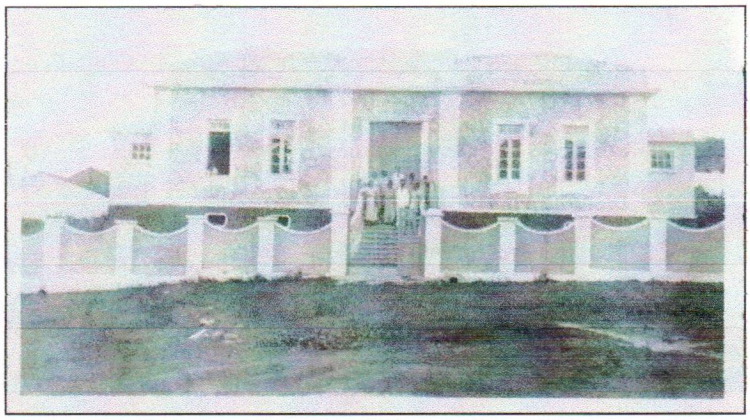
(14) Igreja da Missão (Capela do Bom Jesus da Glória). Década de 1930. Foto: Juventino Rodrigues. Acervo particular de Lindenício Ribeiro. (Negativo 6x6cm).

Provavelmente, teria sido o fotógrafo Juventino Rodrigues quem ainda deixou fixado na memória fotográfica dois importantes edifícios para a cidade, datados de 1935. O primeiro foi o Hospital Antônio Teixeira Sobrinho e o outro foi o das Escolas Reunidas Luís Anselmo da Fonseca[163]. Os dois prédios públicos surgiram como novidades no estilo arquitetônico característicos da cidade, influenciando outros por ali, enquanto suas presenças promoviam a expansão urbana para o segmento oeste, área até então pouco povoada. Nas duas imagens, extraídas de um álbum de família, encontram-se os dois edifícios fotografados frontalmente com a presença de grupos de pessoas. Ali se percebe, pelos terrenos, que as áreas ainda careciam de infra-estrutura de pavimentação.

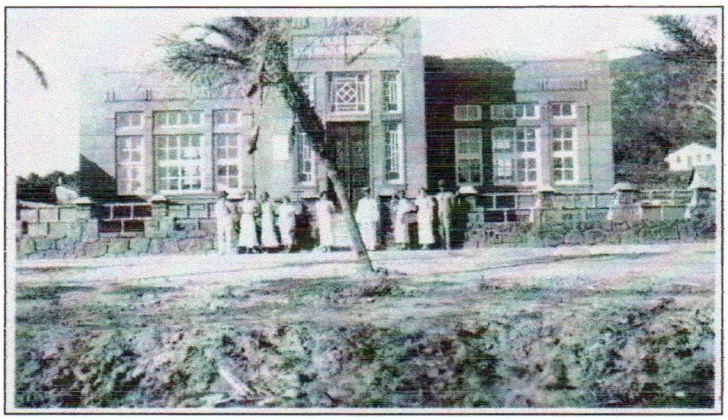
---

[162] Jornal *O Lidador,* nº 218, de 4 de janeiro de 1938, p.1 (*Festa do Bom Jesus da Glória*). (grifos do autor)

[163] Jornal *O Lidador,* nº 38, de 25 de maio de 1934, p.2. (*Jacobina progredindo*).



(15) Hospital Antônio Teixeira Sobrinho. Década de 1930. Foto: Juventino Rodrigues? Acervo particular da Família Barberino.



(16) Hospital Antônio Teixeira Sobrinho. Década de 1930. Foto: Juventino Rodrigues? Acervo particular da Família Barberino.

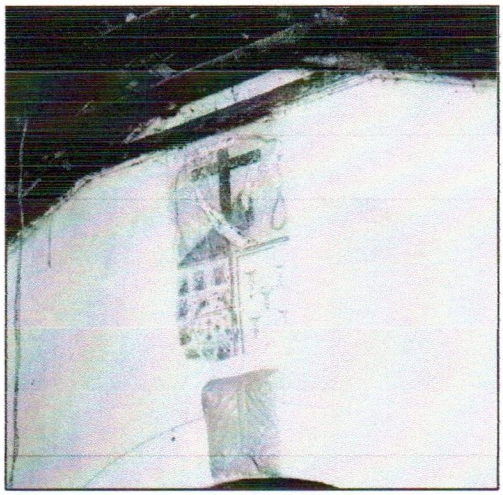
Depois daqueles efusivos anos trinta, em que os ideais de progresso e civilização fizeram parte da sociedade local, foi somente entre as décadas de cinqüenta e sessenta que se encontra novamente o mesmo clima festivo. Com a nova onda de reformas no espaço urbano da cidade, velhos prédios foram abaixo para a construção de novas formas de arquitetura sob a ótica da civilização e do progresso (Imagem 25 do capítulo 2). Naquele período, o fotógrafo Osmar Micucci acompanhou as transformações ocorridas na paisagem urbana. Pela vasta documentação encontrada do fotógrafo, pôde ser identificado, entre os anos 1950 e 1960, um significativo número de imagens da arquitetura privada e pública, nova ou reformada na cidade. Isso leva à compreensão de que existia uma vontade coletiva de se preservar na memória fotográfica as imagens daqueles edifícios. A hipótese é reforçada pela existência em grande número de repetições de temas entre outros fotógrafos, como Amado Nunes e Lindenício Ribeiro, tanto no mesmo período como em épocas diferentes. Pelo visto existia clientela suficiente para o consumo

daquelas imagens na cidade, seja através de contratações prévias ou pela aquisição das mesmas através de álbuns ou postais.

Em 1959, Osmar Micucci produziu uma série de fotografias externas e internas da Capela do Bom Jesus da Glória. No plano externo, parecendo fazer referência à antiga imagem de Juventino Rodrigues, ele fixou através de sua câmera, no mesmo ângulo e enquadramento, uma aparição da capela após restauro (Imagem 17). Nos planos internos, ele colheu detalhes da pintura do antigo brasão gravada no arco triunfal do alto da nave (Imagem 18) e do imaginário religioso existente na igreja. Tudo leva a crer que estivesse prestando serviço para alguém ou para alguma instituição interessada na preservação do monumento, provavelmente para o então prefeito Florivaldo Barberino que, em 1960, entrou com solicitação ao SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - para a inscrição e tombamento daquele e de outro monumento do município: a Igreja de São Miguel das Figuras, com a colaboração do historiador franciscano Frei Venâncio Willeke[164]. No livro do referido autor foram encontradas outras fotografias da igreja, sem nenhuma identificação de autoria, onde se vê uma foto com Amado Barberino e Florivaldo Barberino em pose ao lado do armário da sacristia[165]. Pelo que se percebe, numa época em que cresciam, em várias cidades, as discussões sobre a preservação de monumentos históricos no Brasil, o prefeito quis gravar seu nome entre aqueles que buscavam inserir Jacobina neste rol de cidades. Enquanto isso, motivados pela aventura da modernidade, antigas construções particulares eram derrubadas para a edificação de novos prédios.

[164] Conforme texto "Ligeiro Histórico das Igrejas de Jacobina", de Amado Barberino (datilografado).

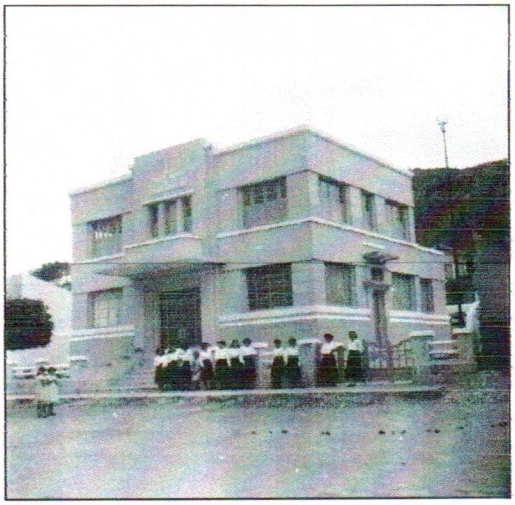
[165] WILLEKE, O. F. M. Venâncio, *Missões franciscanas no Brasil.* Petrópolis, 1978, p. 92.



(17-18) Igreja da Missão (Capela do Bom Jesus da Glória) e brasão interno. Fotos: Osmar Micucci. 1959. Acervo particular do fotógrafo. (Negativos 6x6cm).

Nos anos 50, diversos novos prédios, públicos e particulares, foram construídos, modificando pouco a pouco a paisagem urbana de Jacobina. Pelo discurso veiculado na imprensa, a cada novo prédio público surgido, crescia na população o sentimento de que a cidade estava se modernizando. Muitos daqueles espaços foram fotografados na época por Osmar Micucci. É o caso, por exemplo, da agência dos Correios e Telégrafos, inaugurada em 1950 na Rua Senador Pedro Lago. Até aquele momento, os serviços dos correios eram bastante precários, como demonstra Amado Barberino nas suas correspondências, em 1948, onde constantemente reclama dos deficientes serviços prestados pelo "senhor Correio"[166]. O novo prédio surgia como um alento de dias melhores. Não se sabe se as mudanças atenderam às exigências do missivista Barberino. Seis anos após a sua inauguração, Osmar Micucci registrou uma imagem isolada daquela arquitetura que passava a fazer parte do cotidiano visual dos passantes no centro da cidade. Foram encontradas, inclusive, nas fotografias do prédio, de Micucci e Nunes, constantes presenças de pessoas em sua frente. A atitude, aparentemente simples, demonstra na prática a forma de uso do espaço visual pela comunidade. Atribuindo ao monumento valor estético a população deu a ele outro sentido, além do funcional. Para o fotógrafo de rua, ali estava mais um novo motivo e cenário para as composições das imagens, enquanto que para os fotografados ele valia como uma lembrança em frente ao edifício que remetia a novidade na cidade.

[166] Correspondência de Amado Barberino de 22 de abril de 1948.



(19) Alunas em pose para fotografia em frente ao prédio dos Correios e Telégrafos. 1956. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativo 6x6cm).

Os usos e valores que a população faz e atribui à cidade devem merecer a devida atenção do pesquisador social. As fotografias de indivíduos ou grupos diante dos monumentos públicos ou privados representam indícios dessas relações estabelecidas entre a comunidade e a sua cidade. É o que diz o historiador de arte Guilio Carlo Argan.

> "A cidade", dizia Marsílio Ficino, "não é feita de pedras, mas de homens." São os homens que atribuem um valor às pedras e todos os homens, não apenas os arqueólogos ou os literatos. Devemos, portanto, levar em conta, não o valor em si, mas a atribuição de valor, não importa quem a faça e a que título seja feita[167].

São os casos também dos diversos registros de edificações residenciais e comerciais produzidas naqueles anos na cidade. Ao contratar os serviços de um fotógrafo para produzir uma imagem de sua residência pessoal ou estabelecimento comercial, acredita-se que, diante da atitude de documentação, estava também envolvida uma relação tanto de valorização do caráter estético quanto da comemoração do bem privado, aspecto sagrado do capitalismo. Com o advento da fotografia, cristalizava-se o sentimento de pertencente ao lugar. O registro retém a memória do indivíduo em contextos específicos, como no nascimento de logradouros (Imagem 7 do capítulo 2) e nos locais consagrados e recém-erigidos na cidade. Isto é o que chama a atenção nas referências ao envio de fotografias de residências e prédios comerciais para amigos e parentes de outras localidades,

---

[167] ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade.* Tradução Píer Luigi Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 228.

como em uma foto onde Amado Barberino transmite o orgulho pela conquista pessoal.

> Junto envio uma fotografia do consultório do Florivaldo, instalado em prédio próprio, por mim construído, na antiga Praça da Matriz, hoje Castro Alves, no mesmo local onde tinha minha casa comercial.
>
> Penso que o prédio não envergonha a terra de Afonso Costa[168].

(20) Prédio residencial da Família Barberino. 1956. Foto: Osmar Micucci Acervo particular do fotógrafo. (Negativo 6x6cm).

É interessante a forma como Amado Barberino acreditava que a qualidade estética do seu prédio não envergonharia "a terra de Afonso Costa". O missivista refere-se à Jacobina numa provável alusão ao artigo *Minha Terra,* que aquele escritor escrevera em 1916 e pelo qual se notabilizou na cidade. Ele bem sabia que Afonso Costa naquele texto fora bastante exigente quanto aos traços arquitetônicos das edificações em Jacobina. Costa informa, com pesar, que após a grande destruição de mais de cem casas provocada pela grande enchente de 1914, as novas edificações surgidas eram sem os ditames da estética das cidades novas. A respeito dos três templos católicos do século XVIII na cidade, o autor comenta a inexistência de "traços de estilo clássico" que a recomendem como obras de importância arquitetônica[169].

Certamente, movido pelo conceito de arquitetura como produto das "belas artes", a postura rígida do historiador quanto aos edifícios de sua terra natal seja justificada. Não vendo ali nenhum monumento que lembre os traços do estilo clássico, Afonso

---

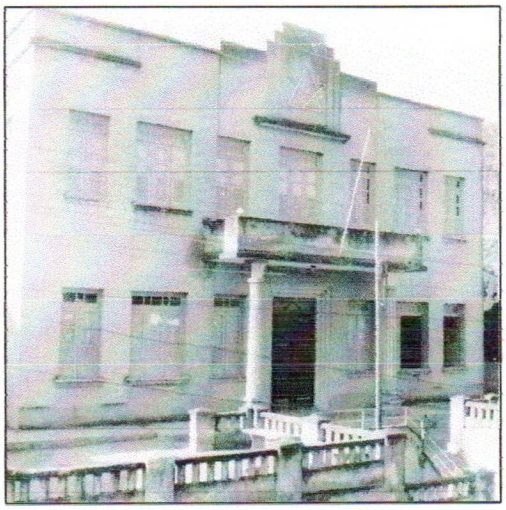
[168] Correspondência de Amado Barberino de 16 de março de 1948.

[169] COSTA, Afonso. *Minha terra (Jacobina de antanho e de agora).* In: Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia. Vol. II, 1916, pp. 235-319.

Costa não havia levado em consideração a importância da cultura local na definição dos aspectos dos mesmos. A arquitetura, no entanto, segundo Carlo Argan, é uma arte por excelência representativa.

> Na cidade, todos os edifícios, sem exclusão de nenhum, são representativos e, com freqüência, representam as malformações, as contradições, as vergonhas da comunidade[170].

Provavelmente a busca de uma aproximação do estilo clássico levou, entre fins da década de 40 e início de 50, a sede da Loja Maçônica de Jacobina a ser construída com duas colunas na sua entrada sugerindo classicismo. Este tipo de detalhe foi bastante difundido em repartições públicas no Brasil. Aquele edifício, ainda que distante das representações clássicas, destaca-se na paisagem da cidade pela sua imponência em relação ao entorno, o que provavelmente tenha sido a intenção. Anos mais tarde, Amado Nunes em sua atividade de *flâneur* pela cidade deixou registrado através de suas lentes uma imagem do imóvel. Devido à estreiteza da rua onde se localiza e pela falta de um equipamento com lente de grande angular, o fotógrafo não conseguiu capturar uma imagem diretamente frontal do edifício.



(21) Prédio da Loja Maçônica. Década de 1960. Foto: Amado Nunes. Acervo Memória Fotográfica de Jacobina. (Cópia digitalizada).

Pelo que foi demonstrado, vê-se que as fotografias da arquitetura em Jacobina cumpriram sua função de conservar na memória iconográfica os padrões de estilos de cada época. O que antes se considerava como atribuição apenas do monumento edificado, com o tempo, a própria fotografia, pelos seus diversos usos e funções, assumiu o papel também de "advertir" e de "lembrar". Como disse Françoise Choay,

> A fotografia contribui, além disso, para a semantização do monumento-sinal. Com efeito, é cada vez mais pela mediação de sua imagem, por sua circulação e difusão, na imprensa, na televisão e no cinema, que esses sinais se dirigem às sociedades contemporâneas. Eles só se constituem signo

[170] ARGAN, Giulio Carlo. *Op. Cit.*, p. 243.

> quando metamorfoseados em imagens, em réplicas sem peso, nas quais se acumula seu valor simbólico assim dissociado de seu valor utilitário[171].

Pelo que foi notado, em Jacobina o papel assumido pela fotografia nesta semantização dos monumentos foi também fundamental. Através de seus usos, a fotografia despertou à atenção dos seus contemporâneos para os monumentos da cidade e legou às gerações vindouras as imagens-sinais daqueles signos arquitetônicos.

Os usos e funções da fotografia na época foram além dos registros de vistas urbanas e monumentos. Na década de 50, Osmar Micucci contribuía para o desenvolvimento do fotojornalismo na cidade. É o que se observa com a cobertura fotográfica da visita do presidente Juscelino Kubitschek a Jacobina. Um grande número de políticos de diversas localidades da micro-região e parte da população local foram ver de perto o chefe supremo da nação e sua grande comitiva que a bordo de vários aviões pousaram no aeroporto local. Pelo que se verá, a fotografia cumpriu também com a função de *monumentalizar* eventos históricos na cidade.

JK em Jacobina: imagens desvendando histórias

Philippe Dubois, ao chamar a atenção para os limites da referência na imagem fotográfica, diz que "a foto não explica, não interpreta, não comenta. É muda e nua, plana e fosca". O observador da fotografia vê nela apenas "signos que são semanticamente vazios" [172]. Compete ao analista de imagens interpretar estes signos como mensagens e informações. A operação de análise do artefato fotográfico é como uma atividade de desvendamento de mistério. A imagem é por natureza enigmática, e cabe ao historiador buscar, através dela, outras histórias por trás dos seus sinais. Ocorre que no cruzamento de suas mensagens com as de outras mídias, como os jornais, por exemplo, chega-se por vezes a lugares diferentes. Foi o que algumas fotografias da visita do presidente Juscelino

---

[171] CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. Tradução Luciano Vieira Machado. 3 ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006, p. 22.

[172] DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1993, p. 84.

Kubitschek à Jacobina revelaram neste estudo, onde após longas investigações nos jornais da época pôde ser confrontado com as imagens do evento.

Juscelino Kubitscheck simbolizou para o Brasil daqueles anos 50 o arauto do desenvolvimentismo. Sua figura ficou marcada como a imagem do homem ação. Sua presença em Jacobina foi interpretada pela população como símbolo da fase áurea vivida pela cidade. Para a historiadora Vânia Maria Losada Moreira, JK "foi, dentre todos os presidentes eleitos da experiência democrática dos anos 1946-1964, aquele que mais se destacou como homem público de ação"[173]. Governando dentro dos limites constitucionais, ele realizou uma série de obras e reformas dentro do país em um governo que, segundo a autora, se resumia com as idéias de *movimento, ação e desenvolvimento.* Apesar de centralizar as atenções na sua obra síntese, que era a construção de Brasília, o presidente fez uma série de viagens pelo nordeste do país entre os anos de 1957 e 1958, quando a região atravessava mais uma das suas secas assoladoras. JK colocou o Nordeste na sua agenda procurando promover um projeto desenvolvimentista para a região, que acabou culminando na criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), em 1959.

Em Jacobina, o jornal *Vanguarda* foi um grande defensor do governo JK. Por diversas vezes o periódico publicou textos enaltecedores da figura do presidente como grande administrador e de suas obras de governo, a exemplo da construção de Brasília[174]. Em uma das colunas assinadas pelo pseudônimo *Braz Cubas*[175] tem-se uma idéia do tom eufórico da linha editorial do jornal.

> Quando imagino o que será o Brasil de amanhã, com a Capital no centro do país, forçando abertura de estradas para a periferia, formando um leque de artérias por onde correrá o sangue da terra, produzindo a riqueza da Nação, tenho ímpeto e anseios de sair pelo Brasil afora gritando Aleluias em todos os ouvidos brasileiros, pela glória da terra que se vai levantar deixando de ser

---

[173] MOREIRA, Vânia Maria Losada. "Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural". In: DELGADO, Lucilia de Almeida N. e FERREIRA, Jorge (orgs.). *O tempo da experiência democrática*: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 157.

[174] Jornais *Vanguarda,* nº 446, de 31 de maio de 1958, p.1. (*Homenageado o Presidente da* República); nº 449, de 21 de junho de 1958, p.1. (*O Caminho do Oeste*), e, nº 464, de 05 de outubro de 1958, p.1 (*Cresce Vertiginosamente a População de Brasília*).

[175] Brás Cubas foi um personagem de Machado de Assis que valorizava e criticava a república brasileira em seus primeiros anos, período de Floriano Peixoto, quando foi preso por aqueles que defendiam.

> "gigante deitado" para ser gigante "erguido altivamente em gesto esplêndido"[176].

Enquanto no cenário político nacional o *Vanguarda,* em vários momentos, aplaudiu o governo JK, no cenário local fazia uma tímida oposição ao deputado Rocha Pires, na época líder do Partido Republicano da cidade. Esta interpretação se deve porque aos discursos feitos a respeito do citado deputado, que são geralmente dúbios, muitas vezes se usava um colunista com pseudônimo para lhes fazer críticas. Isso traduz, em parte, tanto a timidez política do *Vanguarda* quanto o perfil autoritário de Rocha Pires na cidade, exatamente num período em que a liberdade de expressão da imprensa nacional era a marca do mandato do presidente JK. Por ser um jornal atrelado a uma facção política na cidade, ele fazia efusivos elogios ao jovem Edvaldo Valois Coutinho, presidente do PSD local, e posteriormente deputado.

A passagem do presidente Juscelino Kubitschek por Jacobina, em 1957, foi certamente o maior evento que Osmar Micucci cobriu naqueles primeiros anos como fotógrafo de reportagem. O jovem de dezenove anos teve, pela primeira vez, a oportunidade de aprimorar as habilidades de repórter fotográfico e justamente com a visita de um presidente em exercício. Foi a primeira e única vez que um evento daquela natureza ocorreu em Jacobina. Micucci contou que, sendo ainda estudante, teve que faltar ao ginásio naquele dia para acompanhar toda a recepção do presidente e sua comitiva no aeroporto, que seria inaugurado pela ocasião da chegada de JK à cidade.

> Primeiro eu deixei de ir até para o Ginásio. Eu fazia o curso ginasial. Então percorri todos os locais que ele percorreu, um dos mais distantes foi a inauguração da energia elétrica [...] lá tinha dois grandes motores, e fotografei a saída dele e passei nos dias seguintes na casa do deputado Rocha Pires, em pé em uma caixa vendendo as fotografias da chegada de JK em Jacobina[177].

É de se imaginar o clima de agitação ocasionado no cotidiano da pequena cidade diante de tal evento. Pela primeira vez, um presidente e uma grande comitiva visitavam a região, tendo chegado em vários aviões, cortando o tranqüilo céu da cidade e pousando no aeroporto local. Segundo informações dos jornais *A Tarde* e *Vanguarda,* JK e grande comitiva formada por ministro, senador, deputados, engenheiros e técnicos, chegaram ao aeroporto da cidade às 12:15h na quarta-feira

[176] Jornal *Vanguarda,* nº 405, de 17 de agosto de 1957, p.2. (*Instantâneos LVI*).

[177] Entrevista com Osmar Micucci de Figueiredo em 18 de novembro de 2005.

de 6 de novembro de 1957[178]. Lá foram recebidos pelo deputado Rocha Pires e o prefeito Orlando Oliveira Pires. Após inaugurarem o aeroporto partiram para o centro da cidade, onde o presidente discursou para o público que o aguardava na Praça Rio Branco.

Enquanto o jornal *A Tarde* arrastou por várias edições as críticas sobre a ausência do governador Antônio Balbino na recepção ao presidente em Jacobina, o *Vanguarda* direcionou suas críticas ao deputado Rocha Pires, atentando para o fato da pouca presença de pessoas no evento, para o aspecto improvisado da ornamentação na cidade, que recebia os "ilustres visitantes", e para a comprovação da ausência de influência política do deputado na visita do presidente[179]. Os jornais noticiaram a vinda do presidente e aproveitaram para fazer oposição aos dirigentes políticos locais.

Após os discursos, todos almoçaram na sede da Sociedade Filarmônica 2 de Janeiro e depois inauguraram as instalações de uma usina termoelétrica na cidade. No início da tarde, o presidente e sua comitiva decolaram para o Estado do Pará, onde prosseguiriam com a sua caravana pelo Nordeste.

(22) JK e sua comitiva em pose para fotografia oficial no aeroporto de Jacobina. 1957. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativo 6x9 cm).

[178] Jornal *Vanguarda,* nº 417, de 9 de novembro de 1957, p.1. (*A Visita do Presidente da República a Jacobina)*; Jornal *A Tarde* de 6 de novembro de 1957. (*Hoje, em Jacobina, o presidente da República*).

[179] Jornal *Vanguarda,* nº 418, de 16 de novembro de 1957, p.2. (*Fatos e Coisas da Política).*

Existem entre os negativos de Osmar Micucci algumas imagens de pessoas que estiveram no campo de pouso do aeroporto da cidade. Pelo visto, a visita do presidente rendeu clientes para o fotógrafo não só no meio político. O jovem Micucci, que já dominava os segredos do laboratório fotográfico, em poucos dias disponibilizou suas imagens para vender aos dirigentes políticos e população local, ávida por possuir uma lembrança do dia da visita de JK a Jacobina.

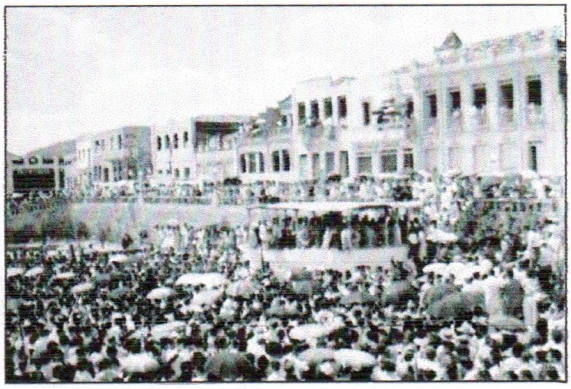
(23) A população aproveitou a oportunidade para guardar uma lembrança fotográfica do dia do presidente na cidade. 1957. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativo 6x6cm).

Conforme diz Jeziel de Paula: "As pistas e vestígios encontrados nas fotografias, bem mais do que fornecer respostas, sugerem perguntas e formulam conjecturas, levando a uma (re)exploração de outras fontes historiográficas[180]". Alguns negativos encontrados despertaram curiosidades por causa de pequenos detalhes existentes nas imagens, chamando a atenção para certos aspectos pontuais daquele evento na cidade. Esses detalhes nas fotografias funcionaram como pistas que levaram a perceber a existência de certos episódios ocultos na memória oficial da cidade. Parafraseando o que disse Carlo Guinzburg com relação ao método indiciário por ele sugerido, pode-se crer que se a imagem parece ser opaca, existem zonas privilegiadas que permitem decifrá-la, levando-se a perceber o que está além do horizonte da própria imagem[181].

---

[180] DE PAULA, Jeziel. *1932:* imagens construindo a história. Campinas/Piracicaba: Editora da UNICAMP/Editora UNIMEP, 1998, p. 31.

[181] GUINZBURG, Carlo. "Sinais: raízes de um paradigma indiciário". In: *Mitos, emblemas, sinais:* morfologia e história. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp. 143-179.



(24-25) Praça Rio Branco durante a presença do presidente Jucelino Kubitschek. Fotos: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativos 6x9cm).

(26) JK discursando em palanque na Praça Rio Branco. 1957. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativo 6x9cm).

As fotografias produzidas por Osmar Micucci daquele comício na Praça Rio Branco não foram veiculadas no jornal local e nem em outros da época. Percebe-se que, ao contrário do que menciona o jornal *Vanguarda*, as imagens de Micucci demonstram uma grande multidão presente na cidade para assistir ao comício de perto as falas do presidente. Pelo enquadramento das suas fotos é possível enxergar a praça totalmente preenchida de pessoas. Pelo visto, aquelas fotografias colaboraram para fazer do evento uma festa mais brilhante do que poderia ter sido, ou do que os jornais *Vanguarda* e *A Tarde* mencionaram.

Observa-se em uma fotografia (Imagem 25), onde o presidente discursa em palanque armado, que uma pessoa da multidão no canto esquerdo porta uma

bandeirola com o nome de *Jango*. Pelo que se nota, a segunda pessoa da direita para a esquerda no palanque também segura uma daquelas bandeirolas, como foi identificado em outras fotografias do mesmo dia. João Goulart, então vice de Juscelino, que embora anteriormente tenha sido divulgado pelo *Vanguarda* como participante desta comitiva, por motivos que não foi possível descobrir, não chegou a acompanhar o presidente a Jacobina. No entanto, foi possível descobrir que Jango não era benquisto por muitos políticos na região, afinal era o "comunista" temido pelas oligarquias que apoiavam o governo de JK na cidade. Por sua vez, nota-se que as presenças de partidários seus ocuparam importante espaço na cena política daquele evento, com destaque para a deputada federal baiana Nita Costa, que pronunciou efusivo discurso conforme noticiou o *Vanguarda*[182]. Pelo visto o nome de João Goulart estava bem trabalhado na visita de JK embora nenhum dos jornais abordasse o fato.

Em Jacobina, o que se conhece por *janguismo* esteve muito vinculado à figura do advogado Ivanilton Costa Santos. Segundo informe do jornal *Vanguarda* ele havia instalado seu escritório de advocacia na cidade em 1957. Associado pelas oligarquias locais como homem vinculado ao comunismo, com sua imagem dinâmica, ao contrário, atraiu adeptos entre várias pessoas na cidade, inclusive jovens estudantes motivados pela idéia de mudança nas estruturas do poder local. É o que sugere o relato de uma atual liderança política de esquerda na cidade que na época foi aluno de Ivanilton no ginásio:

> (...) O valor que teve Ivanilton em minha opinião foi de chacoalhar uma estrutura que vinha desde os anos vinte, se não me falha a memória, com os Pires e os Morais. Então aquela coisa das famílias estava enraizada. Eu entendo que o Ivanilton teve essa vantagem (...)[183]

Em 1962, a oposição local ao Deputado Rocha Pires lançou o nome de Ivanilton Santos para as eleições municipais e, mesmo após o festejado mandato de Florivaldo Barberino, ele conseguiu grande votação nas urnas, perdendo para o medico Ângelo Brandão, candidato lançado pelo deputado Rocha Pires, por apenas 43 votos. Segundo alguns depoimentos, Ângelo Brandão exerceu o mandato sob uma forte suspeita de fraude nas urnas, não conseguindo emplacar seu nome de

---

[182] Jornal *Vanguarda,* n.º 418, de 16 de novembro de 1957, p.2. (*Fatos e coisas da política*).

[183] Entrevista com José Lages em 19 de abril de 2007.

maneira expressiva na política local. Pela postura vacilante, seu nome figura entre diversas anedotas da política local. É o que aborda, por exemplo, o advogado e ex-prefeito Fernando Daltro com referência ao golpe de 31 de março de 1964:

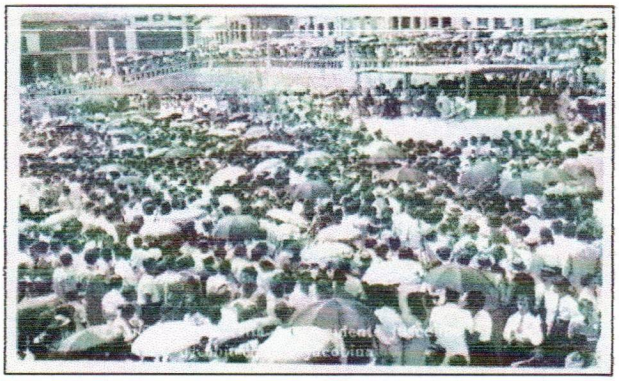
> (...) nós tínhamos um serviço de auto- falante que divulgava as noticias por toda a cidade. Às oito horas do dia da revolução, oito horas da manhã, o prefeito Ângelo Brandão passou um telegrama para o presidente da república, dizendo que Jacobina hipotecava através deste toda a solidariedade porque estava do lado da legalidade, e não poderia concordar com aquilo. Quando a revolução foi vitoriosa, ele passou um telegrama ao comando revolucionário, dizendo que Jacobina estava do lado da revolução porque realmente aquele regime não poderia continuar (...)[184]

Com a implantação do regime militar, Ivanilton Santos foi perseguido politicamente e preso sob denúncia de vinculação ao comunismo. Depois da prisão ele foi forçado a sair da cidade. Pelo que se percebe, aquele registro fotográfico da visita de JK em Jacobina é um indicativo de pistas que levam a uma história da presença de forças esquerdistas na cidade, ocultadas pelas versões veiculadas pela imprensa.

(27) O prefeito Orlando Pires e o presidente Juscelino Kubitschek cortando faixa de inauguração de obra. 1957. Foto: Autor não identificado. Acervo Memória Fotográfica de Jacobina. (Cópia digitalizada).

[184] Entrevista com Fernando Mário Pires Daltro em 15 de dezembro de 2005.

Em uma imagem daquele dia, ainda sem a devida identificação quanto a sua autoria, o fotógrafo registrou o momento oficial de inauguração da usina termoelétrica da cidade, quando o presidente JK corta a faixa, tendo ao lado o prefeito Orlando Oliveira Pires. Esta foi uma das poucas fotografias, até então encontradas, onde se vê lado a lado aqueles que segundo o *Vanguarda* eram os dois grandes administradores públicos da época. Uma imagem simbólica, oficial, e bastante difundida na cidade até os dias de hoje como memória de uma fase de glória política. Não foi encontrada nenhuma informação que comprove a atuação de Aurelino Guedes na passagem de JK por Jacobina. No entanto, pelas evidências da presença deste fotógrafo na cidade durante aquele período e por seu perfil de repórter fotográfico sempre presente nos grandes eventos públicos, tudo leva a crer que ele também produziu fotografias naquele dia. Em outra imagem, recentemente encontrada, observa-se nela a presença da legenda de lembrança da visita do presidente à Jacobina. Esta característica, da fotografia como *souvenir,* foi uma marca constante na obra de Aurelino Guedes. Partindo deste pressuposto, poderia se imaginar que aquela fotografia oficial seria uma das imagens de sua autoria?



(28) Lembrança da visita do presidente Juscelino Kubitschek a Jacobina. Autor não identificado. Acervo Memória Fotográfica de Jacobina. (Cópia digitalizada).

As imagens oficiais possuem normalmente uma característica de exaltação do governante. Orlando Oliveira Pires, administrador festejado, não ficou tão presente na memória fotográfica da cidade como o seu sucessor Florivaldo Barberino. Percebendo o poder da fotografia para a construção de sua imagem, o prefeito fez, extensivamente, o uso deste veículo de comunicação como seu instrumento privilegiado de propaganda política.

O olhar oficial de Osmar Micucci

As imagens são instrumentos eficazes na comunicação do governante e úteis na construção da sua auto-imagem. Foi o que demonstrou Peter Burke em seu famoso estudo sobre a fabricação do Rei Luís XIV. Utilizando uma vasta documentação imagética, como pinturas, esculturas, desenhos, moedas, adereços, etc., acerca da figura do rei; e de variados documentos confidenciais - de cartas pessoais a minutas de reuniões de comitês - que lhe possibilitou perceber detalhes das "intenções e dos métodos dos fabricantes da imagem do rei através de diferentes meios de comunicação"[185], Peter Burke buscou compreender os mecanismos de construção da imagem pública do governante e o lugar ocupado por ele na imaginação coletiva. Ele demonstrou como os instrumentos de propaganda política foram fundamentais para imortalizar a imagem do governante.

O que se verá a seguir, em Jacobina, foi como o prefeito Florivaldo Barberino procurou garantir e preservar sua imagem através do uso específico da fotografia. Durante toda sua administração (1959-1963), o fotógrafo Osmar Micucci lhe prestou serviços como fotógrafo oficial, documentando tudo o que lhe era interessante. Micucci chegou a trabalhar para várias administrações durante o período em que morou em Jacobina, mas perguntado a ele qual teria sido aquela para a qual ele mais fotografou, acreditou ter sido a de Florivaldo Barberino. Segundo o fotógrafo, isso não se deveu ao fato de ser afilhado do prefeito, o que certamente contribuiu,

> (...) mas o trabalho com ele foi até com mais amor do que comercial, porque além de ser parente ele tinha muito bom gosto em mostrar o que era e o que ficou. Então eu acredito, não tenho assim plena certeza, foi quando eu mais fotografei, numa gestão de quatro anos, porque ele queria documentar tudo aquilo que fez[186].

Semelhante à atitude do prefeito Pereira Passos, no Rio de Janeiro, que era sempre acompanhado oficialmente do fotógrafo Augusto Malta, pelo que se percebe nas imagens de Florivaldo Barberino durante sua administração, Osmar Micucci também acompanhou passo a passo as obras promovidas e inauguradas pelo prefeito na cidade.

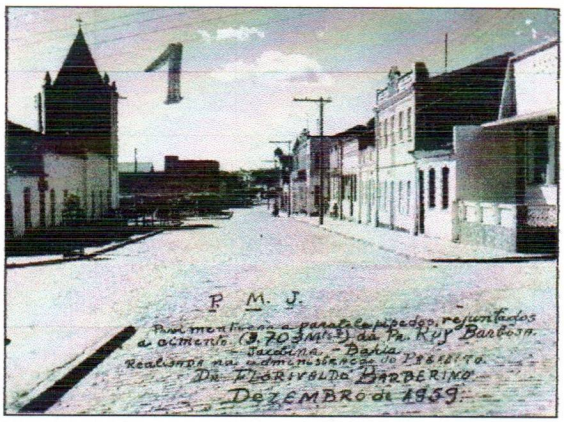
---

[185] BURKE, Peter. *A Fabricação do Rei:* a construção da imagem pública de Luís XIV. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, p.14.

[186] Entrevista com o fotógrafo realizada em 18 de novembro de 2005.

Florivaldo Barberino assumiu o posto de prefeito após derrotar o candidato Ubaldino Mesquita Passos nas eleições de 1958. Contando com o apoio do deputado Francisco Rocha Pires ele chegou ao poder substituindo o prefeito Orlando Oliveira Pires, cujo mandato teve ampla aprovação popular na época. As obras realizadas por Orlando Pires foram, do ponto de vista urbano, estruturantes para a expansão da cidade. Ele contou com o aparato propagandístico do jornal *Vanguarda* que a ele não poupou elogios.

A administração de Florivaldo Barberino, sem contar com o apoio da imprensa local na propaganda de sua imagem, buscou outros meios de garantir sua auto-promoção. Durante toda a campanha, o *Vanguarda* esteve ligado ao candidato derrotado, além do que o jornal tinha como novo sócio-proprietário o recém-eleito deputado da oposição Edvaldo Valois Coutinho. No entanto, ficaram evidentes que as fotografias produzidas por Osmar Micucci para a documentação das obras realizadas pela prefeitura tinham a finalidade de cumprir o importante papel de propaganda oficial de governo. Ao contratar os serviços de um profissional da área fotográfica para documentar as obras no município, o prefeito Florivaldo Barberino estava preocupado com a formação de uma memória do seu mandato pautada na idéia do trabalho. Na administração de Barberino, a fotografia cumpriu uma função que na anterior foi tarefa da imprensa escrita.



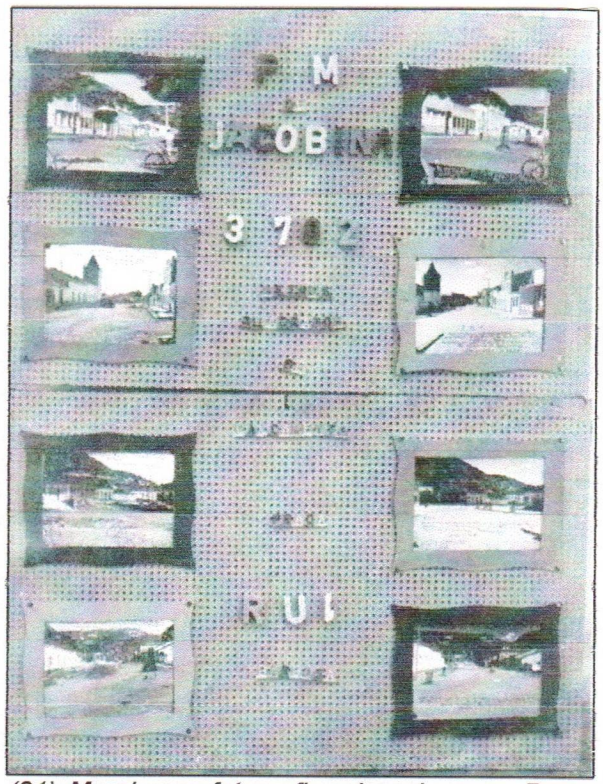
(29-30) Registros do acompanhamento de obras na Praça Rui Barbosa. 1959. Fotos: Osmar Micucci Acervo particular da Família Barberino.

Existem, no acervo particular de fotografias do prefeito, textos-legendas adicionados, informando as ações promovidas por sua administração na cidade e em todo o município. A presença dos textos provoca uma condução no olhar do observador. Naquelas fotografias o conteúdo existe na relação intrínseca entre imagem e texto, o

que constitui no que o historiador de arte Peter Wagner chamou de "iconotexto"[187]. Sendo assim não foram analisados apenas seus componentes imagéticos, *registrados pelo olhar do fotógrafo, mas também as informações que o prefeito quis* relacionar a eles.

O uso de textos-legendas nas fotografias também foi feito por Augusto Malta nos serviços prestados para a prefeitura do Rio de Janeiro. Porém, naquele caso, era o próprio fotógrafo quem fazia as inscrições, primeiro nas cópias positivas, depois já nos negativos em chapas de vidro. A atitude era no sentido de também conduzir o olhar do observador para a imagem e fazer com que a mensagem fosse dirigida objetivamente. Não era para restar dúvidas quando ele, por exemplo, inseria a legenda "está pedindo picareta!" referindo-se às residências que deveriam ser indenizadas para a grande reforma urbana empreendida pelo prefeito Pereira Passos.

A administração de Florivaldo Barberino contratou o fotógrafo Osmar Micucci e se apropriou das suas imagens no uso da propaganda do governo. No caso das fotografias da Praça Rui Barbosa, Micucci fez dois registros do mesmo ângulo em momentos diferentes da obra e a administração colocou as legendas nas imagens indicando os detalhes dos serviços desenvolvidos no local (Imagens 28 e 29). Depois dos trabalhos concluídos, a prefeitura prestava contas exibindo as fotografias em mural.



(31) Mural com fotografias das obras na Praça Rui Barbosa. 1959. Fotos: Osmar Micucci Acervo particular da Família Barberino.

Um detalhe que chama a atenção nas fotografias da administração é o fato de

[187] WAGNER, Peter. *Reading Iconotexts:* From Swift to the Freench Revolution. London: Reaktion Books, 1995. In: BURKE, Peter. *Testemunha ocular:* história e imagem. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica: Daniel Aarão Reis Filho. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p.49.

que elas foram agrupadas ao longo dos quatro anos de mandato na seqüência mensal das atividades na cidade. O fio condutor da narrativa da coleção fotográfica é a presença permanente das ações do prefeito na cidade. Do início ao final do mandato, existem registros fotográficos dos locais de serviços e das inaugurações, transmitindo uma mensagem visual da cidade como um canteiro de obras promovidas por Florivaldo Barberino. Decerto era assim que o prefeito quis eternizar seu nome na memória coletiva da cidade e a fotografia servia como prova inconteste da existência dos fatos.

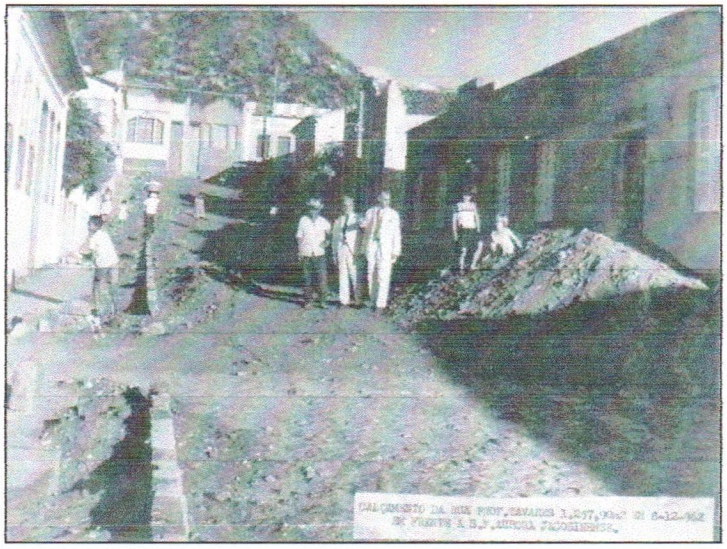
Ao privilegiar as imagens com cenas de construções, onde em muitos momentos o prefeito procurava estar presente, ou então nas inaugurações de obras realizadas, as fotografias lhe serviram na formação de uma memória oficial onde o que prevalecia era a ação. Florivaldo Barberino precisava competir com a imagem do prefeito dinâmico, criada pelo *Vanguarda* e por muitos contemporâneos para o nome de Orlando Pires, sob o risco de ficar ofuscado na memória dos habitantes da cidade. Existia uma intenção de auto-promoção de sua imagem pessoal para a posteridade, e aí mais uma vez a fotografia lhe servia como guardiã desta memória oficial. Daí porque o historiador Jeziel de Paula afirma não ser correto pensar apenas o fotógrafo como uma espécie de narrador visual de seu tempo. Para ele,

(32) Prefeito fazendo a primeira ligação no Serviço Telefônico de Jacobina. 1960. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular da Família Barberino.

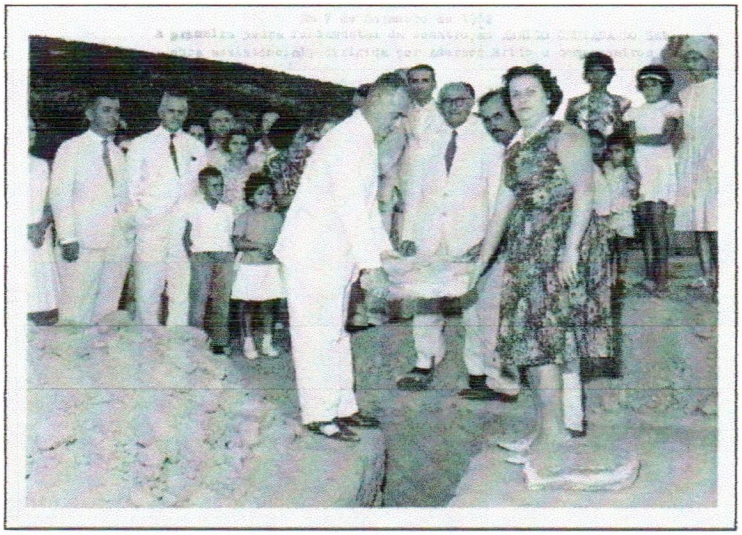
> A interferência conotativa na imagem não é exclusiva do operador da câmara prevalecendo apenas seu ponto de vista. Vários outros sujeitos atuam de forma concomitante na operação, e a subjetividade ideológica do fotógrafo não é o único elemento que compõe o universo da imagem fotográfica, mas um entre vários. Esses sujeitos podem exercer influências com igual peso e simultaneamente entre si. No caso de fotografias onde entra o elemento humano, também e preciso considerar a visão do próprio fotografado, que pode estar exprimindo, de forma consciente ou não, seus anseios e sua auto-imagem idealizada[188].

[188] DE PAULA, Jeziel. *Op. Cit.*, pp. 36-37.

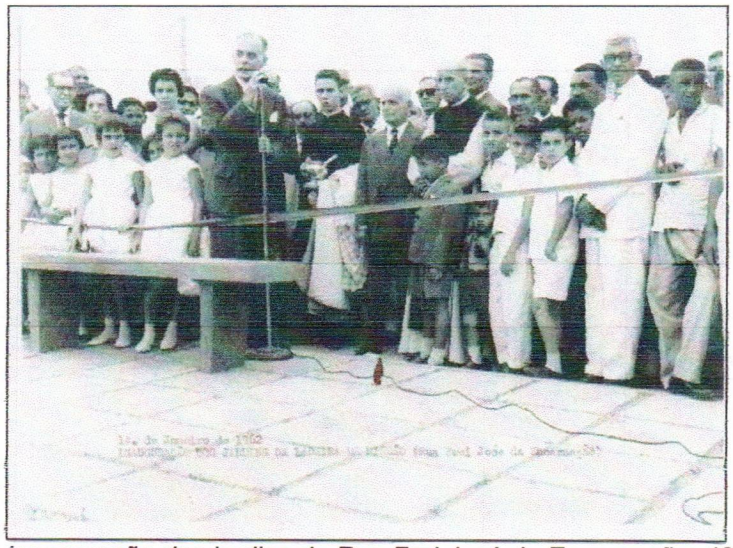
Diferente da linguagem escrita do jornal, que era seletiva e elitista, a fotografia, cuja mensagem era mais direta, atingiu por sua vez o enorme público de populares na cidade.



(33) Prefeito e secretário acompanhando o calçamento da Rua Prof. Tavares. 1962. Foto: Osmar Micucci. (Acervo particular da Família Barberino).



(34) Prefeito e esposa inauguram pedra fundamental da construção do Abrigo Cruzada do Bem. 1962. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular da Família Barberino.



(35) Prefeito em inauguração dos jardins da Rua Frei José da Encarnação. 1962. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular da Família Barberino.

Nas fotografias onde se encontra o prefeito em Jacobina, geralmente estava também o seu pai, Amado Barberino, secretário da sua administração. Ele era um eminente fazendeiro e antigo comerciante ligado às velhas elites do poder na cidade. Homem afeito ao universo das letras, foi o fundador da primeira imprensa escrita em Jacobina, com o jornal *A primavera,* em 1916. Como já demonstrado, ele também manteve por longas datas uma estreita ligação através de correspondências com o historiador Afonso Costa, quando este residia no Rio de Janeiro. Amado Barberino nutria uma enorme admiração intelectual pelo amigo, o que deixa bem nítido nas suas cartas e também em algumas atitudes. Após o falecimento do escritor, sua família doou o acervo da biblioteca particular para o município de Jacobina. Estando à frente da secretaria da prefeitura, Amado Barberino rendeu uma homenagem ao amigo, solicitando do prefeito que denominasse a biblioteca municipal como "Afonso Costa". Entre efusivas palavras, ele diz que "É justa, pois, esta pálida homenagem que o Poder Executivo irmanado com o Legislativo prestam àquele que viveu e morreu amando com desvêlo e carinho a terra extremecida do seu berço idolatrado"[189]. Através de Amado Barberino, as idéias defendidas por Afonso Costa, como a da importância de uma biblioteca municipal, tiveram eco na cidade durante a administração do seu filho.

Nas fotografias oficiais, o prefeito procurava preservar também uma imagem de liderança carismática e popular. Pode-se relacionar tal prática com a utilizada pelas

[189] Jornal *Vanguarda,* nº 505, de 15 de junho de 1960, p.1. (*Denominar-se-á "Afonso Costa" Biblioteca Municipal*).

principais lideranças políticas daquele contexto nacional, como Getúlio Vargas, JK, Adhemar de Barros ou Jânio Quadros. Os dois últimos, por sinal, estiveram em Jacobina durante o seu mandato. Em fotografias com fortes apelos simbólicos ao seu personalismo, o prefeito Florivaldo Barberino procurava estar sempre ao lado do povo ou promovendo ações assistencialistas nas ruas.

(36) Prefeito e populares posam para foto em frente ao cruzeiro de concreto iluminado no alto da serra. 1962. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular da Família Barberino.

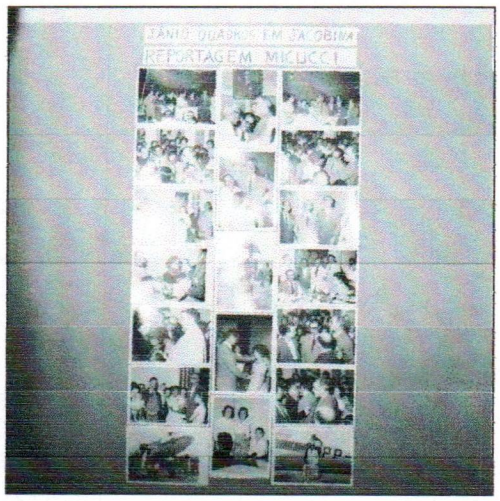
(37) O prefeito, a esposa e o pai na oferta de uma ceia pública a 398 trabalhadores da prefeitura em plena praça. 1962. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular da Família Barberino.

(38) "Distribuição de gêneros da comissão central coordenadora, pela comissão municipal de Jacobina. Fevereiro de 1962". Foto: Osmar Micucci. Acervo particular da Família Barberino.

Fazendo eco ao período de Orlando Pires, durante o mandato do prefeito Florivaldo Barberino ele recebeu as visitas de importantes personalidades políticas do cenário nacional e baiano. Sempre acompanhado do fotógrafo Micucci ele deixou registradas aquelas cenas políticas na cidade. Entre fotografias de seus álbuns particulares e nos negativos de Osmar Micucci, foram encontradas aquelas que talvez tenham sido as duas visitas políticas mais significativas ocorridas naqueles anos: a de Jânio Quadros, em 1960, e a de Juracy Magalhães junto com o ministro Juarez Távora, em 1961.

Em 1960, o grupo político do qual o prefeito fazia parte, liderado pelo deputado Rocha Pires em parceria com Manoel Novais, apoiou a candidatura de Jânio Quadros à presidência da república. O Partido Republicano, de Manoel Novais, que esteve ao lado do governo de JK, diante da candidatura do Marechal Henrique Teixeira Lott, decidiu pelo apoio à UDN, com Jânio Quadros. A UDN baiana, inclusive, tinha fortes chances de lançar Juracy Magalhães como candidato a presidente, no entanto ele foi derrotado por Jânio Quadros na convenção do partido. Jânio era figura carismática e durante sua campanha soube usar muito bem este recurso para angariar o voto popular. Precisando garantir maior espaço político na Bahia, durante sua campanha no Estado o candidato esteve em Jacobina em setembro daquele ano, onde, como parte do *Movimento Popular Jânio Quadros,* fez um comício, entre outras atividades e dormiu uma noite na cidade.

Osmar Micucci documentou a presença de Jânio Quadros em Jacobina através de algumas imagens emblemáticas, onde o candidato aparece sempre cercado de políticos e populares, marca registrada da sua campanha. Existe uma em especial, onde o então secretário da prefeitura, Amado Barberino, carrega um guarda-chuva em sinal de proteção do futuro presidente Jânio Quadros do provável sol escaldante da cidade. Pela composição jocosa da imagem, ela lembra, muito rapidamente, uma famosa fotografia de Erno Schneider, publicada no Jornal do Brasil, em 1961, onde o já presidente aparece com seu "passo torto", tendo ao fundo, alguns militares. As fotografias que Micucci fez daquele evento não chegaram a ser veiculadas em nenhuma imprensa da época; no entanto, algumas delas foram divulgadas na cidade através de um painel produzido por ele. Aqui é uma evidência de como o fotógrafo se interessava pela publicização de sua obra como repórter fotográfico.

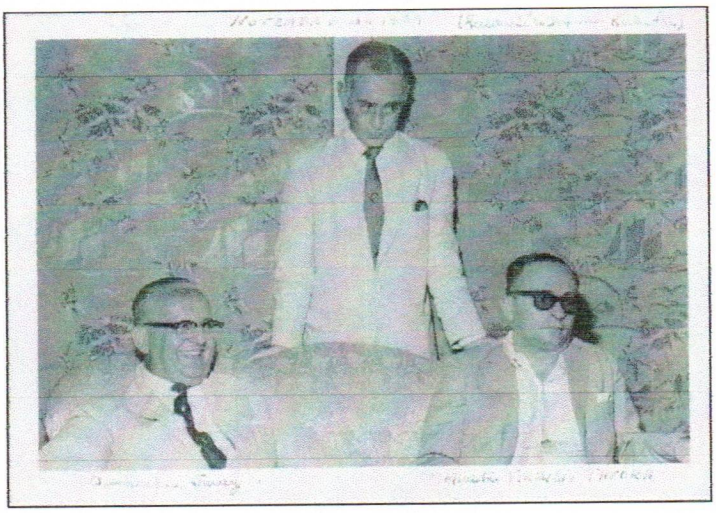


(39-44) Jânio Quadro em Jacobina. 1960. Fotos: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativos 6x6cm).

Em novembro de 1961, o grupo político do prefeito recebeu a visita do governador, General Juracy Magalhães, e do ministro da viação, Coronel Virgílio Távora. Juracy Magalhães, como Manoel Novais, sempre esteve ligado à Jacobina, através do deputado Francisco Rocha Pires. Quando fora indicado intendente da Bahia, em 1930, Juracy buscou estabelecer vínculos com as lideranças coronelísticas do interior, o que ocorreu em Jacobina com Rocha Pires. Em foto oficial no aeroporto está lá o governador, os deputados Manoel Novais e Francisco Rocha Pires, o prefeito, diretores de órgãos públicos federais e estaduais e demais pessoas aguardando a chegada do ministro.

Em outra imagem fotográfica, desta vez na residência do deputado Rocha Pires, encontra-se em pé o prefeito Florivaldo, entre Juracy Magalhães e Virgílio Távora sentados em um sofá. O ministro Távora era um militar do Estado do Ceará. Político conservador, sempre esteve ligado à UDN, tendo exercido entre 1957-1959 a vice-presidência do partido; em 1959 defendeu a candidatura de Jânio Quadros dentro da convenção. Durante o governo parlamentarista de Jango, ele assumiu, sob indicação da UDN, o ministério de Viação e Obras Públicas, em 1961. A imagem é também emblemática, pois enquadra o prefeito ao lado das duas lideranças nacionais da época, denotando sinal de prestígio político.

(45) Juracy Magalhães, Manoel Novais e políticos locais aguardam o ministro Juarez Távora no aeroporto de Jacobina. 1961. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular da Família Barberino.



(46) Florivaldo Barberino, Juracy Magalhães e Juarez Távora. 1961. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular da Família Barberino.

Ao longo do seu mandato, o prefeito Florivaldo Barberino realizou diversas obras de terraplanagens, pavimentação de ruas, construções e reformas de praças, sempre em busca de dotar a cidade de uma estética moderna. Esta preocupação também o levou a promover uma reforma na iluminação pública das principais praças e ruas do centro da cidade. Procurando destacar este aspecto, Osmar Micucci produziu, em 1962, uma inédita fotografia da vista noturna, entre a Rua Senador Pedro Lago e a Praça Rio Branco com sua nova iluminação fluorescente. Na legenda da fotografia, usada na propaganda do governo, estão às inscrições do modelo de lâmpada usada naquela e em outras praças centrais da cidade.

Percebe-se que na cena noturna capturada pelo fotógrafo não aparece nenhuma figura humana. Qual teria sido o motivo? Seria pela inexistência de pessoas

transitando no local ou talvez uma escolha na composição da imagem? Em suas reminiscências Micucci arrisca ter sido a primeira opção. A fotografia apresenta no canto esquerdo um carro estacionado e em linha diagonal uma fileira de postes com suas luzes artificiais espectrais, sugerindo um clima *noir* para pequena cidade sertaneja. A atitude de Micucci em Jacobina remete ao que fez Brassäi ao fotografar Paris e suas luzes noturnas nos anos trinta. O fotógrafo francês, ao lançar seu livro *Paris à noite,* revelou naquelas imagens a poesia das ruas e dos lampadários da chamada "cidade luz". Aquele foi um período em que, segundo Jean-Claude Lemagny, "se desenvolve uma nova poética da cidade como cenário mágico para o pedestre sonhador"[190]. No projeto de cidade moderna, o ato de *flanar* à noite pelas ruas iluminadas era um imperativo de civilidade. A imagem fotográfica foi usada como instrumento de propaganda destes novos tempos em Jacobina.

(47) Vista noturna entre a Rua Senador Pedro Lago e Praça Rio Branco. 1962. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular da Família Barberino.

Entre as obras mais cobradas da administração de Barberino para a cidade estavam o mercado municipal e o matadouro. Considerando como condição básica para uma cidade civilizada, a existência de pavimentação, água encanada, esgoto, mercado e matadouro públicos, o *Vanguarda* aponta ainda que "Jacobina já conta, felizmente, com alguns dêsses melhoramentos, entretanto, ainda não possui, um mercado e um

---

190 LAMAGNY, Jean-Claude. "Metamorfoses dos olhares fotográficos sobre a cidade".in: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História do Departamento da História da PUC-SP. São Paulo: EDUC, 1981, p. 15.

matadouro públicos, indispensáveis à sua atual fase de progresso"[191]. Ao final daquele mandato, o matadouro foi inaugurado e o mercado ficou com suas obras adiantadas (*Imagens 20 e 21 dos anexos*).

Muito mais do que esclarecer, a fotografia também sugere dúvidas. Nem sempre o aparente no plano da imagem é o que demonstra ser. A manipulação da mensagem está presente em todo o processo de produção da fotografia, do momento do "clic" ao consumo. A operação fotográfica trabalha com seleções, cortes, montagens, de forma que cabe ao operador demonstrar o que merece ser visto e o que deve ser escondido. É o que se percebe em algumas imagens oficiais do encerramento do mandato de Barberino.

A administração de Barberino encerrou seus últimos dias com uma série de inaugurações de obras. Nas fotografias oficiais, a mensagem visual é sempre a da ação administrativa. Para não deixar dúvidas quanto à popularidade do prefeito, Osmar Micucci, fazendo uso de uma técnica onde ampliava dois negativos em um único papel, produziu uma fotografia com dupla imagem onde a intencionalidade parecia a de transmitir a idéia do prefeito das multidões. Nela se vê, na parte superior da fotografia, o prefeito discursando ao lado do grupo político e, abaixo, enorme número de pessoas na indicada inauguração do matadouro municipal, em 31 de março de 1963. No entanto, conforme sugere a imagem, parece que o prefeito não estava falando para uma grande multidão, pois não se nota o uso de microfone e nem gestos que denotem falar em alto tom, como normalmente se vê nas imagens desta natureza. Restam, portanto, dúvidas: qual a dimensão real daquela multidão? E realmente estaria aquela específica multidão no evento citado?

---

[191] Jornal *Vanguarda,* nº 506, de 10 de julho de 1960, p.1. (*Dependem Autorização da Câmara de Vereadores: Mercado e Matadouro*).

(48) Inauguração do matadouro municipal. 1963. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular da Família Barberino.

Naquela noite, em palanque armado da prefeitura, nota-se em outra fotografia o prefeito discursando ao lado do grupo político. A composição da imagem foi centralizada no palanque, permitindo que se avistem, na parte inferior, algumas pessoas, sem com isso saber qual a extensão daquela multidão de ouvintes. Aquele evento, pelo visto, marcou oficialmente o encerramento da sua gestão. Na legenda, os indicativos das obras inauguradas no dia: "matadouro, calçamentos, jardins, fontes luminosas, chafarizes e ampliação da rede abast. d´água, alargamento de ponte, prédios escolares, parques infantis, estradas".

(49) Comício de inaugurações de obras no encerramento do mandato. 1963. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular da Família Barberino.

Tudo indica que o prefeito quis sair do governo perpetuando historicamente na memória local uma imagem pública do administrador das grandes realizações. Pelo visto, a fotografia lhe foi bastante útil nesta tarefa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> Ao nos ensinar um novo código visual, as fotos modificam e ampliam nossas idéias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos direito de observar[192].

Susan Sontag chama a atenção para um aspecto importante na imagem fotográfica: o da codificação visual. O status de veracidade e credibilidade conferido a ela nos primeiros tempos provocou nos homens a impressão de que tudo que existia era para ser fotografado. A enorme gama de imagens criada ao longo da história da fotografia contribuiu decisivamente na construção das memórias individuais e coletivas, como no caso das cidades. Desde quando os primeiros fotógrafos direcionaram suas câmaras para a paisagem urbana, deixando como herança um rico inventário de imagens, hoje não conseguimos imaginá-la sem o seu auxílio. Todavia os aspectos gravados na memória fotográfica nos permitem enxergar apenas a realidade construída na sua trama interna[193]. As cidades apresentadas pelas fotografias constituem o resultado final da rede de relações entre os fotógrafos, os referentes, seus repertórios culturais e ideologias. Acredita-se que ir além da imagética da fotografia possibilita ao pesquisador ter acesso a outras realidades por trás do ato fotográfico[194].

Esta dissertação teve como propósito inserir a fotografia e o fotógrafo como temas dos estudos históricos sobre a Bahia. Nela se procurou abordar a importância da imagem fotográfica e dos seus construtores na investigação histórica sobre a experiência urbana no interior do Estado. Jacobina é uma cidade onde a presença fotográfica se fez desde o final do século XIX, existindo ali um rico material pronto para ser analisado por pesquisadores de diversas áreas.

---

[192] SONTAG, Susan. *Sobre fotografia.* Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Cia. das Letras, 2004, p. 13.

[193] KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica.* 3 ed. Ateliê Editorial: São Paulo, 2002.

[194] A este respeito ver alguns autores que trabalham com a semiótica da imagem: DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1993, e CARDOSO, Ciro F. e MAUAD, Ana Maria. "História e Imagem: Os exemplos da Fotografia e do Cinema". In: CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo (orgs). *Domínios da História:* Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, pp. 401-416.

A fotografia vem sendo bastante utilizada como fonte privilegiada em outros Estados do Brasil, onde as obras de fotógrafos têm merecido a atenção dos pesquisadores em São Paulo, a exemplo da obra de Militão Augusto de Azevedo[195]; no Rio de Janeiro, com Augusto Malta[196]; e na Paraíba, com Walfredo Rodríguez[197], para citar apenas alguns exemplos. Na Bahia, o uso da fotografia como fonte privilegiada ainda é bastante incipiente nos estudos históricos. As contribuições que a Faculdade de Comunicação da UFBA vem fazendo sobre o estatuto da fotografia enquanto mídia comunicativa são interessantes, no entanto, para a pesquisa histórica, além do caráter estético, a fotografia reserva para o pesquisador as potencialidades e limites de uma documentação de primeira grandeza.

Neste trabalho, o fotógrafo foi visto como um espectador privilegiado das cidades. Apontando o caso específico de Osmar Micucci como testemunha ocular da história em Jacobina, sua obra se revelou uma importante referência para pensar a experiência urbana no interior do Estado, ou seja, analisar no caso o contexto das transformações na fisionomia urbana e cultural da cidade, entre os anos de 1955 a 1963. Sua obra é extensa e ampla. Abordando temas que vão desde o retrato social, passando por eventos familiares, reportagens de rua, vistas da cidade até a fotografia documental de administrações, ele descortinou através de suas lentes quase quatro décadas de história em Jacobina. O olhar direcionado para a cidade, em muitos aspectos, seguiu caminhos contrários ao tom ufanista, geralmente dedicado a ela pela pequena elite letrada da época, pois puderam ser observadas atitudes que sugerem pontos de vista relacionados com as questões culturais da população local. Atento ao novo e ao velho na cidade, Micucci deixou registradas importantes pistas que levam a perceber tanto seu olhar sobre esses aspectos citados quanto para referências a momentos-chaves do contexto local, além de ir também em busca de temas latentes da história baiana, nacional e mundial.

---

[195] LIMA, Solange Ferraz de e CARVALHO, Vânia Carneiro de. "Representações urbanas: Militão Augusto de Azevedo e a memória visual da cidade de São Paulo". In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Fotografia*. Nº 27. São Paulo: IPHAN, 1998, pp. 110-123.

[196] GRALHA, Fernando. "Augusto Malta e o olhar oficial: fotografia, cotidiano e memória no Rio de Janeiro – 1903/1936". In: Revista História, imagem e narrativas. Nº 2, ano I, abril/2006. Disponível em: www.simonsen.br/novo/revistadigital/augustomalta.pdf. Acessado em 7/6/20006.

[197] KOURY, Mauro G. P. *Provar o espaço: fotografia e cidade através das lentes e das crônicas de Walfredo Rodríguez*. João Pessoa: Política & Trabalho 12, 1996, pp. 139-148. Disponível em: http://www.geocities.com/ptreview/12-koury.html. Acessado em 19/06/2007.

Este estudo tem um caráter bastante significativo para os conhecimentos acerca do interior baiano, onde ainda existem enormes lacunas, sobretudo sobre a experiência urbana das suas antigas cidades de médio e pequeno porte. Através deste estudo visual da cidade de Jacobina foi possível perceber ali a existência de um clima modernizante em sintonia com as experiências da capital do Estado, do Brasil ou de cidades-modelos, como Paris. Contando com a presença do rádio, do jornal, da revista ilustrada, da fotografia, do cinema, as distâncias espaciais e culturais eram encurtadas, possibilitando à população local ter acesso ao universo cultural dos grandes centros urbanos, com quem buscava se identificar através das práticas culturais.

Jacobina procurava encontrar, desde o início do século vinte, o caminho para a modernização do seu espaço urbano e dos hábitos culturais. Algumas tentativas foram empreendidas já na década de 1930, com a implantação do Código de Posturas, de 1933, definindo condutas e práticas para a população no seu centro urbano. Alguns empreendimentos técnicos e culturais, e as realizações de obras públicas na cidade, contribuíram para que aquela população acreditasse na inserção da cidade na tão desejada modernidade. A presença do transporte ferroviário, o desenvolvimento da imprensa escrita, a presença do cinema na vida cultural, a existência de estúdio fotográfico, a implantação da escola pública, e de outros incrementos, foram vistos pela população como sintomas da fase civilizatória reinante. O ápice deste clima se configurou na década de 50, onde uma conjunção de fatores contribuiu para que a cidade passasse por grandes transformações na sua fisionomia urbana e cultural. Alguns destes fatores se devem ao crescimento econômico do município, sobretudo nas áreas de agricultura, pecuária, mineração e o desenvolvimento de serviços, como do ensino público ginasial e mais um conjunto de obras promovidas pelas administrações de Orlando Oliveira Pires e Florivaldo Barberino. Outros fatores também foram às ligações políticas entre o deputado estadual Francisco Rocha Pires com o deputado federal Manoel Novais, que levaram as indicações de obras públicas para a cidade via recursos do governo federal. Outro aspecto importante foi a forte presença do clima desenvolvimentista do governo de Juscelino Kubitschek na cidade, principalmente com a surpreendente visita do presidente, em 1957, para inaugurações de obras do governo federal. A

passagem do presidente JK inscreveu no imaginário social a evidência de que a cidade vivia seus dias de glória.

Para a realização desta pesquisa o acesso às fontes merece algumas considerações. A escassez de maior documentação do período no Arquivo Municipal, bem como em outros arquivos públicos, dificultou o avanço em alguns momentos da pesquisa, ainda mais pela exigüidade de tempo para recolher mais fontes, em domínio de algumas famílias locais estarem atualmente espalhadas em várias cidades do país. Ainda que uma parte da documentação fotográfica trabalhada neste estudo já estivesse sendo coletada dentro do projeto *A memória fotográfica de Jacobina*, foi somente no decurso desta pesquisa que se pôde ampliar os horizontes das informações sobre ela. No entanto, dado a pouca existência de acervos particulares de fotografias, preservados por alguns fotógrafos e familiares, ainda assim foi fundamental para o acesso às principais fontes em formato de negativos. Estes acervos reservam grandes riquezas para os pesquisadores que trabalham com fontes iconográficas. Merecem destaque os acervos dos fotógrafos Osmar Micucci e Lindenício Ribeiro.

O arquivo de Osmar Micucci foi o mais importante para esta pesquisa. Com muito zelo, ao longo de toda sua profissão, ele veio organizando o acervo estimado em cerca de 80.000 negativos, desde sua inserção na área no início da carreira, na década de 50, até os anos 80, quando partiu com sua família para Salvador. Atualmente, estimulado por esta pesquisa, ele retornou ao seu arquivo revendo as imagens e organizando minuciosamente seus negativos em envelopes cuidadosamente confeccionados por ele. Foi surpreendente notar no fotógrafo a permanência da paixão pela fotografia depois de mais de 50 anos de profissão. No seu rico arquivo, também foi encontrado parte de acervo do seu pai, Carolino Figueredo Filho, que fotografou a cidade e região entre os anos 30 e 40, e de outros fotógrafos, como Rosendo Borges, Aurelino Guedes e Juventino Rodrigues.

O arquivo de Lindenício Ribeiro também foi significativo para esta pesquisa. Nele foram encontrados diversos negativos de seu tio, Juventino Rodrigues, um dos mais influentes fotógrafos da cidade que atuou entre os anos 30 a 70, e de Aurelino Guedes, outro eminente fotógrafo que prestou muitos serviços dentro e fora da cidade. Ainda em fase de organização, no acervo do fotógrafo Lindenício Ribeiro,

que iniciou sua profissão nos 60, existe um importante inventário visual da cidade no período mais recente da sua história.

As demais fontes impressas e manuscritas foram encontradas em alguns acervos privados ou em domínio de particulares. As famílias mais antigas e abastadas da cidade preservam uma rica documentação da cidade, que poderia ser utilizada por pesquisadores de áreas diversas caso estes acervos fossem disponibilizados para consultas. Um desses acervos, e o mais consultado por esta pesquisa, foi o da família Barberino, que já se encontrava em posse do Núcleo de Estudos Orais e Iconográficos, da UNEB, para os trabalhos de digitalização. Nele foram encontrados vários exemplares de jornais que circularam na cidade em diversas épocas, álbuns de fotografias da família e da administração de Florivaldo Barberino, correspondências de Amado Barberino, que apresentam tanto aspectos da cidade quanto do envio de fotografias e documentos para o conterrâneo Afonso Costa, no Rio de Janeiro.

Optando pelas recentes noções do conceito de patrimônio, as fotografias de Osmar Micucci e dos outros espectadores locais foram compreendidas como um legítimo patrimônio histórico e cultural da cidade. Aqui no Brasil, quando a fotografia foi tema da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1998, ficou claro o uso, e a importância que diversos pesquisadores vinham dando a este artefato artístico da era industrial. Na seleção dos trabalhos, os organizadores tiveram como propósito compreender as relações, direta e indireta, entre fotografia e patrimônio;

> fotografia, objeto de coleção e objeto de história; fotografia e representações simbólicas da cidade, da nação, do trabalho, da religiosidade; fotografia e identificação/ pesquisa/ preservação/ valorização do patrimônio histórico, artístico e natural; fotografia e criação cultural, especialmente no Brasil (poesia, artes plásticas, música, artesanato popular)[198].

Em Jacobina, foi possível perceber algumas destas relações apontadas nesta pesquisa. Além de um valioso recurso da memória, a fotografia cumpriu também diversas outras funções naquela sociedade. Conforme abordado nos três capítulos, a fotografia foi importante como "objeto de coleção", principalmente através dos acervos particulares de famílias, e também "objeto de história", como demonstrado através dos seus usos no estudo de Afonso Costa, em 1916; na administração

[198] TURAZZI, Maria Inez. "Uma cultura fotográfica – introdução" in: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Op. Cit.*, p.7.

municipal e também como fonte para esta dissertação. Por outro lado, as fotografias dos principais espectadores fotográficos foram responsáveis pela constituição de um padrão visual da cidade, notadamente moderno e higienizado, simbolizado através de imagens dos locais que serviram de referências para a cidade, sendo difundidas e veiculadas em diferentes formatos e suportes, tanto localmente quanto externamente. A pesquisa também demonstrou como a fotografia serviu para evidenciar a arquitetura local, pública e privada, em momentos de edificação, apogeu e/ou decadência.

Além dos aspectos contributivos já apontados sobre este trabalho, ele também poderá servir de embrião para novos estudos. A seleção iconográfica adquirida na garimpagem dos arquivos constitui documentação importante para que outros pesquisadores possam extrair dela outras respostas para suas inquietações, ou quem sabe, ampliar o painel de dúvidas. Fica, portanto, o desejo que novos caminhos possam ser trilhados para um maior conhecimento da História de Jacobina ou, quem sabe, da fotografia na Bahia. Oxalá isso possa acontecer!

REFERÊNCIAS

1. FONTES

Iconográficas

- Acervo do Centro Cultural Edmundo Isidoro dos Santos (PMJ)
- Acervo do Centro Cultural Luis Eduardo Magalhães (PMJ)
- Acervo Memória Fotográfica de Jacobina (NECC/UNEB)
- Acervo do Núcleo de Estudos Orais, Memória e Iconografia (NEO/UNEB)
- Acervo particular da Família Barberino
- Acervo particular da Família Guerra
- Acervo particular da Família Guerra
- Acervo particular da Família Lages
- Acervo particular de Lindenício Ribeiro
- Acervo particular de Osmar Micucci

Orais

- Osmar Micucci Figueiredo – Nascido em Djalma Dutra (atual Miguel Calmon) atuou como fotógrafo em Jacobina entre as décadas de 50 a 80. Atualmente reside em Salvador. Entrevistas realizadas em 23/11/2004, 13/04/2005, 18/11/2005.
- Lindenício Félix Ribeiro - Nascido na zona rural em Piritiba atua como fotógrafo em Jacobina desde a década de 60. Entrevistas realizadas em 7/10/2004, 22/09/2005 e 21/07/2006.

- Amado Honorato de Oliveira – Nascido em Jacobina, foi músico e trabalhou na prefeitura desde 1954. Faleceu em 2005. Entrevista realizada em 30/11/2004.

- Cirilo Rosa – Nascido em Itiúba atuou como fotógrafo em Jacobina entre as décadas de 60 a 80. Atualmente aposentado reside em Jacobina. Entrevista realizada em 05/05/2005.

- Fernando Mário Pires Daltro – Nascido em Jacobina, advogado, político, foi diretor do Ginásio Estadual Deocleciano Barbosa de Castro nos anos 50, eleito vereador em 1959 e prefeito em 1970 em Jacobina. Atualmente exerce a profissão de advogado em Salvador. Entrevista realizada em 14/12/2005.

- Edna Daltro – Nascida em Salvador, residiu em Jacobina entre as décadas de 50 a 70, atuando como professora. Esposa de Fernando Daltro, atualmente reside em Salvador. Entrevista realizada em 20/12/2005.

- Ameriza Carvalho Reis – Nascida na zona rural em Jacobina mora na cidade desde a década de 40. Seu esposo era proprietário de farmácia que vendia produtos fotográficos. Atualmente viúva e aposentada reside em Jacobina. Entrevista realizada em 20/02/2006.

- José Coutinho Silva – Nascido em Jacobina, advogado, estudou na cidade até o ginasial. Atualmente exerce a profissão de advogado em Jacobina. Entrevista realizada em 26/05/2006.

- José Lages Mota – Nascido na zona rural em Jacobina, ex-bancário, sindicalista e político, concorreu por três eleições à prefeitura em Jacobina pelo Partido dos Trabalhadores. Atualmente é agricultor e sindicalista em Jacobina. Entrevista realizada em 19/04/2007.

- Flávio Antônio de Mesquita Alves – Nascido em Campo Formoso, médico, político, foi eleito prefeito em 1978. Atualmente exerce a profissão em Jacobina. Entrevista realizada em 25/11/2005.

Manuscritas

- Anotações técnicas e escritos de Osmar Micucci.

- Correspondências entre Amado Barberino e Afonso Costa.
- Texto datilografado "Ligeiro Histórico das Igrejas de Jacobina" de Amado Barberino.

Impressas

- Jornal Correio de Jacobina, de 1921.
- Jornal O Lidador, de 1933 a 1940.
- Jornal Vanguarda, de 1955 a 1960.
- Jornal A Tarde, de novembro 1957.

Arquivo Municipal de Jacobina

- Resolução nº 8 de 7/10/1915 das Leis e Resoluções do Conselho Municipal. Ano – 1908 a 1915. Arquivo Municipal de Jacobina.
- Código de Posturas de Jacobina, 30/12/1933.

Livros, artigos e ensaios

- COSTA, Afonso. *200 anos depois (a então vila de Jacobina).* In: Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. N.º 48, 1923.
- COSTA, Afonso. *Minha terra (Jacobina de antanho e de agora).* In: Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia. Vol. II, 1916, pp. 235-319.
- GAMA e ABREU, Edith Mendes da. *Afonso Costa.* In: Revista do Instituto Genealógico da Bahia. Ano X, n.º 10. Salvador, 1958, pp. 4-19.
- Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 2 e 3 de janeiro de 1956. in: Revista do Instituto Genealógico da Bahia. Ano X, n.º 10. Salvador, 1958, pp. 24-27.
- LEMOS, Doracy Araújo. *Jacobina, sua história e sua gente.* Jacobina, 1995.
- SILVA, Alcira Pereira Carvalho. *50 anos depois.* Salvador, 1984.

- WILLEKE, O. F. M. Venâncio, *Missões franciscanas no Brasil.* Petrópolis, 1978.

2. MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES

ALMEIDA, Gilberto Wildberger de. *Política e Mídia na Bahia:* a trajetória de Antônio Carlos Magalhães. Faculdade de Comunicação. UFBA: Salvador, 1999. (tese de doutorado).

AQUINO, Ivanilton de Araújo. *Histórias de um "velho cão".* Licenciatura em História. UNEB: Jacobina, 2001. (monografia de graduação).

BORGES, Eduardo José dos Santos. *"Modernidade negociada", cinema, autonomia política e vanguarda cultural no contexto do desenvolvimentismo baiano (1956-1964).* Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. UFBA: Salvador, 2003. (dissertação de mestrado).

CARVALHO, Maria do Socorro Silva. *Imagens de um tempo em movimento*: Cinema e Cultura na Bahia nos anos JK (1956-1961). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. UFBA: Salvador, 1992. (dissertação de mestrado).

CARVALHO, Telma Campanha de. *Fotografia e cidade:* São Paulo na década de 1930. PUC: São Paulo, 1999. (dissertação de mestrado).

FONSECA, Antônio Ângelo Martins da. *Poder, crise regional e novas estratégias de desenvolvimento local:* o caso de Jacobina/Bahia. Faculdade de Arquitetura. UFBA: Salvador, 1995. (dissertação de mestrado).

JESUS, Zeneide Rios de. *Eldorado sertanejo:* Garimpos e garimpeiros nas serras de Jacobina (1930-1940). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. UFBA, 2005. (dissertação de mestrado).

LEITE, Rinaldo César Nascimento. *E a Bahia Civiliza-se...* ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana. Salvador, 1912-1916. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. UFBA: Salvador, 1996. (dissertação de mestrado).

SANTOS, Vanicléia Silva. *Sons, danças e ritmos:* A Micareta em Jacobina-Ba (1920-1950). PUC: São Paulo, 2001. (dissertação de mestrado em História).

SILVA, Neemias Oliveira da. *O "vivo demônio" e o cotidiano:* Jacobina em tempos de cinema – 1950-1960. Licenciatura em História. UNEB: Jacobina, 2002. (monografia de graduação).

SOUSA, Ione Celeste Jesus de. *Garotas tricolores, deusas fardadas:* as normalistas em Feira de Santana 1925 a 1945, Bahia. PUC: São Paulo, 1999. (dissertação de mestrado em História)

THIELEN, Eduardo Vilela. *Imagens da saúde do Brasil:* a fotografia na institucionalização da saúde pública. PUC: São Paulo, 1992. (dissertação de mestrado em História).

3. REVISTAS E JORNAIS

BARRETO, Maria Cristina Rocha. "Breve leitura da idéia de progresso através das fotografias da Cidade da Parahyba". In: *Par'a'iwa*: revista dos pós-graduandos de sociologia da UFPB. Número zero. João Pessoa: dezembro de 2000. Disponível em: < http://www.cchla.ufpb.br/paraiwa/index00.html > Acessado em 19/06/2007.

Cadernos de Antropologia e Imagem. Vol 10. nº 1. Rio de Janeiro: UERJ, NAI, 1995.

GAMA e ABREU, Edith Mendes da. *Afonso Costa*. In: Revista do Instituto Genealógico da Bahia. Ano X, n.º 10. Salvador, 1958.

GRALHA, Fernando. "Augusto Malta e o olhar oficial: fotografia, cotidiano e memória no Rio de Janeiro – 1903/1936". In: Revista História, imagem e narrativas. Nº 2, ano I, abril/2006. Disponível em: < www.simonsen.br/novo/revistadigital/augustomalta.pdf >. Acessado em 7/6/20006.

KOURY, Mauro G. P. Provar o espaço: fotografia e cidade através das lentes e das crônicas de Walfredo Rodríguez. *João Pessoa: Política & Trabalho 12, 1996, pp. 139-148. Disponível em:* < http://www.geocities.com/ptreview/12-koury.html >. *Acessado em 19/06/2007.*

LAMAGNY, Jean-Claude. "Metamorfoses dos olhares fotográficos sobre a cidade".in: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História do Departamento da História da PUC-SP. São Paulo: EDUC, 1981.

LIMA, Solange Ferraz de. "Espaços Projetados: As representações da cidade de São Paulo nos álbuns fotográficos do início do século". In: Acervo: Revista do Arquivo Nacional. Vol. 6, n. 1-2, (jan./dez. 1993). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1993.

OLIVEIRA, Valter G. S. de. "JK em Jacobina: fotografia e histórias". In: *Primeira Página.* Jacobina, 18/3/2006, p.2.

OLIVEIRA, Valter G. S. de. "O dia em que JK esteve em Jacobina". In: *Primeira Página.* Jacobina, 4/2/2006, p.2.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. "Muito além do espaço: Por uma história cultural do urbano". In: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.8, n.16, 1995, pp. 279-290.

Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Fotografia.* Nº 27. São Paulo: IPHAN, 1998.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. "Comunicação, mídia e cultura" in: Bahia Análise & Dados. *Leituras da Bahia I.* Salvador, Vol. 9, n.º 4, março 2000.

SILVA, Joseli Maria. "Cultura e territotalidades urbanas: uma abordagem da pequena cidade". In: Revista de História Regional. Vol 5. n. 2, 2000. Disponível em: < http://www.uepg.br/rhr/v5n2/joseli.htm >.Acesso em 05/10/2003.

VELHO, Gilberto. "Estilo de vida urbano e modernidade". In: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.8, n.16, 1995, pp. 227-234.

4. BIBLIOGRAFIA

ABREU, J. Capistrano de. *Capítulos de história colonial.* 6 ed. Revisado, anotado e prefaciado por José Honório Rodrigues. Rio de Janeiro, Briguiet, 1976.

ALVES, Aristides (Coord.) *A fotografia na Bahia (1839-2006).* Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo; Funcultura; Asa Foto, 2006.

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil.* 3. ed. Belo Horizonte : Itatiaia/Edusp, 1982. (Coleção Reconquista do Brasil).

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade.* Tradução Píer Luigi Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ATGET, Eugène. Photo Poche. Centre National de la Photographie Paris, 1984.

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara.* Tradução Manoela Torres. Lisboa: Edições 70, 1981.

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*: o pintor da vida moderna. Organizador Teixeira Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BAUDRILLARD, Jean. *A arte da desaparição.* Tradução Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ N-Imagem, 1997.

BENJAMIN, Walter. "Pequena História da Fotografia". In: *Obras escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política.* Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Brasiliense: São Paulo, 1985.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo.* Tradução José Carlos Martins Barbosa e Hermerson Alves Baptista. Obras escolhidas vol. III. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BERMANN, Marshall. *Tudo o que é sólido se dissolve no ar:* a aventura da modernidade. Tradução Ana Tello. Lisboa: Edições 70, 1982.

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna:* Representação da História em Walter Benjamin. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & Fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BRANDÃO, Maria de Azevedo e CARDOSO, Suzana Alice M (orgs.). *Jacobina:* passado e futuro. Jacobina (BA): ACIJA, 1993.

BRESCIANI, Maria Stella (org.) *Palavras da cidade.* Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2001.

BURKE, Peter (org.) *A escrita da história:* novas perpectivas. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

BURKE, Peter. *A Fabricação do rei:* a construção da imagem pública de Luís XIV. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da historiografia:* a Escola dos Annales, 1929-1989. Tradução Nilo Odália. São Paulo:Editora UNESP, 1991.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular:* história e imagem. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica: Daniel Aarão Reis Filho. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo (orgs). *Domínios da História:* ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, pp. 401-416.

CERTEAU, Michel de et alii. *A invenção do cotidiano*: 2. morar, cozinhar. Tradução Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio.* Tradução Luciano Vieira Machado. 3 ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

CIAVATTA, Maria e ALVES, Nilda (orgs.). *A leitura de imagens na pesquisa social:* História, Comunicação e Educação. São Paulo: Cortez, 2004.

CIAVATTA, Maria. *O mundo do trabalho em imagens:* a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

COSTA, Helouise e RODRIGUES, Renato. *A fotografia moderna no Brasil.* Rio de Janeiro: UFRJ Editor/ Funarte/IPHAN.

DE PAULA, Jeziel. *1932:* imagens construindo a história. Campinas/Piracicaba: Editora da UNICAMP/Editora UNIMEP, 1998.

DELGADO, Lucilia de Almeida N. e FERREIRA, Jorge (orgs.). *O tempo da experiência democrática*: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios.* Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1993.

FABRIS, Annateresa (org). *Fotografia:* usos e funções no século XIX. São Paulo: Edusp, 1998.

FABRIS, Annateresa. *Fragmentos Urbanos:* representações culturais. São Paulo: Studio Nobel, 2000.

FABRIS, Annateresa. *Identidades virtuais*: uma leitura do retrato fotográfico. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

FERRARA, Lucrécia D´Alessio. *Os significados urbanos.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2000.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta:* ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Tradução do autor. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. *"Fazendo fita":* cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930. Salvador: EDUFBA, 2002.

GINZBURG, Carlo. *Emblemas, Sinais e Mitos:* Morfologia e História. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GRANGEIRO, Cândido Domingues. *As artes de um negócio:* a febre photographica: São Paulo 1862-1886. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2000.

KOSSOY, Boris. *Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro:* Fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910). São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ática. 1989.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica.* 3 ed. Ateliê Editorial: São Paulo, 2002.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (org.) *Imagem e memória:* ensaios em Antropologia visual. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

LE GOFF, Jacques (org.) *A História Nova*. Tradução Eduardo Brandão. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LE GOFF, Jacques. *História e memória.* Tradução Suzana Ferreira Borges [et. al.]. 4 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família*: leitura da fotografia histórica. 2 ed. revisada. São Paulo: Edusp, 2000.

LIMA, Rogério e FERNANDES, Ronaldo Costa (orgs.) *O imaginário da cidade.* Brasília: Editora da Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

LIMA, Solange Ferraz de e CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Fotografia e cidade*: da razão urbana à lógica do consumo: álbuns da cidade de São Paulo, 1887-1954. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1997.

LIRA, Bertrand de Souza. *Fotografia na Paraíba:* um inventário dos fotógrafos através do retrato (1850-1950). João Pessoa: Editora Universitária, 1997.

MACIEL, Laura Antunes. *A nação por um fio.* Caminhos, práticas e imagens da "Comissão Rondon". São Paulo: EDUC, 1998.

MAGALHÃES. Angela e PEREGRINO, Nadja Fonsêca. *Fotografia no Brasil:* um olhar das origens ao contemporâneo. Rio de Janeiro: Funarte, 2004.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*: uma história de amor e ódio. Tradução Rubens Figueiredo et alii. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MAUAD, Ana Maria e CARDOSO, Ciro Flamarion. "História e Imagem: Os exemplos da fotografia e do cinema". In. CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo

(orgs). *Domínios da História:* ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

MONDENARD, Anne de. "A Emergência de um Novo Olhar Sobre a Cidade: As Fotografias Urbanas de 1870 a 1918". In: Projeto História: Revista do programa de estudos pós-graduados em história da PUC_SP. São Paulo: Educ, 1981.

MORIN, Edgar. *As estrelas:* mito e sedução no cinema. Tradução Luciano Trigo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

Museum Ludwig Cologne. *20th Century Photography.* Taschen, 1996.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As muitas faces da história.* Nove entrevistas. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy (coord.). *O espetáculo da rua.* 2 ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da cidade:* visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas.* Organização Raúl Antelo.São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SAMAIN, Etienne (org.). *O fotográfico.* São Paulo: Hucitec, 1998.

SAMPAIO, Alan e OLIVEIRA, Valter de (orgs.). *Arte e cidade*: imagens de Jacobina. Salvador: EDUNEB, 2006.

SILVA, Zélia Lopes da (org.). *Arquivos, patrimônio e memória*: trajetórias e perpectivas. São Paulo: Editora UNESP: FAPESP, 1999.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia.* Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. 10 ed. São Paulo: Editora UNESP: Salvador, BA: EDUFBA, 2001.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. Tradução Rosaura Eichemberg. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998.

TURAZZI, Maria Inez. *Marc Ferrez*. Espaços da arte brasileira. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2000.

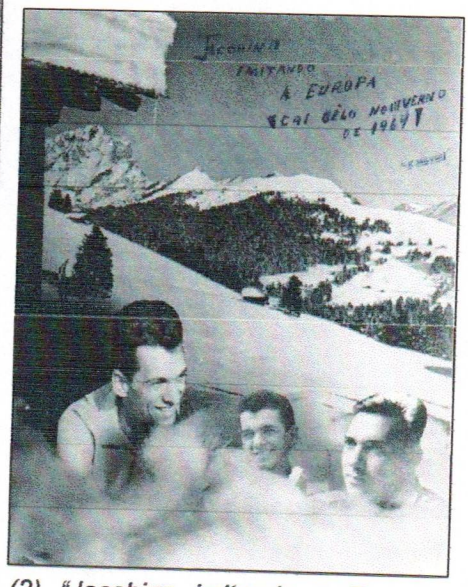
VARNHAGEN, Franscisco Adolfo de. *História Geral do Brasil*. 6 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1956.

VERGER, Pierre. *Retratos da Bahia*. 1946 a 1952. Salvador, BA: Corrupio, 1980.

ANEXOS

Profissão: fotógrafo

(1) Osmar Micucci (último no canto direito) entre fotógrafos em Salvador.. Década de 1960. Foto: autor não identificado. Acervo particular do fotógrafo.

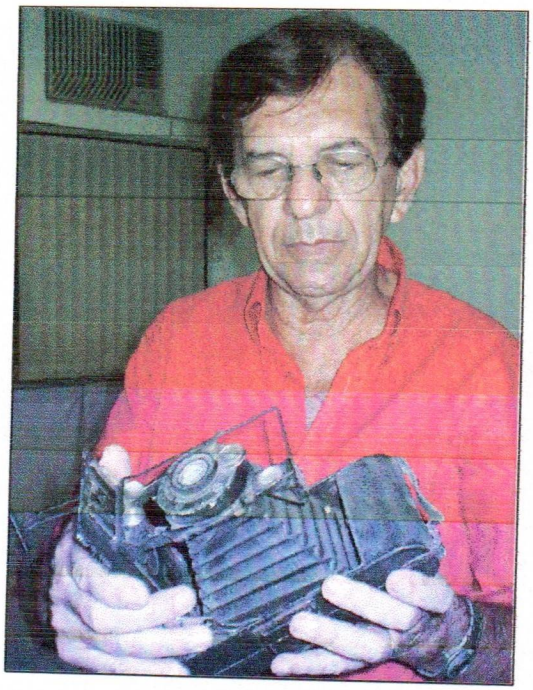


(2) "Jacobina imitando a Europa. Cai gêlo no inverno de 1964".

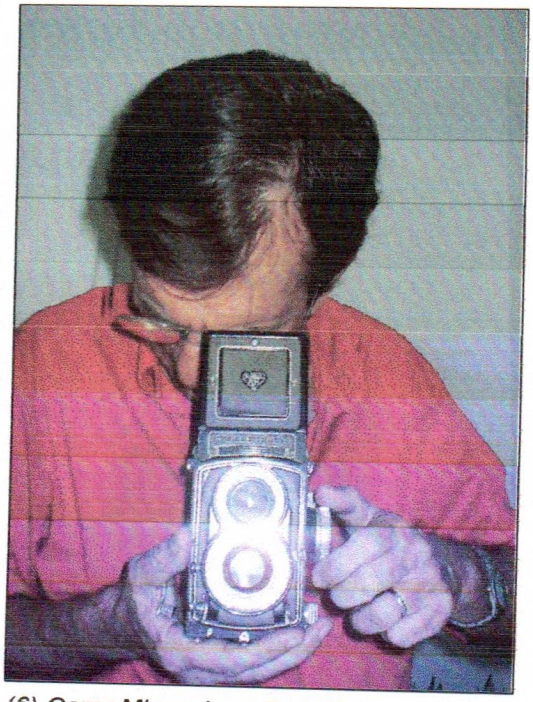
Fotomontagem de Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo.

(3) Osmar Micucci na micareta de 1966. Foto: autor não identificado. Acervo particular do fotógrafo.

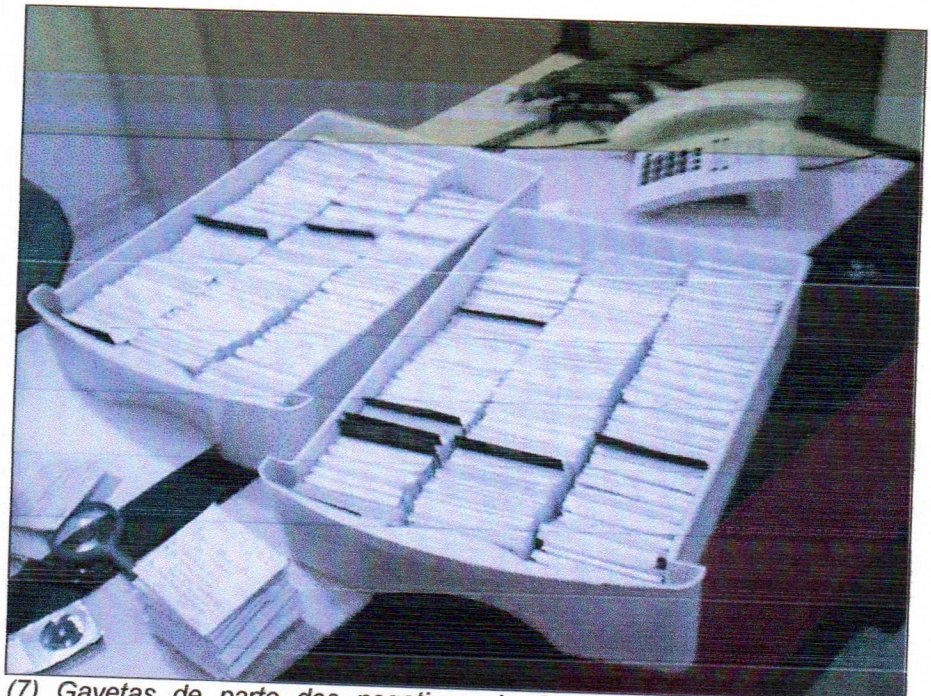
(4) Um dos mostruários onde Micucci exibia suas fotos sociais. 1959. Foto: osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo (negativo 6x6cm).



(5) Osmr Micucci e a câmera Zaiss Icon com a qual seu pai Carolino Filho trabalhou em Jacobina. 2006. Foto: Valter de Oliveira



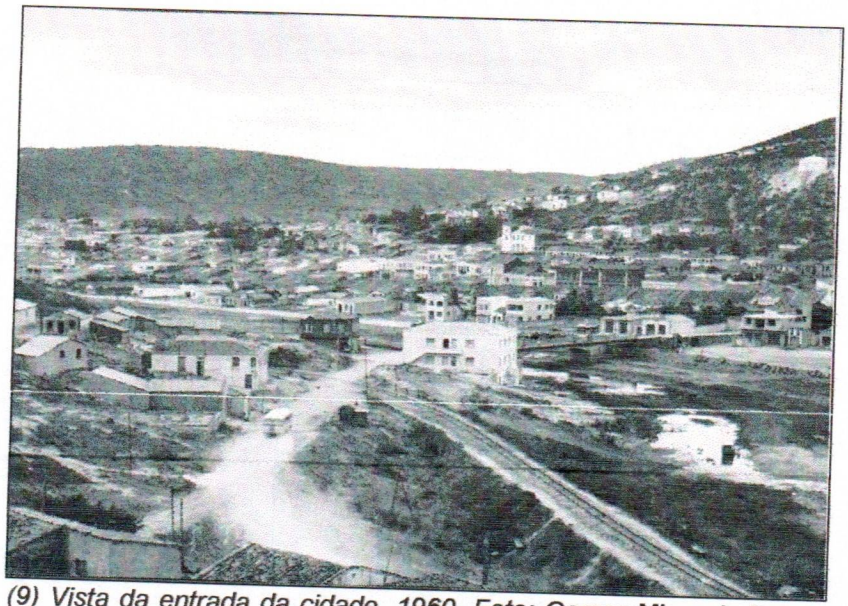
(6) Osmr Micucci e a Rolleiflex com a qual trabalhou por muitos anos em Jacobina. 2006. Foto: Valter de Oliveira



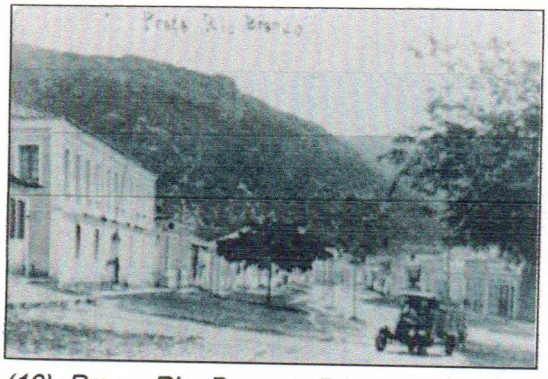
(7) Gavetas de parte dos negativos de Osmar Micucci referentes ao período pesquisado nesta dissertação. 2006. Foto: Valter de Oliveira

Vistas da cidade

(8) Uma das mais antigas vistas panorâmicas de Jacobina. Década de 1930. Foto: Juventino Rodrigues. Acervo Memória Fotográfica de Jacobina (cópia digitalizada).

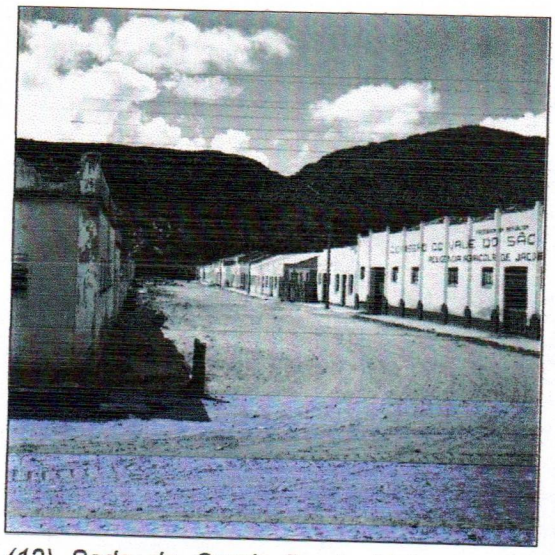


(9) Vista da entrada da cidade. 1960. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo.

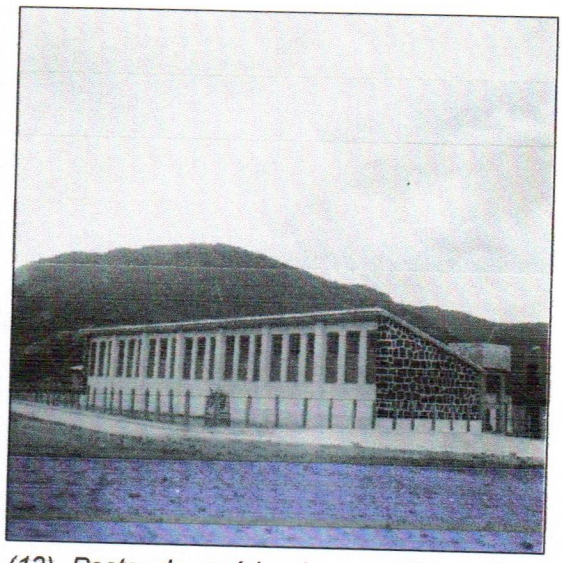


(10) Praça Rio Branco. Década de 1930. Foto: Juventino Rodrigues. Acervo Memória Fotográfica de Jacobina (cópia digitalizada).

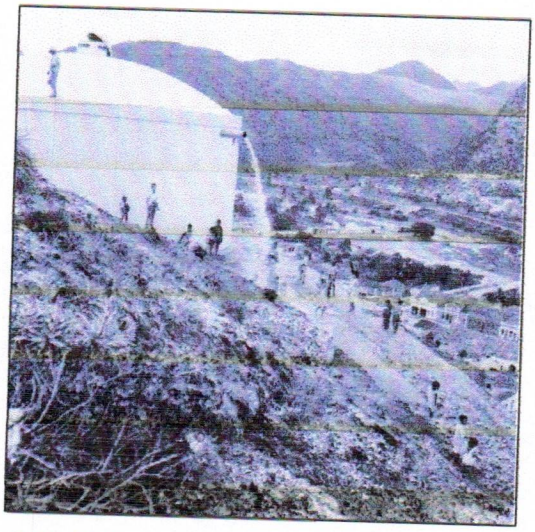
(11) Praça da Matriz. Década de 1930. Foto: Juventino Rodrigues. Acervo Memória Fotográfica de Jacobina (cópia digitalizada).



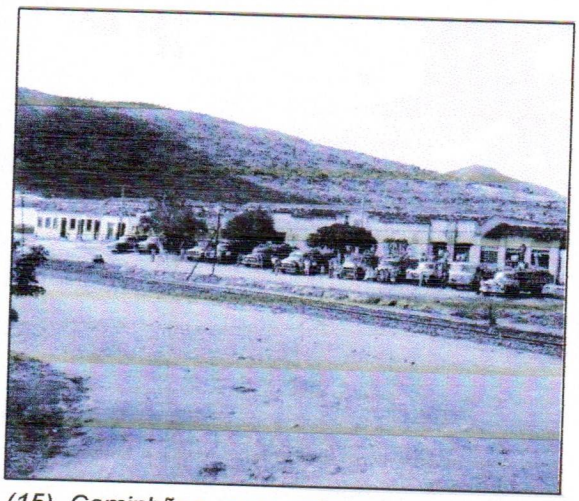
(12) Sede da Comissão do Vale do São Francisco. 1958. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo (negativo 6x6cm).



(13) Posto de saúde do município. 1956. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo (negativo 6x6cm).



(14) Caixa d´água. 1959. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo (negativo 6x6cm).

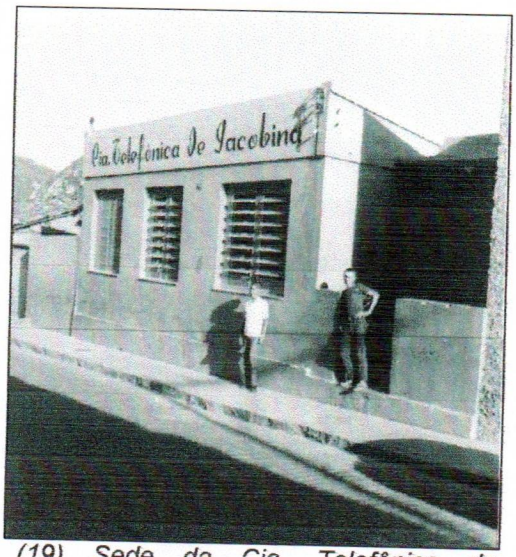


(15) Caminhões com safra de mamona no Largo da Estação. 1958. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo (negativo 6x6cm).

(16) Estádio Municipal de Jacobina. 1959. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo (negativo 6x6cm).

(17) Construção da Ponte Francisco Rocha Pires. 1960. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo (negativo 6x6cm).

(18) Central Elétrica de Jacobina. Data e autor não identificados. Acervo Memória Fotográfica de Jacobina (cópia digitalizada).



(19) Sede da Cia. Telefônica de Jacobina. Década de 1960. Foto: Amado Nunes. Acervo Memória Fotográfica de Jacobina .

(20) Matadouro municipal. 1963. Foto: Osmar Micucci. Acervo Família Barberino.

(21) Mercado municipal. 1963. Foto: Osmar Micucci. Acervo Família Barberino.

(22) Aeroporto de Jacobina na ocasião da chegada do deputado Manoel Novais. 1959. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo (negativo 6x6cm).

(23) Instalações do Hospital Regional Vicentina Goulart. 1956. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo (negativo 6x6cm).

(24) Desfile da Semana da Primavera. 1959. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo (negativo 6x6cm).

(25) Procissão subindo o largo da Missão. 1956. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo (negativo 6x6cm).

(26) Cartaz com fotografias indicando a moda de saias para o verão. 1958. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo (negativo 6x6cm).

(27) Festa da roda inglesa. 1958. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo (negativo 6x6cm).

(28) Bando Copacabana. 1957. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo (negativo 6x6cm).

(29) Fotomontagem feita por Osmar Micucci a partir de imagens no estádio de futebol da cidade. Década de 1960. Acervo particular do fotógrafo.